

**COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO
MERENDA**

**PRESIDENTE
MARCOS ZERBINI - PSDB**

31.08.2016

CPI - MERENDA**31.08.2016**

* * *

- Abre a reunião o Sr. Marcos Zerbini.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Havendo número regimental, declaro aberta a 8ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída pelo Ato nº 48, de 15 de junho de 2016, com a finalidade de apurar e investigar o fornecimento de merenda escolar em todas as escolas estaduais, nos contratos firmados por empresas e por cooperativas de agricultura familiar, com o Governo do Estado de São Paulo e municípios paulistas, além de eventuais ações de agentes públicos e políticos, para esclarecer se houve, ou não, prejuízo ao Erário.

Registro com muito prazer a presença dos nobres deputados Alencar Santana, Estevam Galvão, Adilson Rossi, Jorge Caruso, Beth Sahão, Chico Sardelli.

Peço ao secretário que faça a leitura da Ata da reunião anterior.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Sr. Presidente, solicito a dispensa da leitura da Ata da reunião anterior.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É regimental o pedido de Vossa Excelência. Fica dispensada a leitura da Ata da reunião anterior.

Quero também registrar a presença do nobre deputado Barros Munhoz.

Senhores membros da comissão, começaríamos então a proceder à oitiva das testemunhas convocadas e convidadas. O primeiro a ser ouvido seria o Dr. Leonardo Leonel Romanelli, promotor de Justiça de Brodowski. O senhor promotor mandou para a Casa a seguinte justificativa:

“Exmo. Sr, em atenção ao ofício supra referido, observo inicialmente que estamos à plena disposição dessa Casa parlamentar, para auxiliar no que for necessário e possível, para a apuração em curso, sob sua Presidência, sobretudo estando presente para contribuir pessoalmente com a investigação.

Dito isto, apontamos que, infelizmente, na data referida, 31/08/16, já temos anterior e inadiável compromisso profissional agendado, o qual pese, embora tentativa, não conseguimos reagendar. Com efeito, a partir de tal data, e até o dia 09 de setembro de 2016, resta impossibilitada a assunção de novos compromissos, daí porque, obsequiosamente, solicitamos, através da presente, na medida do possível, e do mais adequado para a continuação dos nossos trabalhos, o reagendamento para qualquer data, a partir de 12 de setembro próximo futuro.

Aguardando a decisão dessa augusta Presidência, apresentamos a V. Exa. nossos protestos de elevada estima e perfeita consideração. Leonardo Leonel Romanelli, promotor de Justiça.”

Isto posto, o promotor justifica a sua ausência, e penso que temos que reagendar uma nova data, para que ele seja ouvido, se for esse o entendimento da comissão. Ele solicita a partir do dia 12.

Só lembrando que, no caso do promotor, em função até da gravação trazida a esta comissão, duas reuniões atrás, não foi um convite, foi uma convocação.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Acho que devemos reiterar então, para a primeira quarta-feira após o dia 12.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Comum acordo?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Dia 14.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está bem? Comum acordo?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Dia 14, quarta-feira.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Então, reagendamos e reconvocamos o promotor, para prestar esclarecimentos aqui nesta Casa.

O próximo a ser ouvido seria o Dr. Rogério Valverde, que é advogado de vários membros da cooperativa, que também apresenta aqui uma justificativa pela sua ausência, porque ele está presente, mas ele declina do convite - no caso dele é convite - porque entende juridicamente que estaria impedido, em função do seu papel como

advogado de parte dos acusados em todo o processo investigativo, de prestar esclarecimento, e aqui justifica isto, mas por questões éticas obviamente.

Mas, em conversa com esta Presidência - porque aquilo que nos interessava do advogado era verificar as denúncias de que houve, de alguma forma, coação das testemunhas no inquérito policial -, ele se dispôs a fornecer a esta comissão todas as gravações que fez, que embasaram a representação do promotor e também, parece, de um dos delegados na Polícia Civil.

Então, ele já disse que trouxe essas gravações, e coloca à disposição a íntegra daquilo que foi gravado, e também trechos que ele selecionou, que entende de maior importância do fato.

Isto posto, consulto V. Exas. se estão de acordo com a dispensa da oitiva do Dr. Rogério Lemos Valverde.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Para título de conhecimento, são gravações de áudio, vídeo?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - São de áudio.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - E o senhor vai disponibilizar a todos os membros um pen-drive?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sem dúvida nenhuma. A ideia é, depositando, as gravações seriam entregues à CPI, e todos os membros da comissão têm acesso a essa informação.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Ok.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - De acordo, ou alguma discordância?

O SR. ADILSON ROSSI - PSB - De acordo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, colegas deputados, servidores que aqui estão, imprensa, estudantes, só para verificar se a TV Alesp está no ar, se está acompanhando a reunião, por favor.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Penso que sim, porque isso foi requerido. Mas vamos verificar, nobre deputado. (Pausa.) Está. A informação é que sim. Os técnicos da TV Alesp estão presentes, dizendo sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ao vivo?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mais alguma questão de ordem, deputado?

A terceira pessoa a ser ouvida, Sr. César Augusto Lopes Bertholino, funcionário da Cooperativa Orgânica Agrícola Familiar. O Sr. César está presente na Casa, acompanhado de seu advogado, e apresentou o seguinte requerimento:

“César Augusto Lopes Bertholino, já qualificado nos autos do processo em epígrafe, vem à douta presença de V. Exa. expor e requerer o que segue:

Considerando que o requerente foi convocado para prestar esclarecimentos nessa honrosa Casa Legislativa, fato que ocorreria em 16 de agosto do corrente ano; considerando que no curso das investigações o mesmo foi ameaçado e coagido por algumas autoridades, fato este que gerou denúncia junto a órgãos corregedores; considerando que em função disso o requerente está se sentindo amedrontado e receoso de prestar depoimento, que é exibido ao vivo em redes sociais e outras mídias, requer, em especial deferência, seja designada data futura ...”

Esse é o anterior. Ele já requereu data futura, que foi reconvocada para hoje, porém em sigilo, considerando-se à inteira disposição para justar e esclarecer todos os fatos, pois tem enorme interesse que a verdade real seja alcançada.

Então, o requerimento do depoente César Augusto, para hoje, é que ele seja ouvido em uma audiência reservada, pelo que eu entendi, sem a divulgação daquilo que vai ser dito por ele.

É esse o requerimento.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, o senhor estava lendo parte de um requerimento? O senhor leu o outro, com o mesmo teor?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Na verdade, o requerimento foi feito na primeira convocação. Ele disse que na data não podia, pediu a reconvocação, e na reconvocação pede para ser ouvido em sigilo, em função das ameaças, de que se sente coagido.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - De quais ameaças?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ele não fala. Só fala que tem se sentido coagido.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele registrou algum Boletim de Ocorrência dessas ameaças, Sr. Presidente? Ele informa?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não tenho nenhuma informação aqui no requerimento.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, tivemos alguns pedidos de reuniões reservadas, de uma pessoa que disse que estava fazendo delação, para não prejudicar a delação. Não lembro agora o nome exatamente de quem, e de uma pessoa que disse que estava, que juntou um Boletim de Ocorrência da ameaça.

Temos que tomar o cuidado para termos um parâmetro aqui. Qualquer pessoa dizer “estou sendo ameaçado”, e não junta nada, abrimos um precedente enorme.

Quero colocar essa questão para que a comissão pondere sobre isso, se vamos atender, sem qualquer prova do que ele disse, que está sofrendo ameaça, ou se simplesmente o falar dele já basta para termos uma reunião diversa da normal. Porque a normal é ter, de fato, uma reunião aberta ao público.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, inteiramente de acordo com o deputado Alencar Santana. Senão, ninguém mais vai depor, todos querem segredo, querem confidência, vão depor no banheiro, escondidinho. Não faz sentido. Estou plenamente de acordo, sem nenhuma comprovação, é muito frágil o pedido. Concordo plenamente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Quero aproveitar para colocar um outro requerimento, do Sr. Luis Carlos da Silva Santos, que também requer ser ouvido em reunião sigilosa porque, no caso dele, está tentando um acordo de delação premiada.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Se me permite, todos dizem “vou tentar”. Eu também estou tentando ganhar na loteria esportiva, então queria comprar uma ilha.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Use o expediente da convocação coercitiva, se necessário.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não, não. Nobre deputado, quero consignar a presença do nobre deputado Gilmaci Santos.

Os dois estão aqui, serão ouvidos de qualquer forma. No caso do Luis Carlos da Silva Santos, ele diz em sua petição, no requerimento feito pelo advogado, que se não for concedida a reunião sigilosa, ele se reservará o direito de permanecer calado. Só para esclarecer Vossas Excelências.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu gostaria, então, ...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - No caso da testemunha Luis Carlos da Silva Santos, ele está, na sua petição, também dizendo que, como ele tenta esse acordo de delação premiada, caso não seja ouvido em reunião reservada, ele vai usar do direito de permanecer calado, em função de ser investigado também na ação.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, acho que é importante também avançarmos nesse debate; isso apareceu um pouco na semana anterior. Eles estão vindo aqui na qualidade de testemunhas.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Portanto, na qualidade de testemunha, eles têm o dever de falar. Eles não podem mentir. Se eles estão na qualidade de réu, que eles tragam então uma decisão judicial, resguardando esse direito

dele, como há exemplos em outras CPIs. Porque nós estamos ouvindo aqui para que eles tragam informações, para que possamos apurar os fatos.

Não estamos aqui investigando o Sr. Luis Carlos. Não estamos aqui investigando o Sr. César. Estamos investigando os fatos que nós não sabemos quem são os responsáveis, quem são os culpados. Ou eles estão já se autocondenando?

Digo isso porque é um precedente enorme. Senão, todos, seja da Coaf, seja do governo, sejam outras pessoas, vão dizer que são investigados e, portanto, não podem falar. Isso, para a CPI, vai ser muito ruim, para os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Entendo a questão de V. Exa., deputado. Eu só não sou especialista na área, mas pela formação em Direito, que tenho, entendo que ninguém é obrigado a produzir provas contra si mesmo. No caso, eles estão sendo investigados no inquérito policial, foram indiciados no inquérito policial. Eu não sei se o procurador da Casa poderia nos auxiliar nisso, mas eu acho que eles têm a possibilidade de permanecer em silêncio.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Se eles são investigados, eles não são testemunhas. Eles são investigados, então, eles têm o direito, sim, de permanecerem calados.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É só uma questão de ordem jurídica, deputado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Deputado Estevam, V. Exa. teria razão, se eles fossem investigados.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Mas eles são investigados.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Estamos investigando aqui ...

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Eles estão sendo investigados.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por quem?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Pela Polícia Civil.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Foram indiciados onde?

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Eles não são ... então, eles não vêm como testemunhas.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Onde está isso, na comissão, que eles foram indiciados? Não, não sei se foram. O fato ou notícia no jornal não quer dizer que eles foram indiciados.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E se eles não foram indiciados, eles são testemunhas. Enquanto tal, têm que responder.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, são coisas, investigações diferentes, objetivos diferentes. Nós não podemos chegar aqui ao final da CPI e dizer: “Você está condenado a uma pena de três, quatro, cinco anos.” Não temos esse poder. Portanto, é outro tipo de investigação.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu enfatizaria ainda, Sr. Presidente, talvez ele aqui, juntamente com seu advogado, ele se convença de que não há diferença alguma entre depor numa reunião como esta, e numa reunião reservada. Não há nenhuma diferença. Acho que seria de bom alvitre, então, chamá-lo e colocar isso a ele, e ao advogado dele.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Todos de acordo com a colocação do nobre deputado Barros Munhoz?

O SR. ADILSON ROSSI - PSB - Eu gostaria de ter uma informação, se o pedido é para um depoimento sigiloso ou reservado. São duas coisas diferentes.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Pelo que eu entendi aqui... A informação feita pela assessoria é que eles pedem a reunião sigilosa, mas se

contentariam com uma reunião reservada, com a não divulgação da transcrição, como parece que ocorreu na reunião anterior. É isso? Com Adriano Miller.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Perfeito.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Nós tivemos a informação também, Sr. Presidente, na reunião passada, que o Sr. César já registrou essas ameaças na Corregedoria e no Ministério Público. É bom termos essa informação também.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Acho que seria de bom alvitre fazermos o que o nobre deputado Barros Munhoz sugeriu: pedir para que viessem aqui e ouvir as razões pessoais da própria testemunha e do seu advogado. Se todos concordarem, seguindo a ordem, peço para que tragam o Sr. César Augusto Lopes Bertholino, junto com seu advogado, Dr. Rogério Lemos Valverde.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sr. Presidente, queria fazer um questionamento a Vossa Excelência. Não se trata desse tema que estamos discutindo, mas da pauta que vai ser votada. Não sou membro efetivo da CPI, mas estou observando que na reunião anterior eu havia feito um requerimento verbal, sob a Presidência do deputado Adilson Rossi. Não entrou o requerimento verbal naquela reunião, da semana passada, que V. Exa. não estava presidindo.

Também estou observando que esse requerimento não entrou na pauta de hoje, que é, para seu conhecimento, o requerimento nº 121/2016, que requer a quebra dos sigilos fiscal, bancário e telefônico dos Srs. Cassio Izique Chebabi, César Bertholino e Marcel Ferreira Julio. E não está aqui, porque o senhor sabe que eles têm 15 dias, então, não entrando na reunião de hoje, vai entrar só na próxima. Vai atrasar a apresentação dessas respostas para a comissão.

Quero saber de V. Exa. e dos demais deputados, se não há possibilidade de incluí-lo, uma vez que foi dito aqui que seria votado.

O SR. CARLÃO PIGNATARI - PSDB - Deputada, ficou convencionado que o requerimento teria que ser por escrito. Vossa Excelência apresentou?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Foi feito. Nós fizemos por escrito, e S.Exa., o deputado Adilson, não incluiu na pauta. Achou melhor jogar para a semana seguinte, só que não está nessa pauta de hoje.

O SR. ADILSON ROSSI - PSB - Eu incluí na pauta, mas não houve consenso para que fosse votado na reunião anterior, por isso ele foi transferido para outro dia. Eu coloquei em votação no final da reunião, e não houve consenso. Se não há consenso, não há como você colocar o requerimento.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sim, mas poderia ter sido, então, incluído nessa, e não foi. Essa é a minha solicitação, para que seja incluído nesta reunião.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Aproveito essa questão formulada pela deputada Beth, para nós repactuarmos aqui os critérios sobre os requerimentos.

No início dos trabalhos da CPI, V. Exa. disse que os requerimentos de informação teriam prioridade, porque, até aprovar, ser encaminhado e voltar para nós, existe um tempo.

Alguns requerimentos de informação foram protocolizados, porém não estão na pauta. Gostaria de saber qual o critério para um requerimento entrar, e outro não entrar na pauta.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só para esclarecer, nobre deputado, primeiro, quero agradecer ao nobre deputado Adilson Rossi, por ter conduzido a reunião anterior, porque eu estava em viagem de representação, fora do Brasil. Queria agradecer a presteza e a boa condução de V. Exa. na reunião anterior.

Na verdade, nobre deputado, estou retornando hoje. Estou, na verdade, hoje tomando conhecimento daquilo que aconteceu na reunião anterior. É meio de praxe, realmente, colocar, nós colocamos na próxima todos os pedidos de requerimento. É que, na verdade, foi uma falha minha, por não ter chegado. O problema não é de colocar ou não colocar. Na próxima colocamos. Na próxima reunião eu me comprometo a colocar todos os requerimentos de informação que V. Exas. fizeram.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok. Só para complementar, então, a questão, em que dia fecha a pauta? Só para nós nos organizarmos, até quando podemos protocolar?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O limite é sempre dois dias antes da reunião porque, como foi combinado aqui, precisam ser publicados os requerimentos. Então, precisam ser apresentados 48 horas antes, em tese, para poder ser publicado no dia seguinte, e colocado na pauta no outro dia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então, em tese, até segunda-feira, eventualmente, o requerimento apresentado pode estar na pauta de quarta.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Exatamente. Até as seis da tarde, de preferência, para que possa ser publicado no Diário Oficial, nobre deputado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Então, só queria pedir desculpas, deputada, é realmente um problema pessoal meu, de ter chegado só hoje, e não ter dado tempo de colocar na pauta.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Eu já havia, previamente, conversado com o pessoal da assessoria, a pauta desta reunião.

Estão aí os depoentes, Sr. César Augusto e o Dr. Rogério Valverde? (Pausa.)

Sr. César e Dr. Rogério, eu li aqui o requerimento de V. Exas., para que fosse ouvido de forma sigilosa o depoente. Nas alegações que o senhor faz, doutor, não foi juntado nenhum Boletim de Ocorrência, nada, com relação às ameaças e tal. Na verdade, existe um pedido dos nobres deputados aqui, membros da CPI, de entender melhor, se houve registro, porque senão todos que vão vir aqui dirão que querem ser ouvidos de forma sigilosa.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - Bom dia, Excelência. Bom dia a todos. Na verdade, é apenas um pedido para que a reunião fosse reservada, no sentido de que meu cliente se sente constrangido e se sente ameaçado de alguma forma. Não houve, de fato, nenhuma ameaça pontual, para que justificasse uma ocorrência policial, então, um Boletim de Ocorrência.

Mas ele se sente, sim, ameaçado, porque foram denúncias feitas contra um promotor do Gaeco, contra delegado de polícia, então ele se sente, sim, numa reunião aberta, televisionada, exibida ao vivo, com manifestantes, enfim, ele se sente constrangido e com sua segurança em risco, do que ele possa falar aqui dentro.

Nosso pedido é para que não seja exibido na televisão, na TV ao vivo, e que não seja também gravada a reunião. Não há problema de deputados e assessores participarem, não há problema nenhum. É apenas essa exibição pública, que ele se sente constrangido e, aí, sim, pode advir uma ameaça mais séria.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Esta CPI é pública, não é possível que nós tenhamos ... até porque ele não traz nenhum documento para poder dizer que esta reunião tem que ser reservada. Essas ameaças são subjetivas, então, nós não temos nada de concreto. Não havendo nada de concreto, eu proponho aos membros da CPI que nós façamos as reuniões com transmissão ao vivo e com a presença das pessoas que aqui estão. Assim, elas podem acompanhar. Não há razões para que façamos uma reunião fechada.

As ameaças que o advogado do depoente coloca não têm nada de palpável. Acho que nós temos que manter a reunião aberta, porque a população tem o direito de acompanhar e formular os seus raciocínios da mesma forma que fazemos aqui. Só que nós temos acesso direto a quem vem a esta CPI.

Portanto, não vejo nenhum argumento para fazer com que o depoimento dele seja fechado. No caso de alguns depoentes da semana passada, foi diferente. No caso dele, não. Como disse o deputado Alencar Santana Braga, se todos vierem aqui e pedirem para fazer depoimento fechado, nós iremos comprometer, inclusive, o bom desenvolvimento da CPI. (Manifestação dos presentes.)

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mais algum deputado?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu faria um apelo ao Dr. Rogério, que tem colaborado com a CPI. Não vejo problemas, Dr. Rogério. Isso está na imprensa, faz parte da nossa vida. Não vejo que irá complicar em nada, com todo o respeito. Faria um apelo. É importantíssimo o depoimento dele para a CPI.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - “Data maxima venia”, Exas., ele realmente se sente constrangido em apontar o dedo. Nós apontamos o dedo sim pela formalidade, com denúncias nas Corregedorias.

Aqui a exibição é transmitida ao vivo e ele se sente...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Na mesma linha do deputado Barros Munhoz, quero pedir a colaboração de V. Exa. para que oriente o seu cliente a trazer informações a esta CPI, até porque o depoente também falou na Corregedoria. Esses documentos da Corregedoria são públicos e estão aqui.

Não quero fazer ilações, mas muito me estranha que ele vá a uma Corregedoria e deponha. À CPI, ele diz, Dr. Rogério, que não era obrigado a ir à Corregedoria, mas ele foi e depôs. Então, quero que ele tenha aqui essa mesma vontade e disposição que teve ao colaborar na Corregedoria.

Só para esclarecer, nós estamos aqui apurando a máfia da merenda. Não estamos apurando a conduta de um delegado ou de um promotor. Existem órgãos competentes para isso. Então, ele deve depor aqui sobre o que sabe, sobre o que envolve a máfia da merenda, a Coaf e, principalmente, os contratos com o Estado.

Nós não estamos aqui para avaliar as demais questões, até porque V. Exa. mandou um documento, um ofício, pedindo que não fosse ouvido, já que está trabalhando no caso. Isso nós entendemos corretamente, até porque não é o foco fazer qualquer outro tipo de investigação que não seja a máfia da merenda.

Portanto, aquilo que ele depor, como disse o deputado Barros Munhoz, estará nos Anais, estará registrado, estará em Ata. Não tem como não estar. Qualquer reunião, qualquer pronunciamento de um deputado, de V. Exa. nesse microfone, ficam registrados em Ata.

Então, queremos o depoimento dele sobre a máfia da merenda. Já que ele se sente constrangido sobre a questão que, porventura, envolve o delegado e o promotor, fique tranquilo. Não é objeto desta CPI. Isso tira qualquer possibilidade de constrangimento em relação aos promotores e delegados, se V. Exa. assim tiver.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Doutor, só para ajudar a esclarecer. Eu relatei a todos, além do requerimento que o doutor apresentou aqui. Essa formalidade de V. Exa. é um pouco complicada, mas, em relação ao que o doutor apresentou aqui, todos estão de acordo em dispensá-lo da oitiva.

O senhor havia se comprometido a deixar para esta comissão as gravações que ensejaram a representação no Ministério Público e na Corregedoria da Polícia Civil. Então, isso é só para informá-lo. Gostaria ainda de confirmar se o senhor se dispõe a deixar aqui as gravações feitas.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - Sim, nesse ponto acho que não há problemas. Eu declinei o convite, fiquei honrado com ele, mas tive que decliná-lo por questões éticas e profissionais. Já imaginei que o meu convite foi em decorrência das denúncias feitas em desfavor do promotor de Justiça e do delegado de polícia.

Nós trouxemos sim esses áudios e, caso haja interesse da CPI, nós podemos apresentá-los sem problema algum.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Existe sim o interesse. Eu gostaria que o senhor colocasse à disposição da CPI esses áudios.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - Sim, ok.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Agradeço. Com relação à oitiva, ok? Estão dizendo que o Dr. Rogério coloca que o seu cliente se dispõe a responder desde que, obviamente, tenha o direito de se manter em silêncio quando se sentir, de alguma forma, constrangido.

Só frisar - e o Dr. Rogério já sabe disso - que o senhor está aqui como testemunha e, nesta condição, obriga-se a dizer a verdade sob as penas da lei, tanto do ponto de vista civil quanto do criminal.

Então, só quero fazer esse alerta ao senhor. Sendo assim, às 09 horas e 53 minutos, todos aqueles que queiram fazer perguntas poderão se inscrever até às 10 horas e 53 minutos, respeitando o critério já adotado por esta comissão: dez minutos para os membros e cinco minutos para os suplentes e não membros da comissão, para fazerem as suas perguntas e questionamentos.

Aberta a inscrição para quem quiser fazer as perguntas.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, é de praxe sempre o depoente...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Bem lembrado por Vossa Excelência. Gostaríamos de pedir que o senhor, de forma muito sucinta, fizesse uma pequena apresentação, dizendo qual era o seu papel dentro da Coaf e como aconteceu o processo de uma forma geral. Enfim, que relatasse os fatos de uma forma muito sucinta para depois...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Relatasse os fatos, Sr. Presidente.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Bom dia a todos. Meu nome é César Bertholino e fui funcionário da Coaf no setor de vendas. Vendíamos no varejo e para as prefeituras, portanto, eu visitava as mesmas, apresentava os produtos da cooperativa e realizava as vendas. Essa era a minha função lá dentro da cooperativa. Enfim, veio à tona esse caso aí.

Eu entrei em setembro de 2013 e era registrado como funcionário. Muita gente falou que eu era diretor lá dentro. Falaram um monte de coisas que não tem nada a ver.

Eu era registrado como funcionário comissionado e com salário. Fiquei até janeiro deste ano. Acho que é isso aí.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não sabe mais nada dos fatos? Como aconteceu isso? Como se davam as combinações da Coaf e da Coagrosol? A relação com o Marcel e com essa turma toda, não pode falar mais nada?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A questão da combinação com a Coagrosol, quando eu entrei na Coaf, o Cassio me chamou foi me apresentada uma tabela com várias cidades. Em cada cidade, havia um nome, então estava lá: “cidade tal - Coaf; outra cidade tal - Cocer”.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só um minutinho, César. Está aqui o advogado do Luis Carlos. Como são testemunhos, queria pedir ao

doutor, por favor, que cada advogado aguarde com o seu cliente o momento de ser chamado.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu posso esclarecer. A reunião é pública, exceto para os advogados dos que vão depor e para os próprios depoentes.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Como é uma oitiva de testemunhas, fica complicado que as testemunhas acabem sabendo sobre aquilo que o outro depôs, doutor. Então, é a praxe da comissão. Por favor.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Respeitosamente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Respeitosamente, sem nenhum problema. Não é um problema de ordem pessoal, é de procedimento.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Pode continuar, Sr. César.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Cassio me apresentou essa planilha. Em cada cidade havia o nome de uma cooperativa. Ele ordenou que nós não poderíamos participar em nenhuma cidade onde houvesse o nome da Cocer. Abria a chamada lá e nós não podíamos participar de jeito nenhum.

Então, realmente havia essa planilha. Ele me apresentou e me proibiu, na época, de visitar qualquer cidade onde a Coagrosol ou a Cocer atuassem. Isso havia mesmo. Como funcionário, eu respeitei e não fui a nenhuma cidade. Algumas vezes, conversando com ele, eu disse: “Cassio, eu não concordo com isso”. Mas essa era uma regra entre eles, entre os presidentes da cooperativa.

Como mero funcionário, não pude fazer nada. Só respeitei a planilha e continuamos o nosso trabalho.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor conhece a diretoria dessas duas cooperativas que citou?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A diretoria, não. Da Cocer, eu estive com o Sr. Santo. Acho que ele é o presidente ou vice-presidente.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - São ligados ao Chebabi?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eram ligados. Na época, eram ligados. Para ter uma planilha dessas, em que um respeitava a cidade do outro...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Uma ajudava a outra para obter o contrato? Na questão dos preços, na formulação dos preços, na chamada, na concorrência da chamada?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, sim. Às vezes, pedia o orçamento. O Cassio sempre ligava e pedia o orçamento de uma ou de outra.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Na verdade, acho que uma cobria a outra. Uma auxiliava a outra. Ficava acertado que nessa prefeitura tal cooperativa iria ganhar.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Vamos pegar como exemplo a Prefeitura de São Paulo. Vamos supor que é a Coagrosol que fornecia o suco de laranja. O que acontecia? Como eram eles que forneciam, nós só mandávamos o orçamento. Eles ligavam para o Cassio e diziam que precisavam de um orçamento no valor 'x'. Mandávamos o orçamento a mais, eles entravam com o orçamento menor e ganhavam. Nós nem participávamos.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor falou da Prefeitura de São Paulo aleatoriamente?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Aleatoriamente.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas isso também funcionava na Prefeitura de São Paulo? Esse esquema?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Funcionava.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Funcionava? Era assim? Um cartel era formado antes e... Perfeito.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, quando abriu a chamada na Prefeitura de São Paulo, eu vim participar com a Coagrosol. Nós trouxemos um envelope e deu uma briga danada, à época. Eles acabaram ficando com a entrega na Prefeitura de São Paulo e, nos próximos anos, nós não poderíamos entrar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não entendi. Deu uma briga danada?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É o seguinte: nós viemos e acabamos entrando na chamada com eles. Eles não gostaram.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então, na Prefeitura de São Paulo, vocês disputaram para valer? Na Prefeitura, vocês disputaram para valer?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Disputamos para valer. Perdemos aqui.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Era combinado para quem ser o ganhador na Prefeitura de São Paulo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, quando abriu a primeira chamada, não teve combinação nenhuma. Nós chegamos e disputamos com eles. Só que eles ganharam, porque estávamos sem...

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Eles quem? Quem ganhou?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A Coagrosol. Eles ganharam porque estávamos sem o registro do produto. Como nós não apresentamos o registro da marca Coaf, nós fomos eliminados da chamada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Agora, me explica a questão do Estado. Como se deu...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Só um minutinho. E nas próximas licitações? O senhor disse que foi assim na primeira. E nas próximas chamadas?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eles ganharam a primeira. Nas próximas, nós nem participávamos.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Não participaram mais?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Já entrava naquela planilha.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Nem dando um preço menor?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nem no preço menor.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Eu só queria lembrar ao Sr. César de que outros depoentes que aqui estiveram disseram que havia uma divisão no Estado entre essas cooperativas. É o que ele está dizendo, mas ele também está dizendo...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu estou falando das prefeituras.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Das prefeituras?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na questão do Estado, nós viemos para competir com eles. Foi a mesma coisa na questão de São Paulo.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Da primeira vez em São Paulo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Da primeira vez em São Paulo. Nós entramos para competir. Se os senhores pegarem toda a documentação do

Estado, verão que ficamos classificados em segundo lugar. Quem foi classificada em primeiro lugar foi a Coagrosol. Nós perdemos a licitação no Estado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Isso em um dos produtos?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, foi só um produto. Foi só o suco de laranja.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Duzentos e um litros.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, eles não entraram na de 200 ml, porque eles não acharam o preço atrativo. Falaram que o preço estava muito abaixo e não entraram. Eles entraram para concorrer só na de um litro e ganharam a chamada contra a Coaf. Eles ficaram classificados em primeiro lugar. Vossas Excelências têm a documentação.

Só passamos a fornecer o suco para o Estado porque, como só tinham condição de fornecer 600 mil litros, eles fizeram uma reunião e aceitaram que nós entregássemos o restante, desde que eles entregassem primeiro. Quando terminassem de entregar, nós começaríamos a entregar. Vossas Excelências podem pegar a ata da chamada do Estado e verão: “1ª classificação - Coagrosol; 2ª classificação - Coaf”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O que mais o senhor sabe sobre o envolvimento do Marcel, do Jeter e do Moita? Dessas figuras que ajudaram a intermediar o contrato com o Estado e que teriam recebido vantagens?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, nesse contrato do Estado, o Moita não ajudou. Até onde eu sei, nesse contrato do Estado que foi aberto, ele não ajudou. O Marcel disse que ele iria ajudar na abertura de outro contrato para este ano no Estado. Isso foi o que o Marcel passou para mim. Entendeu?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Na semana passada, o Sr. Adriano disse que teria participado de uma reunião na qual o Marcel ligou para o Moita, combinando o aditivo e o reequilíbrio.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso é verdade. Na verdade, nós pedimos um aditivo. O Marcel voltou a nos ligar, falando desse reequilíbrio financeiro. Nós não entendemos nada do que seria isso. Por que você irá colocar um reequilíbrio financeiro onde? Se já havíamos terminado de entregar os produtos para o Estado, onde vai entrar o reequilíbrio financeiro?

Queríamos um aditivo, porque sabemos que a lei permite entregarmos até 25% do tanto que foi entregue no ano passado. Então, ninguém entendeu nada da questão desse reequilíbrio, mas ele bateu em cima: “Tem que ser reequilíbrio, tem que ser reequilíbrio, tem que ser reequilíbrio”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por que vocês ouviriam e aceitariam a sugestão dele?

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Queria só entender se já estamos na fase de perguntas. Acho melhor organizarmos.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não estamos, mas V. Exa. tem toda razão. A partir de agora fazemos as inscrições. Vamos respeitar as inscrições.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Acho que deveria ser perguntado ao inquirido se ele terminou a sua explanação e se ainda tem alguma coisa para falar. Depois disso, abriríamos a palavra.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É só isso mesmo.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Era só isso mesmo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Por enquanto, só.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Terminada a exposição então. Na verdade, a sua exposição sofreu um pouco de interrogações para que completasse algumas informações.

Seguindo a norma desta comissão, abertas as inscrições, temos a primeira deputada inscrita, a deputada Beth Sahão. Antes, porém, quero registrar a presença das nobres deputadas Ana do Carmo e Marta Costa. Obrigado pela presença.

Tem a palavra a nobre deputada Beth Sahão pelo tempo de cinco minutos.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O César disse que era funcionário de vendas. Por ser um funcionário registrado, comum, como o senhor mesmo relatou, o senhor tinha bastantes informações no que diz respeito às vendas. O senhor tinha informações de como isso se dava, dos contratos e das vendas para o Estado e para as prefeituras. O senhor participava disso tudo.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu tinha informações das prefeituras das quais participei. Em relação às outras, a Coaf tinha muitos representantes nas ruas, então, eu posso responder pelas que eu participei.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor também participou aqui no Estado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do Estado, fui eu.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nessa sua participação no Estado, havia envolvimento nesse esquema; em sua opinião, esses contratos eram fraudados?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Fraudados em que sentido?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - No sentido de poder ajustar preços, de poder tirar empresas da participação...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - De poder, por exemplo, vender suco de laranja das grandes indústrias quando se falava que era da agricultura familiar. Ao invés de pegar da agricultura familiar, era vendido da grande indústria. Havia auxílio de agentes públicos nessa prática?

Afinal, temos informações do envolvimento de alguns agentes públicos. Como era o senhor que lidava diretamente com as vendas, queria saber se o senhor tem essa informação para nos passar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, só queria que V. Exa. esclarecesse ao advogado que ele não pode orientar o teor da resposta do cliente. Ele pode intervir se for uma questão procedimental sobre os trabalhos da CPI.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Peço ao advogado...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Eu fiz a pergunta e estou aguardando a resposta.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, desculpe-me. Eu não peguei o final da pergunta da senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sr. Presidente, gostaria de fazer uma questão de ordem. Gostaria que V. Exa. alertasse o depoente, reiterando que ele deve falar a verdade.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Isso foi feito.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi feito. Ele falou. Desculpe-me, mas gostaria que a senhora terminasse a sua pergunta, porque eu não peguei o final. Por favor.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Perguntei para o senhor se havia essa prática de fraudar as licitações. Perguntei ainda se o senhor tem conhecimento do envolvimento de agentes públicos nessa prática. Como era? O senhor disse que era um simples funcionário de vendas, mas o senhor tinha uma relação bem estreita com esses agentes.

O senhor tem um conhecimento mais profundo e, por isso, gostaria que o senhor trouxesse para nós a sua participação, com quem o senhor participava e qual é o seu conhecimento sobre a participação de agentes públicos na facilitação dessas licitações. Também perguntei para o senhor se parte do suco de laranja fornecido vinha da

indústria, dizendo que era comprado da agricultura familiar, quando isso não era verdadeiro.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, isso não se tratava da minha área lá dentro. Havia alguns indícios lá dentro que sim.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Quais indícios?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Indícios assim: o pessoal comentando lá, entendeu?

Mas eu não sei, porque não era eu quem comprava o suco. Eu não sei nada da parte de campo. Nessa parte, quem fazia tudo era o Sr. Cassio. Então, acho que ele poderá responder melhor quanto a essa situação.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Qual era a sua relação com o Sr. Cassio?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Extremamente profissional. Ele era meu chefe, e eu tinha uma relação extremamente profissional com ele.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe qual era a função dele nesse esquema da merenda?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tudo. Era ele quem comandava. Primeira coisa: ele deixou bem claro para nós que aquela cooperativa era dele. Quando eu entrei lá, ele deixou bem claro que era ele quem mandava, e ninguém mais tinha voz ativa lá dentro, nem o diretor, nem ninguém.

Ele tratava aquela cooperativa como se fosse dele, e não como se fosse uma cooperativa normal, em que os diretores tinham voz ativa, em que se expunham as situações e se votava. Não havia nada disso.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor entende que aquela era uma falsa cooperativa? Ela não é cooperativa.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim. Ninguém tinha voz ativa lá dentro. A palavra era só dele e acabou.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Já que era uma falsa cooperativa, não era uma cooperativa, como ela pode, em sua opinião, ser vencedora da chamada pública do Estado mesmo com pendências? Ela tinha pendências no Cadin. Quanto tempo foi concedido para a Coaf para que ela regularizasse essa pendência? Como é que se ganha uma licitação quando há problemas na própria documentação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O próprio edital disse que, em relação ao Cadin, você tinha cinco dias úteis para regularizar.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E foi regularizado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi regularizado e foi apresentada toda a documentação da regularização do Cadin. É por isso também que nós entregamos o suco.

No dia da chamada, na mesa, o Sr. Yuri estava lá. Se não me engano, esse era o nome do representante da mesa. Ele deixou bem claro que o edital dizia que tínhamos cinco dias úteis para apresentar a quitação do Cadin. Então, nós apresentamos a quitação do Cadin, senão não entregaríamos o suco.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E a participação de agentes públicos nesse esquema? Qual é o conhecimento que o senhor tem sobre isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O único agente público que sei que participou disso foi o Sr. Jeter.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O Sr. Jeter?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Sr. Jeter. Ele tem um contrato com a cooperativa. Não sei se estava com o Sr. Marcel. Foram assinados dois contratos: um do Sr. Marcel com a cooperativa, que o Marcel era representante, e um do Sr. Jeter.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Por que o Jeter? Foi assinado um contrato com ele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi, o Jeter fez um contrato no nome dele.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Em nome dele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele quis ainda...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse que o Marcel era representante, mas o Jeter era o quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, quem conversou com o Jeter foi o Sr. Marcel.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas por que tinha contrato com o Jeter?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Porque o Jeter diz que facilitaria. Ele disse para o Cassio que facilitaria o contrato do Estado, mas depois fomos ver que não era nada disso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Então houve a participação de agentes públicos?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele disse o quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele disse que ajudaria na abertura do contrato no Estado, mas depois irei contar umas histórias aqui. Nós vimos que não era nada disso.

Na verdade, o cara estava endividado até o pescoço e queria dinheiro de qualquer jeito. Agora, não sei qual foi a combinação dele com o Sr. Marcel. Até a mim isso não

chegou. O Marcel chegou com esses dois contratos, botou em cima da mesa e disse que teria que assiná-los. Só isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O Jeter está aposentado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei, ele está?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Aposentado. O senhor sabe como esses agentes públicos chegam a ter essa relação com uma cooperativa numa cidade do interior de São Paulo? O senhor tem noção de como isso se dá? Como se dá essa aproximação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É o que estou falando para a senhora. O único agente público com quem tive contato foi o Sr. Jeter, em relação aos contratos que eu fiz. Nas outras cidades em que participei, não foi feito acordo com ninguém. Foi feita a venda normal. Por quê?

Porque essa era uma verba que vinha do FNDE, e as prefeituras precisavam gastá-la. Não tinha cooperativa para usar isso. Portanto, quando chegávamos, não havia dificuldade para vender o produto. A verba estava lá, e a prefeitura estava precisando.

Como sabemos, as prefeituras estão todas enforcadas, precisando de verba. E com verba parada? Então o pessoal, de um jeito ou de outro, acabava comprando.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor fala de uma forma que parece que todos esses trabalhos de investigação não têm razão de ser, porque tudo foi tão normal, tudo foi tão dentro da normalidade, da legalidade, que então o que se apurou, até agora, foi tudo fantasia, porque...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não. É o que estou falando para a senhora...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Não é possível.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na questão do Estado, eu falei para a senhora que teve a participação do Sr. Jeta. Na questão das prefeituras, que eu participei...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Foi tudo normal.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Teve essa normalidade. Agora, teve quando eu entrei na cooperativa, e depois que eu entrei teve várias prefeituras que foram feitas.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Dá licença só um minutinho. Foram feitas o quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foram feitas vendas...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Vendas, assim com propina? É isso que o senhor disse? O senhor disse isso.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Escutamos lá dentro. Teve uma...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E lá fora, não. Só lá dentro.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor sabe que tinha propina nas outras comissões?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tinha. Americana teve; Barueri teve.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Onde mais teve? Araras, teve?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Araras? Não sei. Não sei informar.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Era o senhor que vendia para Araras?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não fui eu.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Não era?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi o Sr. Joaquim.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sr. César, quanto a Coaf recebeu de todos os contratos com o Estado? Desse montante, o senhor tem conhecimento quanto foi repassado para agentes públicos ou colaboradores, quem e quanto? Porque o senhor falou que fazia vendas com o Estado. Então o senhor tem noção de quanto o Estado recebeu dos contratos, e o senhor tem noção também se foi repassado para alguns agentes do Estado, se foi e quanto foi repassado para esses agentes?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Olha, no contrato do Estado, foi pedida a comissão de 10%, na verdade.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Quem pediu?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade foi o Sr. Marcel, na época. Na verdade desses 10%, eu ficava com 2%, como vendedor, na verdade eu tinha... quando eu entrei na cooperativa eu teria 5% de venda em cima de todos os contratos que eu fizesse, mas não eram pagos. De 5%, às vezes pagavam 1, 2%, que o Cassio para pagar era terrível. Eu fiquei com 2%, o Sr. Marcel apresentou um contrato de 6% no nome da cunhada dele, escritório de advocacia...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Como ela chama?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Vanessa Mascaro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o nome do escritório, o senhor lembra?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não lembro. Eu lembro que foi feito no nome da cunhada dele, Vanessa Mascaro.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Ela é advogada?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ela é advogada. Foi feito o contrato no nome dela, e o contrato do Sr. Jeter, que ficou com mais 2 por cento.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor conhece o Sr. Sebastião Misiara, o Sr. Emerson Girardi, o Sr. Leonel Julio, o Sr. Luiz Carlos Gutierrez, o Licá, e o Fernando Carlomagno? E qual a função que cada um deles tinha nesse esquema?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Fernando Carlomagno, quando eu entrei na cooperativa ele já havia saído. Eu não tive contato com ele. O Emerson Girardi era vendedor dentro da cooperativa, também, e não tínhamos muito contato.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Ele tinha a mesma função que o senhor, então?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, sim. Não tínhamos muito contato, porque viajávamos muito, então não nos encontrávamos muito. O Sr. Sebastião Misiara, nunca estive com ele. Ele é tio do Emerson. E quem mais?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Leonel Julio e Luiz Carlos Gutierrez, o Licá.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Sr. Leonel Julio, eu conhecia, tinha contato com ele, e o Licá...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Onde ele trabalhava? Qual era a função dele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Quem?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O Leonel Julio.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, ele não trabalhava, não tinha função nenhuma.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Não tinha função nenhuma?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor só o conhecia, mas não...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Em questão da Coaf, não. Era o Sr. Marcel.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O Marcel, nenhuma atuava?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E o senhor Luiz Carlos Gutierrez, o Licá?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Sr. Luiz Carlos Gutierrez, nunca estive com ele. Eu o conheci de ouvir falar do Marcel. O Marcel falava muito dele, mas...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Deputada, um aparte, por favor?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Pois não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor nunca esteve com o Dr. Misiara?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Eu o conheci, ele esteve na cooperativa, mas sentar e conversar com ele, não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E na reunião que teria participado o senhor, o Cassio Chebabi, o Emerson, o Girardi, que é o sobrinho dele, e ele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Reunião?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse isso.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse aqui no depoimento, que participou de uma reunião, quando se dirigia a São Paulo, onde realizara uma reunião com o Dr. Misiara, tio de Emerson, natural de Bebedouro e Barretos.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ah, tudo bem. Não, eu não participei da reunião. Eu estava com Cassio Chebabi; o Cassio foi para a reunião com o Sr. Misiara, no escritório dele, lá na Pamplona. Eu aguardei lá embaixo. Subiu o Emerson, o Cassio e o Sr. Misiara. Eu não participei da reunião. Eu fiquei lá embaixo. Eu estive junto...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor lembra mais ou menos em que ano ocorreu essa reunião?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - 2014. 2015. Não, 2014.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - 2014?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Algumas pessoas falaram, um dos depoentes aqui, acho que o Sr. Carlos Alberto Santana, o vice-presidente, que depois se tornou presidente na diretoria que V. Exa. ia participar, que o Dr. Misiara estava intermediando esse contrato com o Estado, o primeiro contrato.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, o Cassio falou. O Cassio disse isso.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Que o Dr. Misiara estava... Aí deu errado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Deu errado. Não sei responder por que, mas...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A informação do Carlos Alberto Santana foi o seguinte: quando estava o Misiara deu errado, quando entrou o Marcel, deu certo. Procede?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Procede.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então, na verdade, o Misiara, o presidente da União dos Vereadores, não conseguiu o contrato.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O Marcel, não sei como, não sei qual o poder dele, particularmente, não o conheço, ele conseguiu?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Só queria que o senhor me esclarecesse... Deputado Alencar, terminou?

Não ficou muito claro para mim a sua relação com Sr. Luiz Carlos Gutierrez, o Licá. O senhor poderia só me dizer se o senhor o conhecia...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Não o conheci.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor não o conhecia? O senhor nunca tinha ouvido falar?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu ouvi falar do Marcel, o Marcel falava.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E falava o quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Comentava sempre dele.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas ele tinha algum papel efetivo nesse esquema?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Que é do seu conhecimento não?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Do meu conhecimento, não. A senhora vai ter que perguntar para o Sr. Marcel.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Tudo bem. Há uma matéria publicada no jornal “Folha de S.Paulo”, intitulada “Pivô da Máfia da Merenda apresentou declaração falsa para ganhar contrato”. E aponta que a cooperativa entregou à Secretaria uma declaração falsa de que era registrada na Ocesp, Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo. Esse fato era de conhecimento do senhor? E se agentes políticos, como os dirigentes da Secretaria da Educação, e o Moita, sabiam dessa estratégia e ajudaram que ela se realizasse? Que ela de fato se tornasse realidade?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Moita...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Na verdade, há uma matéria num importante jornal do Estado, na “Folha de S.Paulo”, que disse que essa declaração de registro na Ocesp era falsa. Era uma declaração falsa. E que esse fato, quero saber se o senhor conhece isso. E que essa declaração falsa se deu com a ajuda dos dirigentes da

Secretaria da Educação e também com o Sr. Moita, que eles sabiam dessa estratégia e que ajudaram a realizar.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Quero saber se o senhor tem esse conhecimento.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não. Parte documental, quase não tive conhecimento. Não sabia disso, e muito menos que o Moita interferiu em relação a isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Tudo bem. Quando o senhor disse da comissão...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só para lembrar, deputada, a última pergunta, que já passou do seu tempo.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - É a última pergunta. Só queria perguntar para ele: quando ele disse da comissão de 10% que se dava na Secretaria da Estado, se ele tem noção, se ele sabe para onde ia essa comissão.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O dinheiro era entregue na mão do Marcel. Dali para frente, não sabemos para onde foi.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor não sabe?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu entendo que uma parte ia para o Sr. Jeter, porque ele tinha um contrato com a cooperativa. Eu acredito, agora...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor acredita que seja o Sr. Jeter?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O Jeter, então, recebeu o dinheiro?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Acredito que sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Há um cheque que seria para ele, foi para o Merivaldo.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, esse cheque, o que aconteceu? Ele pediu esse cheque...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - De que valor era o cheque?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - 50 mil.

Ele pediu esse cheque...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Jeter. Ele pressionou o Cassio, pressionou todo mundo, que estava precisando de dinheiro...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Pressionou como?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ligava, fazia ameaças.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Fazia ameaça?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ameaças. Opa!

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Tipo ameaça assim: “Se não me pagar, vou abrir minha boca?”

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, tipo assim: “Se não me der esse cheque...”

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nobre deputada, só queria lembrar aqui que não se pode induzir...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele ameaçava como?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está dizendo que ameaçava. Deixe-o dizer de que forma se ameaça, e não...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele ameaçava o Sr. Cassio que iria cancelar o contrato do Estado. Só isso. Que não iria sair o contrato. Então ele pediu esse cheque, foi dado o cheque para 90 dias para ele, só que esse cheque foi depositado com 30 dias. O cheque voltou, e ligou na cooperativa um senhor de nome José Merivaldo. O que ele disse em relação ao cheque? Ele disse que havia trocado...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Disse para quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele disse para o Cassio que havia descontado esse cheque para o Sr. Jeter. O Sr. Jeter estava precisando de dinheiro. Ele deu o dinheiro para o Sr. Jeter, ficou com o cheque. Tipo uma agiotagem, sei lá, se cobrou algum juro, alguma coisa. Deu dinheiro e ficou com o cheque, na garantia. É que o cheque havia voltado e que ele queria receber o cheque. Só isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Era comum a cooperativa emitir cheque sem fundo?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nobre deputada, só dizer que já acabou o seu tempo já há um bom tempo.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Próximo deputado inscrito, Chico Sardelli.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Rapidinho, presidente, são duas questões, só. O senhor era funcionário...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Doutor, mais uma vez, presidente. Penso que o doutor...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Está pedindo para desligar o celular que está tocando. Só isso.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nobre deputado Chico Sardelli, com a palavra.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Sr. Bertholino, o senhor disse, no início da sua fala, que iniciou o trabalho em 2013, setembro de 2013. É isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor era funcionário registrado da Coaf?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Registrado em carteira.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Em carteira? E o senhor disse também que recebia um salário fixo de registro...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - E uma comissão por venda, que beirava a casa de 5 por cento.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, ficou combinado 5%, mas teve cidades que nós nem... No meu caso eu nem recebi.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Muito bem.

Eu gostaria de saber, o senhor colocou aqui das cidades que o senhor trabalhava diretamente, e com quem tratava nas cidades.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Mogi das Cruzes, Pitangueiras, Mogi, espere que me deu branco agora. Faz tempo.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - Interrompa-me caso não seja possível. É que são tantas cidades. O Sr. César foi ouvido dois dias seguidos lá em Bebedouro, pelo Dr. Herbert, promotor de Justiça, e eu estou com os depoimentos aqui. Então, caso haja interesse, nós podemos, inclusive, também juntar aos autos esses depoimentos, que são de oito páginas cada um, detalhando cada prefeitura, cada participação, cada agente, enfim.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Seria importante, presidente, muito importante.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Os depoimentos que foram feitos onde?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Bebedouro, na delegacia. Eu estive lá com o Dr. Herbert, acompanhado do meu advogado. Ela estava com uma pilha de todos os contratos da cooperativa, e foi perguntando de um por um. E está aqui o depoimento, está tudo aqui o que eu disse.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor explicou, contou toda a verdade?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Toda a verdade.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Nesses depoimentos, na polícia, também o senhor disse toda a verdade?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor pode deixar as cópias com a comissão, doutor?

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Terminou, deputado Alencar?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só consignar, deputado, que está deixando aqui cópia das suas declarações na delegacia...

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Eu pediria que V. Exa., presidente, pudesse nos enviar uma cópia a cada...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ela fica à disposição aqui na Secretaria, para todos os membros da comissão, deputado.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Está certo.

Vou reformular a minha pergunta, Bertholino. Quais as principais cidades que o senhor tinha os seus clientes?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Mogi das Cruzes, Cotia, Ribeirão Pires, Pitangueiras, Mairinque, Mairiporã.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Nessas cidades havia o volume maior de negócios?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É, pela questão do volume maior de negócios é porque eram as cidades que recebiam mais verbas para gastar com... A verba vem de acordo com...

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O contato do senhor diretamente nessas cidades se dava através da prefeitura, e em algumas...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nutricionistas.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Nutricionistas, sim, mas diretamente na prefeitura, funcionárias da prefeitura.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim. Não tem como fugir disso.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor ouviu falar ou tentou, ou procurou alguma cidade através das Câmaras Municipais?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Nenhum? Não teve nenhum agente político...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Que o procurasse, presidente de Câmara, vereador, para poder intermediar?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Em algum momento o senhor abriu uma empresa, o senhor tem uma empresa?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, eu tinha a empresa aberta. Eu só estava regularizando. Por quê? A Coaf estava pagando tudo em dinheiro, não estava emitindo cheque. As contas da Coaf no banco estavam bagunçadas. O que acontecia? Caíam pagamentos lá, o pessoal ia lá e retirava o dinheiro, porque as contas estavam todas estouradas, não tinha cheque, não tinha nada. O pagamento era feito em dinheiro. Assinávamos holerite. Comissões eram feitas em dinheiro, só que as comissões nós assinávamos; eles faziam um papelzinho lá de comissão e nós assinávamos. Não era recolhido imposto em cima disso. Como você faz movimentação de dinheiro dessa? Eu iria emitir a nota, recolher o imposto, e em cima daquilo de direito meu, nada mais isso.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Quer dizer, essa empresa existia. Como é o nome da empresa?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A minha?

O SR. CHICO SARDELLI - PV - É.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - C.A.L Bertholino Consultoria.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Vou fazer a mesma pergunta, de uma forma diferente: o senhor foi obrigado a abrir essa empresa para justificar pagamentos junto à cooperativa Coaf?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, obrigado, não.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Em momento algum?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Obrigado, não. Mas eu resolvi abrir para eu justificar minhas comissões, porque...

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Sei. E através dessas notas emitidas para a Coaf...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não cheguei a emitir nota nenhuma.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Nenhuma?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não deu tempo, não; não ficou pronta a empresa.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Então a empresa não existe?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ela existe, só que ela estava pendente de um último documento para eu começar a emitir a nota fiscal. Entendeu? Não deu tempo. Aí estourou a operação e...

O SR. CHICO SARDELLI - PV - E o senhor não foi obrigado a abrir essa empresa? A Coaf não o obrigou a abrir essa empresa para poder emitir nota, para poder sacar verba, dinheiro através dessa... para fazer dinheiro?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Em momento algum.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Presidente, por ora... Tenho algumas outras perguntas...

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Posso usar um pouquinho do seu tempo?

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Pois não.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Quero esclarecer uma questão. O senhor falou, no início, que nas cidades em que o senhor era o vendedor que não houve pagamento de comissão, o senhor nunca negociou. E, pela relação, o senhor era vendedor de muitas cidades. Perfeito?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Isso quer dizer o seguinte: em todas essas cidades em que o senhor era vendedor, nunca houve pagamento para algum agente público, em função do contrato firmado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Perfeito.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tanto é que a polícia não conseguiu levantar prova nenhuma, em relação a isso.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Ao mesmo tempo, o senhor fala aqui que tinha conhecimento internamente que em algumas cidades eram feitos pagamentos

dessa natureza. Se ocorriam nas outras cidades, o senhor sabe quem negociava por parte da Coaf, se era o vendedor, um diretor, esses pagamentos de benefícios...?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Cassio.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Não era o vendedor que fazia isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, o vendedor levava até o Cassio.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Levava quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, a situação. Pelo que eu sei, o vendedor levava a situação até o Cassio. Ele que resolvia tudo. Chegava tudo às mãos dele. Como é que um vendedor vai fazer uma negociação sem a participação do presidente? Não existe.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - O senhor tem conhecimento de algum desses casos? Como se deu uma operação dessas? Foi a Administração pública, um agente público que pediu benefício, ou o vendedor que ofereceu benefício, ou o Cassio que ofereceu benefício?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nessa questão, não sei falar quem pediu, quem ofereceu. Sei que teve em Barueri, houve um problema até de troca até de envelopes lá. Foi o Sr. Emerson que realizou a venda lá, e a Coagrosol havia ganho a chamada. Entendeu? Eu acho que foram e trocaram o envelope, colocaram o preço da Coaf mais barato lá, entendeu? E aí eu sei que houve pagamentos lá, porque o Cassio fez pagamento em cheque, na época. E os cheques voltaram. O Sr. Emerson esteve na cooperativa, bravo, com os cheques sem fundo, cobrando o Cassio. Isso todo mundo viu lá. Todo funcionário viu lá.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Deixe-me perguntar uma coisa: o senhor citou novamente a Agrosol. No contrato, na chamada do Estado, foi a Agrosol. Na prefeitura, foi a Agrosol. Na região, Agrosol. Havia uma lista de cidades que o Cassio

pedia para respeitar, em contrapartida a Agrosol fornecia orçamentos para cidades que, em tese, ficariam com a Coaf. Quantas cooperativas há no Estado para participar de chamada pública? Porque, num primeiro momento, parece que só há duas. Duas, três.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Que eu conheço, quatro.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Coser, Agrosol...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Coser, Agrosol, Coaf e a Coperfam. Mas a Coperfam...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E a Horta Mundo e a AOB? O senhor conhece?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu fiquei sabendo dessa Horta Mundo acho que uns seis meses antes de estourar essa operação aí. E quando eu fui fazer o depoimento dessas prefeituras lá, o Dr. Herbert me mostrou uma por uma. Inclusive com a assinatura do Sr. Fossaluzza, que esteve aqui, se fez de santo aqui, várias assinaturas desses orçamentos falsos dele. Ele fazia isso daí. Ele era o “controler” lá dentro, ele começou a controlar tudo isso lá dentro. Isso foi tudo ideia dele.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Então há quatro? Essas quatro empresas, quatro cooperativas, hoje, detêm todo o controle da agricultura familiar e venda para as prefeituras no estado. Seria mais ou menos isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É praticamente. São cooperativas de suco de laranja. Parece que a Coagrosol agora entrou, fez suco de goiaba, tangerina, na época, para fugir um pouco da...

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - A título de curiosidade também, suponhamos que a prefeitura fosse comprar o suco de laranja, de um litro, de uma empresa tradicional de suco. Qual era a diferença de preço entre a prefeitura comprar de uma empresa tradicional e de uma cooperativa? Quanto havia de diferença de preço, na prática? Não em tese.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Olha, eu não sei explicar em porcentagem, entendeu? Mas se você pegar uma licitação e uma chamada pública é completamente diferente.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Perfeito.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A questão da agricultura familiar, o que acontece? Uma indústria, hoje, massacra o produtor. Ela quer comprar o preço da caixa lá embaixo. Da cooperativa, não. Até o ponto que eu sei, a cooperativa pagava bem mais alto o preço da caixa de laranja.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - E vendia bem mais alto também.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É, porque você tem um custo alto. A indústria, o nosso lá era tudo terceirizado, envasamento terceirizado, moagem do suco terceirizada. O custo se torna mais alto. Se você tem uma indústria, o custo é bem mais baixo. Você compra a laranja por um preço mais baixo, e você tem indústria.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Mas vocês não tinham referência: “Olha, estou vendendo suco de laranja a dois reais o litro, mas a indústria vende por um.” Só para ter um parâmetro, para ter uma noção.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É porque é o seguinte: o nosso suco de laranja é 100% natural. Vocês têm que levar isso em conta. Se o senhor for ao supermercado, a gente tira por base, não sei se alguém conhece Naturacitrus, Jacobinho, que são sucos de laranja 100% natural, eles são vendidos a oito, nove reais o litro, no mercado, hoje, porque ele é um suco 100% natural. Se você comprar um suco néctar, ele é 40% suco e os outros 60% são de água.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - O que o senhor está dizendo, na prática, é em relação à qualidade?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - À qualidade.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - A qualidade do que é vendido pelas cooperativas é melhor...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Melhor do que...

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Do que o Estado e o município compram de uma empresa tradicional.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso o senhor pode tirar aí, pode ir a qualquer prefeitura aí e conversar com as nutricionistas, que elas estão dando prioridade para o suco 100% natural. Estão pagando um pouco mais caro, mas o alimento também é melhor para as crianças.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Um aparte, deputado.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Pois não, deputada.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Então por que se comprava da indústria também? Não entendo isso. Inclusive porque a cooperativa é criada exatamente para poder atender... Eu pedi um aparte para o deputado.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É que, na verdade, o aparte é para o deputado Chico Sardelli.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Não há problema nenhum em lhe ceder, terceirizar o meu aparte.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Ah, a palavra está com Vossa Excelência.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Mas eu já havia terminado. O meu tempo restante eu cedo...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O seu tempo restante já esgotou. (Risos.)

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Mas eu volto durante o depoimento dele, para poder fazer outras perguntas. Obrigado. Desculpe-me.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Imagine! Só queria esclarecer. Quando você montou essa cooperativa, qual é a lógica dela? Qual o objetivo? Ela comprar, e aí depois foi ganhar dinheiro, não é, deputado Estevam Galvão? E pagar propina. Mas qual é a lógica? Comprar da agricultura familiar. Aí eles desviam esse objetivo e compram da indústria, uma indústria que já é poderosíssima, cartelizada, nós sabemos disso. A indústria não está em discussão aqui, não é o mérito dessa CPI. Mas, de qualquer modo, a indústria é extremamente poderosa lá no interior, na região de Bebedouro, de Catanduva, onde elas estão instaladas. Aí se compra o suco da indústria e não se compra do agricultor familiar. Eu queria saber se o senhor sabe por que isso foi feito, se a cooperativa foi criada para poder ter uma figura jurídica para dar possibilidade de o agricultor familiar vender o seu produto.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Deputada, eu não posso responder essa situação aí, porque eu não participava dessa parte de compra. Eu não sei como funcionava. A minha área era vender. Era ir para a rua. Eu quase nem ficava lá dentro da cooperativa. Eu ficava mais para a rua. Então, nós ouvíamos lá dentro essas situações, mas eu não sei falar para a senhora o motivo.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Só para encerrar, só uma curiosidade. O senhor falou que participou da chamada pública no caso do contrato do Estado. Perfeito?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Se o senhor participou e não houve nenhuma negociação de pagamento para agentes públicos, o senhor participou lá no preço junto com a Agrosol, por que é que foi pago, por que é que então foi estipulada uma comissão, na hora da venda, do contrato, de 10%, sendo parte para o Marcel, parte

para o senhor, parte para terceiros? Hipoteticamente, se o senhor conduziu aquele processo, a comissão não era só para o senhor ali, por que o Marcel entrou nesse contrato?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, a comissão seria dele.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Mas o senhor é que era o vendedor naquela chamada pública.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, ele era representante nosso. A comissão seria dele. Ele abriu mão de 2% da comissão dele, que seria paga para mim. Senão eu não receberia nada.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Mas por quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Porque ele fez a venda. Ele realizou a venda. Só acompanhei.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Na chamada pública, o senhor só acompanhou? Foi isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, na chamada pública fui eu que vim.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Perfeito.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Entendeu? Mas ele que fez o processo.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Mas qual processo? Está lá, vai abrir, senta numa mesa, chamada pública. Até então, não há negociação nenhuma, as empresas estão participando com relação..., e vai ver quem vai dar o melhor preço. Aí vocês ganharam.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Hipoteticamente está feito.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Encerrou ali. O que o Marcel fez mais depois disso para justificar e o senhor falar que a venda era dele. Eu queria entender essa lógica.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele ficou responsável por essa venda do Estado. Na verdade, eu só fui no dia da chamada lá.

O SR. JORGE CARUSO - PMDB - Estava na cota dele. Seria isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Como aconteceu em outras cidades. Se vocês pegarem, eu não fiz venda em Santos. Mas se vocês pegarem a documentação lá, está no meu nome. Porque pediram para eu ir no dia da chamada lá. Não havia ninguém para ir, o Cassio falou: “Você pode ir na chamada?” “Posso.” Eu estive na chamada, participei, mas a venda não entrou para mim. Não foi porque eu estive na chamada que a venda foi minha. Acontecia muito isso lá dentro. Às vezes o vendedor ou a pessoa não podia participar no dia da chamada, pedia para ir outro no lugar. Então a documentação era feita toda no meu nome. Mas isso não queria dizer que eu iria receber a comissão daquela cidade, ou eu que fiz a venda. Isso não condiz nada.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Próxima deputada inscrita, deputada Ana do Carmo.

Queria registrar só a presença do nobre deputado Enio Tatto, e agradecer a presença de Vossa Excelência.

A SRA. ANA DO CARMO - PT - Vou passar o meu tempo ao nobre deputado Alencar, que vai compartilhar comigo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Obrigado, deputada Ana.

Sr. César, estou lendo uma entrevista que o senhor deu na “Gazeta de Bebedouro”, estou vendo aqui também o seu depoimento. Em determinado momento o senhor coloca aqui a angústia que está sentindo na entrevista, que também os familiares, como a esposa. De fato, eu imagino a situação, e observamos aqui que o senhor está dando informação no sentido de colaborar.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Isso é importante.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Como eu sempre fiz. Estive na delegacia seis vezes, prestei seis depoimentos e falei tudo o que eu sabia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor está transparecendo isso e observamos que havia, do lado da cooperativa, uma turma maldosa, que também aí se utilizava dos servidores que lá estavam, mas que também havia maldosos do outro lado do balcão. O senhor menciona aqui, por exemplo, ameaças que teria recebido de pessoas...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - De quem o senhor recebeu?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do Sr. Jeter, já disse aqui na época, em relação ao cheque.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele ligou para o senhor?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Marcel passou meu telefone para ele e ele acabou ligando para mim, porque ele estava desesperado atrás de dinheiro. Estava cheio de conta para pagar, que isso... Não sei. Foi uma... Não sei se foi “171” dele ou o que foi.

E... De alguns produtores da cidade, não é? Porque, quando deflagrou a situação, nós ficamos na mira de todo mundo... Entendeu? A bomba veio e estourou nas nossas costas. Eu tive uma situação em que eu estive com uma produtora, uma assentada, que disse para mim que tinha nojo de pegar a minha mão, como se eu fosse algum bandido, tivesse matado alguém ou alguma coisa desse tipo. Então, nós ficamos, perante a... Nós temos familiares. Perante a situação... A cidade é pequena. Todo mundo fala que você foi preso em uma situação dessas e você sai à rua e escuta várias situações desse tipo. Entendeu? Eu tenho filhos. Tenho esposa. Tenho família. Isso pesa muito para nós. A situação é muito difícil. Não é fácil.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Imagino. Tenho uma dúvida de quanto o Jeter recebeu, o total.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Dois por cento era o contrato dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não, não. E o valor bruto?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ah, isso o senhor vai ter que perguntar para o Marcel, porque o dinheiro era entregue na mão do Marcel. Era ele que repassava o valor do Jeter.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Uns falam 250. Outros falam 200.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É mais ou menos o senhor fazer a conta. Acho que foram 12 milhões e pouco, o contrato, vezes dois por cento. São 240 mil. Vamos pôr aí 250.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor chega a mencionar na delegacia que também seria 250.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É, mais ou menos. Eu fiz, mais ou menos, pela conta de 2% em cima do valor total.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sobre aquele dinheiro apreendido que o senhor estava transportando para São Paulo, para quem era?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sr. Marcel.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual é o valor total?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Daquele dinheiro apreendido?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Acho que foram 96 mil e uns quebrados, 96 e 500, alguma coisa assim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E ali era de qual contrato?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do Estado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Do Estado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, do Estado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual era o valor total, além dos 95, naquele dia, da percentagem a ser repassada ao Sr. Marcel?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, o valor total era esse. Na verdade, eram 110 mil. Eu tirei a minha parte e estava repassando a parte dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - No depoimento está escrito 120.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Cento e vinte, é.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Cento e vinte?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso. Eu retirei os meus 2% e estava repassando o restante dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor menciona, também, naquela ocasião, que parte ia ser depositada na conta da esposa.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, porque... O que aconteceu? Como o dinheiro foi apreendido... O Marcel tinha vários compromissos. Ele havia emitido vários cheques pré-datados à esposa. Aí, eu liguei para ele e falei que o dinheiro havia sido apreendido. Ele ficou desesperado e disse que tinha que cobrir esses cheques. O que aconteceu? Acho que ele precisava de 15 ou 20 mil. Eu peguei a minha parte, que eu havia retirado, e deposei na conta. Acho que foram 15 mil na conta da esposa dele, para cobrir esses cheques.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Vossa Excelência me concede um aparte, deputado Alencar Santana Braga?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por favor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Eu estava fora e não ouvi. Como é que entrou a questão dos 95 mil? Como é que foi a pergunta?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É a título... Eu perguntei para quem ele estava levando e de qual contrato era a comissão.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Sim, aí, foi uma apreensão? É isso? Foi preso? Foi isso? Como é que se deu?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A polícia já estava com a escuta.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Ah, está bom.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Aí, eles sabiam, porque o Marcel me ligava e, na maioria das vezes, ele vinha até metade do caminho. Entendeu? Eu dava o dinheiro para ele e ele ia embora. Naquele dia, eu teria que vir até São Paulo - na verdade, até Cotia - trazer uma documentação. Então, ele pediu, já, que eu trouxesse o dinheiro dele.

A polícia estava na escuta. Armou no primeiro pedágio uma situação em que falaram que eu estava transportando droga. Deram a batida no carro. Porém, na hora em que eles falaram isso, eu já falei, na hora: “Não, eu estou transportando dinheiro.” Em momento nenhum eu escondi. “Ah, por quê?” “É dinheiro de comissão de um funcionário, de um representante nosso em São Paulo. Ele tem contrato.” Eu nunca escondi nada disso de ninguém. O cara tinha um contrato. O Cassio assinou um contrato com o cara. Ele tinha o direito de receber o dinheiro.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca teve curiosidade de saber para quem o Marcel entregava o dinheiro? O senhor nunca perguntou para ele? Sendo a pessoa que levava o dinheiro para ele, o senhor nunca perguntou: “E aí, Marcel? Para quem vai tanto dinheiro assim?”

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Perguntei. Ele se esquivava sempre das respostas. Ele falava do Jeter. Eu ficava com a minha parte. Passava alguma coisa para o pai dele. Acho que era 0,5% ou 1% da parte dele. Alguma coisa desse tipo. Meio por cento.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - No seu depoimento na polícia, o senhor falou que eram 2% que iam para o pai do Marcel.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, era meio por cento.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Então, o depoimento na polícia foi errado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É que, na verdade, esse primeiro depoimento nosso, pelo constrangimento... Nós fomos presos. Na ameaça de ficar preso... Eles falaram: “Gente, se vocês não falarem...” Eu fui o primeiro a depor.

Entendeu? Então, você fica... Imagina a polícia chegando à sua casa e falando: “Você está preso.” Minha esposa entrou em desespero. Todo mundo entrou em desespero. Dando geral na minha casa, aquela situação toda... Eu cheguei à delegacia e não conseguia nem falar direito. Então, algumas informações nós passávamos, mas foram passadas de um jeito meio bagunçado. Entendeu? Mas, na verdade, foi meio por cento.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quem está com a palavra?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O deputado Alencar Santana Braga. É que eu pedi um apartezinho para ele.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Deputado Alencar Santana Braga, V. Exa. me permite fazer só um apartezinho, de um minuto?

Quem ameaçava? Quem dizia isso para o senhor? “Melhor falar...” Quem ameaçava?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Os delegados.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quais delegados?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Dr. Paulo. Das seis vezes em que eu estive na delegacia, por quatro vezes eu fui ameaçado.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Por quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Pelo Dr. Paulo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Só?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Só pelo Dr. Paulo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Por nenhum outro delegado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E que tipo de ameaças eram essas?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tipo de ameaça? “Aqui você não vai falar o que você quer.”

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Quando o senhor falou...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Desculpe, quando eu dei essa entrevista no jornal, eles me chamaram no outro dia, lá.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas, quando o senhor falou que uma parte da porcentagem é para o pai do Marcel, o Sr. Leonel Julio, ex-deputado estadual, e a outra parte ficava com Licá e Jeter, o senhor falou isso sob ameaça, também? Todo esse depoimento, aqui, que o senhor deu, foi sob ameaça?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, todo o depoimento, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Senão, é muita criatividade.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - É muita criatividade. Vocês hão de convir, porque...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor, há pouco, entregou cópia dos depoimentos para esta comissão.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E respondeu que aquilo que estava no depoimento era verdadeiro.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Procede?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, procede.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O conteúdo daquilo que o senhor depôs é verdadeiro?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É verdadeiro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Obrigado.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Com algumas confusões, aí, que foram feitas no primeiro dia...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Tipo, a questão do valor, 200 ou 250?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso. No primeiro dia....

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Questão de número, só?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - E outra: eles tinham que ouvir seis pessoas presas no primeiro dia. Entendeu? Então, eles estavam acelerando, também, o nosso...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas, aquilo que o senhor falou é verdadeiro?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É verdadeiro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Obrigado. O senhor fala, aqui, também, na entrevista, que o senhor... Em qual telefone lhe ligaram, ameaçando? O Jeter lhe ligou?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Jeter? No meu telefone, mas quando ele me ligou...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - No seu telefone celular?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - No celular. Nossa, mas ele me ligou em janeiro de 2014.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Janeiro de 2014?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nós não tínhamos nem assinado o contrato do Estado ainda. Ele já queria dinheiro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor coloca à disposição o seu sigilo telefônico desse período para a comissão?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Coloco. Todo o meu sigilo telefônico foi quebrado. Todo... Vocês podem pegar tudo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor estava falando do cheque à esposa do Marcel. Em qual banco foi? O senhor se lembra da conta dela?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Santander. Uma parte no Santander e, se eu não me engano, uma parte na Caixa Econômica Federal.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Além da esposa de Marcel, algum outro familiar do Marcel também recebia valores?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O pai dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O pai dele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O pai dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Recebia diretamente da Coaf ou via Marcel?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, era tudo na mão do Marcel. Dali para frente, o negócio era com ele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Há, também, troca de mensagens de celular? Alguém mandou mensagem para o senhor, ameaçando, alguma coisa?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Mensagens?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Marcel. Não me ameaçando, não é? Pedia-me para pressionar o Cassio, para que o pagamento saísse, porque o Cassio atrasava os pagamentos. Atrasou os dois primeiros. Tanto é que o Sr. Marcel esteve em Bebedouro para receber essa...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ah, o Marcel foi a Bebedouro, receber...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Receber da mão de quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Da mão do Cassio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E a Sra. Dione também esteve em Bebedouro?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, nunca. Não sei de onde tiraram isso. Nunca.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Nunca esteve?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Foi um pedido meu, ainda, para o pessoal da Corregedoria, para eles levantarem a questão. É fácil de se descobrir. É só ir aos hotéis e ver se ela esteve hospedada nessa época. Tanto é que falam: “Nunca tive contato com essa Sra. Dione di Pietro, aí.” A Dione com que tivemos contato foi a Dione que fica na Treze, lá. Não me lembro do sobrenome dela.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A Pavan?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É, isso aí. Nós tivemos que fazer degustação do suco nas escolas.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Treze é MDA?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Oi?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Fica na Treze. Onde é?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A Treze de Maio, lá na Secretaria de Alimentação. Foi a única Dione com que eu tive contato, mas só para isso, porque nós tivemos que fazer a degustação do suco nas escolas. Então, nós tivemos que ter esse contato com ela. Mas, foi só ela. Eu nem sei quem é essa Dione di Pietro. (Vozes sobrepostas.)

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Eu queria dizer que já esgotou o tempo de inscrição para aqueles que querem falar. Há algum dos nobres deputados - membros da comissão, principalmente - que queira falar? Deputado Barros Munhoz? É isso? Inscrição do deputado Barros Munhoz...

O SR. ENIO TATTO - PT - Por favor, quem está inscrito?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Por favor, um aparte: eu queria só saber como é que vocês davam, do ponto de vista contábil... Como é que retiravam esse dinheiro da cooperativa? Por exemplo, o senhor retirou 120 mil reais, dos quais uma parte ficou com o senhor, pelos seus serviços. Outra parte, o senhor disse que foi com o Jeter, não é? Outra parte o senhor entregou para o Marcel.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É. Na verdade, a outra parte eu entregava na mão do Marcel. Dali para frente, o que ele fazia nós não sabemos.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas, como é que se retiram, em dinheiro, os 120 mil reais? Como é que o senhor justifica na cooperativa essa retirada?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu não sei.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor não sabe dizer?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu não sei falar para a senhora, porque aí seria com o Financeiro, com o pessoal, lá, não é? Eu não...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor falou que o Jeter, também, em 2014, ligou, cobrando a...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do cheque...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Cobrando a propina... E no mesmo período que fizeram a primeira tentativa de filiação na Ocesp, para poder ficar regular... O senhor acha que há alguma relação entre a propina do...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Que o Jeter cobrou, com a filiação na Ocesp...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor acha que não?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, só para encerrar, só para concluir um pensamento dele...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É que, na verdade, já encerrou há algum tempo, nobre deputado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É que ele falou que foi em janeiro, no começo de 2014, que o Jeter teria ligado, mas o cheque - pelo menos, foi noticiado na imprensa - seria para começo de 2015. Acho que ele foi emitido no final de 2014, para começo de 2015.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi 2015, 90 dias.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então, 2015. É que o senhor chegou a falar que foi começo de 2014.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, eu me confundi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É começo de 2015?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu acho que foi dezembro de 2014, para 90 dias, para março de 2015.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Segundo informações, é 20 de março.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É isso. Eu me confundi. É isso mesmo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E ele foi sustado no dia 18 de março, também.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso. É porque ele depositou o cheque e o cheque estava voltando, sem fundo. Aí, o Cassio mandou sustar o cheque para não voltar como “linha 12”.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O próximo orador inscrito é o deputado Enio Tatto.

O SR. ENIO TATTO - PT - Bom dia a todos. Cumprimento o presidente e todos os membros da CPI. Cumprimento o depoente, Sr. César Augusto. Cumprimento todos os estudantes aqui presentes e a imprensa.

Estou percebendo que hoje há menos cobertura da imprensa, já. Estou falando isso porque eu falei na semana passada e parece que está ficando meio cansativa a CPI. Por quê? Porque eu volto a dizer que, até agora, parece que só veio o pessoal da Coaf e o peixe graúdo não falou, pois diz que está protegido aí, fazendo um acordo de delação. Eu fico preocupado com o andamento desta CPI.

E, aí, eu vou direto ao assunto, Sr. César Augusto: aos peixes graúdos, porque eu percebo que o senhor... A parte que eu peguei aqui, também... Está com muito melindre, muito cuidado no seu depoimento. Aqui, eu acho que o senhor fez uma confissão de falar a verdade.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ENIO TATTO - PT - E aqui, se não falar a verdade, pode sair preso.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ENIO TATTO - PT - Na semana passada, houve um, aí, que depôs. Coitadinho, lá da roça... Foi pedida a prisão dele e, aí, o pessoal da comissão votou pela não prisão, mas o deputado Barros Munhoz pediu a prisão dele, porque disse que estava fazendo mentira. Vamos ver se hoje está havendo bastante mentira, aí. Espero que o senhor fale a verdade.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ok.

O SR. ENIO TATTO - PT - Eu queria saber... E o senhor é um cara influente na Coaf. Deu para perceber, pelo seu histórico. Eu queria saber qual é o papel nesse escândalo todo, nessa briga, nessa roubalheira da merenda, de tirar a merenda da boca das crianças, nas escolas, nas creches do estado de São Paulo, nas Etecs e Fatecs. Que relação o senhor tinha - ou o senhor sabe - com o Sr. Moita, que era chefe da Casa Civil? Trabalhava com o secretário Edson Aparecido, ao lado do governo Alckmin. O que o senhor sabe do papel de outro personagem importante - está demorando a chegar a ele -, que é o Sr. Padula, que chegou a ser secretário-adjunto da Secretaria da Educação? O senhor deve saber alguma coisa. Alguma relação nos contratos, alguma relação no dia a dia... Como é que essas pessoas aparecem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu já falei que, no início...

O SR. ENIO TATTO - PT - Calma, vou terminar. Não parou por aí, não. Há mais coisa.

Essas pessoas são pessoas-chaves de todo esse esquema e só aconteceu esse esquema porque essas pessoas participaram.

Quero saber, também... Mesmo porque hoje temos meia página no jornal sobre a questão do presidente da Casa... São citados e têm todo o direito de se defender. Qual o papel nessa história toda de alguns políticos, como Baleia Rossi, presidente estadual do PMDB, Sr. Marquezelli, do PTB, Sr. Celso Russomanno, que está liderando as pesquisas aqui em São Paulo? Há toda uma conversa, aqui, de que o senhor deve ter ficado sabendo. Não sei se participou do almoço ou do jantar. E também do ex-secretário e deputado federal, hoje candidato em Ribeirão Preto, o Sr. Duarte Nogueira,

que já foi levantado, na semana passada, aqui, pelo deputado Rafael Silva... Para não ser injusto... Não me esqueci de ninguém, não é?

Então, o que interessa nesta CPI, para os estudantes, para o povo do estado de São Paulo, para os meios de comunicação que estão cobrindo é onde esse pessoal entrou. Qual foi a influência desse pessoal? Porque, se não houvesse esse pessoal, eu acho que só o pessoalzinho, lá, da Coaf, não conseguiria fazer aditamento nos contratos com a Casa Civil. Não conseguiria fazer aditamentos ou novos contratos com a Secretaria da Educação. Para mim, é peça-chave desta CPI e o objeto desta CPI, em cima das denúncias, são essas pessoas. Qual o envolvimento deles? Ou, se eles não tem envolvimento, até para eles serem inocentados...

No mais, está tendo muita convocação de peixe pequeno. Muita convocação e muito teatro... Nós precisamos chegar a esse pessoal, porque nós estamos em um período eleitoral. Começa a haver um pequeno desinteresse em cobrir isto aqui e parece que as pessoas, realmente, que são o cerne da questão, que são o centro do escândalo, eles não... Parece que está demorando a chegar a hora deles.

Parece-me, também, que esse tal de Marcel, que é filho do ex-deputado, está tendo, já, toda uma movimentação, para sobrar só para ele. E aí eu chamo a atenção: cuidado que a corda rebenta para o lado mais fraco. Na medida em que vocês não são claros, não falam a verdade e não contam a verdade de tudo o que está acontecendo, vai sobrar para vocês. Tanto é que, na semana passada, aqui, foi pedida a prisão de um coitadinho, lá, que... O cara não tem dinheiro nem para comer. Questionaram como é que ele vive. Ele vive vendendo tomate, cebola e abobrinha na feira, para sobreviver. Quem trabalhou na roça sabe muito bem que lá se faz troca. O produtor troca com outro arroz, feijão, essas coisaradas. E foi pedida a prisão dele.

Então, Sr. César, eu gostaria que o senhor falasse desses personagens graúdos desse esquema, desses que eu falei e, se houver, mais alguém que está no rolo todo e que não foi citado, ainda. É isso o que eu acho que a população quer saber. É isso o que quer todo o movimento estudantil, o pessoal que fez ocupação na Assembleia. Essa CPI só saiu por conta disso. Caso contrário, não aconteceria nada. (Manifestação dos presentes.)

Era essa a minha participação, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Quero registrar a presença do nobre deputado Roque Barbiere.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele vai responder?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Vai responder a pergunta, sim.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Bom, vamos lá. Quem é o primeiro, aí?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ele só anotou os nomes para ele, deputado. Ele não está orientando nada. É que S. Exa. foi citando vários nomes e ele anotou para que o depoente pudesse se lembrar de todos. Não está orientando nada.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Vamos lá: o Sr. Moita. Minha relação com ele... Era o Sr. Marcel que tinha... Não sei se era amizade, com ele. Já o conhecia há um bom tempo. Foi feito um pedido junto à Jucesp de aceleração da ata nova da cooperativa e o Sr. Marcel pediu para o Sr. Moita ajudar a acelerar esse processo lá. Por quê? Porque o Banco do Brasil, na época, precisava dessa ata nova, do registro dessa ata nova. Porque caiu um pagamento do Estado, lá, de um milhão e 200 e estava bloqueado. Se não apresentassem essa ata nova junto ao Banco do Brasil, eles não iriam liberar o dinheiro. Então, foi feito esse pedido para ele.

O SR. ENIO TATTO - PT - Só uma pergunta: e o Sr. Moita trabalhava no Banco do Brasil? Trabalhava em algum lugar?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não.

O SR. ENIO TATTO - PT - Tinha relação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. ENIO TATTO - PT - Trabalhava... Era chefe de gabinete do secretário da Casa Civil?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Chefe da Casa Civil. Foi pedido para ele, na época... O Marcel pediu para ajudar, para acelerar esse processo junto à Jucesp.

O Fernando Padula... Eu fiquei sabendo o nome dele. O Marcel nunca me falou do nome desse cara. Eu fiquei sabendo do nome dele no dia em que estourou, em que deflagrou a operação, pois os próprios delegados falaram o nome dele. Vocês podem pegar, nas minhas escutas... São seis meses de escutas telefônicas. Vocês não vão ouvir o nome dele em lugar nenhum. Vocês vão ouvir o nome do Moita, em relação à Jucesp. Não vão ouvir o nome do Fernando Padula em momento nenhum.

Baleia Rossi... Nunca tive contato com ele. Na verdade, quem tinha contato com ele era o Cassio. Nunca nem sequer o vi na cooperativa. Nunca tive contato com ele nem nada, mas nós sabíamos que o Cassio tinha certo contato com ele.

Sr. Marquezelli... Tive contato com ele. Ele nunca falou em nada de prefeitura, em relação a isso. Eu estive com ele, porque ele iria nos ajudar a vender laranja para a empresa, para a indústria do Cutrale. Essa foi a única coisa. Eles nos ouviram muito, na escuta, falando: “Ah, vamos lá, no Marquezelli.” Inclusive, o Sr. Português, o Sr. Luis, vai depor, aqui, depois. Ele esteve lá para ver negócio de presépio, para ele ajudar na cidade, lá. Enfim, era para essas finalidades. Nunca... Tanto é que não há nada na cooperativa. Nunca foi dito o nome dele em ajudar em prefeituras, em nada disso.

Sr. Celso Russomanno... Eu estive com o Marcel. O Marcel me falou, sim, aquilo lá. Que ele iria me levar para jantar com ele... Porém, naquele dia eu estava em São Paulo. Eu estava na casa do meu cunhado, aqui, em Higienópolis. Aí, eu acabei ficando por aqui. Depois, ele ligou. Falou que não ia haver mais jantar. Não ia haver nada. Isso é conversa dele. Eu nunca estive com o Russomanno. Isso é tudo conversa fiada dele.

Duarte Nogueira, então, menos ainda... Nunca se ouviu o nome desse cara em lugar nenhum, nem dentro da cooperativa. Nunca se falou o nome dele. Só o Cassio citou no depoimento dele. Agora, vocês vão ter que perguntar para ele por quê. Se vocês perguntarem para todos... Todos os funcionários que passaram, aqui, da Coaf... Vocês podem perguntar se alguém ouviu falar do Duarte Nogueira dentro da cooperativa, se alguém citou o nome dele. Todo mundo sabe que não. É isso daí.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só para complementar... Do deputado Fernando Capez e do Licá - que, inclusive, saiu uma matéria, hoje, no jornal, dizendo que o senhor havia trocado... O senhor pode explicar isso, por favor?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Mandei. Mandei uma informação, um WhatsApp, para o Cassio, a pedido do Marcel, porque estava atrasado o documento e o Marcel me orientou para pressionar o Cassio a pagar. Eu fiquei no meio do tiroteio, aí, na briga entre Marcel e Sr. Cassio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual documento estava atrasado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O pagamento da comissão do Estado. O Cassio não havia pagado e o Sr. Marcel... Eu, no meio do tiroteio entre Sr. Marcel e Sr. Cassio... O Cassio não querendo pagar... O Sr. Marcel querendo receber... O Marcel mandava eu pressionar o Cassio desta forma: “Olha, fala isso, fala aquilo, manda uma mensagem para ele, pressionando.” E a função era essa. Era pressionar, usar esses nomes, para o Cassio pagar a comissão.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual foi a data dessa mensagem?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mas, a sua relação com o Licá existia?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, nenhuma.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nenhuma? O senhor não conhece o Licá?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, eu conheço de ouvir falar.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está bem.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, só para esclarecer este fato, qual é a data em que isso ocorreu? Essa mensagem que o senhor enviou...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nossa, agora você me pegou.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O período, mais ou menos...?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Acho que foi em maio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - De...?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do ano passado, não é?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - 2015?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É, março, abril, maio... Essa época, aí... Foi a época em que o Cassio... Logo no primeiro pagamento, o Cassio já não pagou a comissão do Marcel. O Marcel saiu de São Paulo e 15 dias depois esteve em Bebedouro para receber, pressionando-o. Entendeu? Então, a função era esta: era usar o nome desse pessoal aí, para pressionar, para ele poder pagar a comissão. E nós sabíamos que ele não pagava. O Cassio... Quanto mais dinheiro sobrasse, lá, para ele pegar, era melhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Como o senhor consegue afirmar que o Marcel só usava o nome?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Uai, são várias questões.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Tipo...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Primeira questão: nós não ganhamos. A chamada do Estado nós não ganhamos. Nós quase ficamos de fora. Nós ficamos classificados em segundo lugar. Se houvesse influência de alguém ou de

alguma coisa forte lá dentro, nós teríamos nos classificado em primeiro e teríamos mordido milhões.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E por que vocês pagavam o Marcel?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Oi?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E por que vocês pagavam o Marcel?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Por esta questão: ele ia a Bebedouro e queria receber de qualquer jeito essa...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas, se vocês sabiam que não era verdade, por que vocês pagavam... (Vozes sobrepostas.)

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Mas, aí, não era eu quem pagava. Aí, o senhor vai ter que perguntar para o Cassio por que ele pagava.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só gostaria de dizer que o próximo orador inscrito é o deputado Barros Munhoz e, portanto, a palavra está com Sua Excelência.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Vossa Excelência quer concluir alguma coisa?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Eu quero.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Fique à vontade. Pode usar do meu tempo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Obrigado. Eu quero, nesse ponto... Sr. César, o senhor está mentindo nesse ponto. Isso quem diz não sou eu. É

documento. Eu vou lhe mostrar agora. O senhor disse que a Coagrosol não participou do 200ml. A Secretaria de Educação enviou para nós todo o processo das empresas que participaram. Houve fraudes, ali, gritantes. Este documento, aqui, é oficial.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Oficial... A Coaf e a Coagrosol... No suco de 200ml, a Coaf apresentou o preço de R\$ 1,56, a Coagrosol de R\$ 1,30 e a Ecocitrus não cotou. No de um litro, a Coaf apresentou de R\$ 6,20, a Coagrosol de R\$ 6,00 e a Ecocitrus não cotou. Aqui há a primeira irregularidade.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Então, mas isso foi cotação de orçamento. Não foi no dia da chamada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Aqui, já há a primeira irregularidade. Primeiramente, a lei diz que são três empresas que têm que ser cotadas. Têm que ser cotados os preços de três empresas. O edital também diz isso. A Secretaria só cotou dois preços. A Coagrosol apresenta o preço, no de 200ml, de R\$ 1,30. Isto aqui ocorreu dias antes.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Está bem, mas eles apresentaram orçamento. No dia da chamada, eles não apresentaram a documentação participando do suco de 200ml.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor não acha isso estranho? Ela cota com um preço mais barato e no dia ela não vai. Por que será?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nobre deputado, é que “o senhor acha” não é uma pergunta.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas, ele tem que responder.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu não tenho como responder isso para o senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então, como o senhor pode responder que não havia nada combinado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É lógico que não havia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor só foi, no dia, como o senhor mesmo disse, há pouco, representar. O senhor está dizendo que não sabia da tratativa anterior, mas o senhor só foi representar.

Estranhamente, o senhor diz que a Coaf não ganhou, mas ela ficou com 60% do contrato. Ela ficou com o contrato inteiro de 200ml e ela ficou com o contrato... Sessenta por cento do contrato de 200ml... Ela ficou, de um total de 13, com 11 milhões e pouco. O senhor acha, então, que a Coaf não ganhou? E assim como a Coaf fraudava comprando suco de empresas, a Coagrosol usava o mesmo método. Por que então abre mão de 60% do contrato?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Porque não tinha como entregar. Essa foi a justificativa deles no dia. Ouvi da boca do vice-presidente deles, o Reginaldo. Que eles iriam entrar com essa quantidade porque não tinham condição de entregar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ela estava boazinha com a Coaf.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei. Eu não conversava com esse pessoal, com o presidente e o vice-presidente.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse que o Dr. Misiara tentou o contrato anterior e deu errado, certo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse depois que a partir do Marcel, deu certo, correto?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E que o Marcel dizia nomes de pessoas para ter essa participação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E aí deu certo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Deu certo. O senhor vai ter que perguntar para ele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor estava na casa de Leonel Julio, junto com César e Marcel, quando este último ligou para o Moita tratando do aditivo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Vamos ter que fazer acareação aqui, Sr. Presidente. O Adriano, depoente da semana passada, afirmou categoricamente que o César também estava. Agora, o Sr. César - que é quem teria levado o dinheiro depois - disse que não estava. E afirmou aqui que era ele quem levava o dinheiro ao Marcel.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, era eu. Agora, quando o Marcel ligou para o Sr. Moita, eu não estava junto. É só isso que estou falando.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Vamos ter que fazer acareação, mas aqui está uma prova documental da participação da Coagrosol, que ele diz que não teve no processo, que já foi irregular. A Secretaria da Educação e a Corregedoria disseram que foi tudo bem. Isso é a prova cabal de que a Corregedoria também não apurou nada como deveria, porque isso aqui é ilegal e estava no edital.

Deputado Barros Munhoz, depois V. Exa. pode usar meu tempo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Tudo bem. Eu só queria, antes de mais nada, parabenizar o deputado Enio Tatto, porque o Nilson Fernandes esteve aqui e disse que ele também não sabe como vive. E que ninguém sabe como ele vive. Quero parabenizar o deputado Enio Tatto, o único que sabe de que ele vive: de venda de tomate, cebola. Ele veio aqui e disse que não sabia do que vivia, e ninguém sabia. Parabéns ao deputado Enio Tatto, que sabe do que vive o Sr. Nilson.

A primeira pergunta que faço ao senhor é a seguinte: o Sr. Nilson tem ligação com o MDA?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Vou fazer uma afirmativa. Em primeiro lugar, não pedi a prisão só do Sr. Nilson. Tive alterações até exageradas de minha parte - mas corretíssimas no que disse - com delegados de polícia e até mesmo com promotores. E até para ficar bem claro, não tenho nada contra os delegados de polícia do estado de São Paulo ou contra a carreira de delegado. Muito pelo contrário. Sempre fui um deputado que lutou, aqui dentro, pela Polícia Civil de São Paulo; e sempre disse que é a melhor do Brasil, indiscutivelmente.

Mas não posso deixar de dizer que houve uma prevaricação absurda. E aqui vou envolver o promotor também, nessa minha denúncia. João Roberto Fossaluzza... O delegado pede à Justiça - à 3ª Vara de Bebedouro - autorização para fazer escuta telefônica de um monte de gente aqui, inclusive de César Bertholino, Emerson Girardi, Carlos Alberto Santana, Cassio Chebabi, Carlos Luciano etc. Ele fez esse ofício em outubro de 2015. E ele pediu para fazer escuta porque o Sr. João Fossaluzza... João Fossaluzza é o autor da denúncia e tem só aparência de bonzinho...

Aliás, vamos contratar um monte de psicólogos e psiquiatras para ver quem mente mais. É um concurso de mentira. O senhor também se inclui nisso, Sr. César. O senhor está entre os cinco primeiros colocados. Vou chamar o Usain Bolt para ganhar de vocês. É duro ganhar de você em matéria de mentira. Nunca vi nada igual em minha vida. Todos mentem! E ninguém tem razão. Eu tinha um amigo que andava muito com outro amigo meu. Um dia o pai de um deles os encontrou e falou assim: "Os dois estão mal acompanhados". É o caso da Coaf. Todos estão mal acompanhados.

Vamos parar de tergiversar e falar a verdade. O delegado pediu, dizendo que o Fossaluzza... Isso foi em outubro de 2015. “O denunciante se referiu ao programa do governo federal referente aos repasses do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação às redes públicas de ensino dos governos federal e estadual, em que os valores recebidos de gestores devem adquirir 30% da agricultura familiar sem licitação etc...” Assim, era pedida a escuta a telefônica. No dia 19 de janeiro de 2016, o Sr. Chebabi falou que 100% das verbas eram federais. E o senhor sabia disso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sabia.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E todo mundo em Bebedouro sabe disso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sabe.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Qualquer criança sabe. Quem passou em frente a uma prefeitura no estado de São Paulo sabe disso. O promotor, Dr. Herbert - aliás uma figura extraordinária... Não vou chegar ao ponto da Dra. Janaína, que pediu desculpa aos netos da presidente Dilma por falar o que ela teve que falar. Mas quero dizer que realmente ficamos até constrangidos, porque vemos que é um homem sério, que está nesse embrulho aí também. O senhor, por exemplo, talvez seja bem menos culpado do que outros, mas está no embrulho. Está aqui o depoimento. Isso aqui foi tomado na delegacia de polícia.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - No depoimento do João Roberto, ele fala que a verba é federal.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Aqui estão presentes os promotores Romanelli e Hebert, bem como o delegado Mauro. As autoridades que comandavam. Por isso, falei que prevaricaram, procrastinaram, levaram para frente, não quiseram apurar. Eu não sei o mistério desse negócio. Estou aqui para descobrir isso. Se houver alguém do Estado, tem que ir para a cadeia. Peço desde já. E se houver alguém das prefeituras, tem que ir para a cadeia. E quanto aos da Coaf - me desculpe a franqueza -, acho que todos têm que ir para a cadeia. Até agora não vi nenhum que seja inocente.

O SR. ENIO TATTO - PT - Nobre deputado Alencar Santana Braga, V. Exa. me concede um aparte?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sim, posteriormente.

“Procurava uma cooperativa com o fim de utilização de verbas, chamada pública, igual à destacada nos repasses federais do FNDE. Caso contrário - ou seja, se não fizer convênio com uma prefeitura -, a verba era restituída ao governo federal”. Então, fica bem claro que a verba era federal. Dizem o promotor e o delegado que só souberam disso em abril de 2016. Sr. Presidente, isso é mentira. Eles sabiam disso já... Foi a justificativa deles para fazer escuta. E depois, em janeiro, eles ouviram o depoimento. Está aqui. Foi feito na delegacia de polícia. Isso não é o mais importante. O mais importante, Sr. César, é o seguinte... O senhor tinha um salário fixo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - De quanto?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - De R\$ 3.000,00.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E quanto o senhor tirava de comissões por mês, mais ou menos?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Depende.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu sei que é variável. Mas em média. Em um ano, o senhor tirava quanto mais ou menos?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Às vezes, dava R\$ 8.000,00, R\$ 9.000,00 ou R\$ 10.000,00.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor era bem próximo do Chebabi?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Homem de absoluta confiança dele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Absoluta confiança, não. Em setembro ou outubro, nos reunimos lá. Ele saiu depois. O que queríamos fazer na cooperativa? Consertar todos esses erros. Mas para isso, leva tempo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor é evidentemente uma pessoa bem informada, instruída, uma pessoa de nível. É evidente que o senhor sabia de tudo que estava fazendo lá. O senhor entrou lá em que ano?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Em 2013.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E saiu quando?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Quando deflagrou a operação. Em janeiro de 2016.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor ficou dois anos e pouco lá. Então o senhor sabe de tudo que acontecia lá. E sabe que 90% do faturamento era para prefeituras e outras empresas? Que para o Estado foi menos de 10%?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Como assim?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - A Coaf vendia para prefeituras. Um pouquinho só para empresas privadas...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ah sim, era isso.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor confirma?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim. Varejo, era muito pouco.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E os contratos do Estado, em quatro anos, significaram o quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, só houve um contrato do Estado, que eu saiba...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Houve três contratos do Estado: um de 2011 e dois de...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - No período em que estive na cooperativa, sei só desse último.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - É um de suco de laranja de um litro, não?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E houve um pequenininho de 200 mililitros também. Bem, só quero dizer o seguinte: era uma parte pequena do grosso. O que não isenta ninguém - temos que apurar. E vamos ver se Deus nos ajuda, porque nunca vi um negócio mais enrolado do que esse.

Outra coisa muito importante que quero dizer: o senhor disse, na Corregedoria, que não acredita que o deputado Fernando Capez tenha qualquer tipo de participação e que isso foi engendrado pelo Jeter e pelo Marcel para obter benefícios junto à Coaf. É isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É isso.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor repete?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Repito.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Excelente. Da Prefeitura de São Paulo, quem fazia o atendimento em nome de Coaf?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Fui eu.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quem você contatou na Prefeitura de São Paulo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, não tivemos contato nenhum. Na época, eles abriram a chamada, nós vimos o edital e fomos participar.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E fizeram o entendimento com a Coagrosol...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Na verdade, não houve entendimento. Os dois participaram, na época, e a Coagrosol ganhou.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Isso o senhor contou. Isso foi na primeira. Depois, para frente...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Depois, não participamos mais. O Cassio não deixou.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Houve então um entendimento para não participar mais da Prefeitura Municipal de São Paulo, que pertenceria à Coagrosol naquela tabela que o senhor mencionou, que dividia as prefeituras do estado. Não é isso? Em qual prefeitura o senhor...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está esgotado o tempo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Vou só terminar.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É que o próximo é o deputado Alencar Santana Braga. Como ele disse que lhe devolveria o tempo...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas antes disso preciso conceder um aparte ao nobre deputado Enio Tatto.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Tudo bem, mas contando já o tempo do nobre deputado Alencar Santana Braga.

O SR. ENIO TATTO - PT - Obrigado, deputado Barros Munhoz. Vossa Excelência e outros deputados deram ênfase ao fato de que 90% seriam do governo federal. E daí que são do governo federal?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - A fiscalização cabe ao governo federal.

O SR. ENIO TATTO - PT - A fiscalização cabe a quem faz a licitação, quem contrata.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Cabe ao governo federal.

O SR. ENIO TATTO - PT - O governo federal também tem responsabilidade para fiscalizar. Mas parem de jogar para o governo federal uma responsabilidade que é muito mais do Governo de São Paulo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Se isso lhe agrada, eu paro.

O SR. ENIO TATTO - PT - É a mesma coisa quando vem dinheiro do governo federal para as áreas de Educação e Saúde, ou para a área de creche. É óbvio que o Estado tem o poder, está mais próximo e tem que fiscalizar.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O órgão do governo federal que fiscaliza rigorosamente é o CGU.

O SR. ENIO TATTO - PT - Pare de isentar o Estado. Mais de 90% vêm do governo federal, mas e daí? Quem tem que fiscalizar são as prefeituras, que fazem a licitação e contratam. É o Estado que tinha que saber que a cooperativa...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Vou trazer os documentos da CGU para lhe mostrar qual é o órgão que fiscaliza as verbas federais.

O SR. ENIO TATTO - PT - Pare de terceirizar os problemas e assuma a responsabilidade.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Vamos assumir na íntegra, inclusive das prefeituras.

O SR. ENIO TATTO - PT - Eu gostaria de perguntar ao depoente: houve pagamento de comissão para a Prefeitura de São Paulo? E para quem, se houve? Não fugimos do problema. Pare de terceirizar as coisas.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Não houve participação do Marcel na Prefeitura de São Paulo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, que eu saiba não.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E a combinação com a Coagrosol?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Houve essa combinação depois.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E você não sabe se a Coagrosol pagou alguém? Até porque vocês não participaram...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Claro.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Devolvo a palavra ao deputado Alencar Santana Braga.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O contrato da Coaf era com qual órgão do Estado? Qual secretaria? Foi assinado entre a Secretaria da Educação e a Coaf. Só para dizer que a responsabilidade cabia à Secretaria da Educação, até porque foram

os atores que participaram da fraude. O senhor disse que foi a primeira pessoa a depor, no dia 19 de janeiro, correto?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Alguém pediu, naquele depoimento, para o senhor citar algum nome?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Naquele depoimento, não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por que, naquele depoimento, o senhor cita alguns deputados?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Porque eles tinham escutas. Falávamos do Marquezelli, no telefone, e eles perguntaram por quê. O delegado estava com todas as escutas...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por que o senhor citou o presidente da Assembleia Legislativa, Fernando Capez?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não citei o presidente da Assembleia. O Dr. Herbert me perguntou para quem o Marcel levava dinheiro. Falei que era para o Sr. Jeter e, até o ponto que eu sei, o Sr. Licá. Aí, ele perguntou quem eram Jeter e Licá, e eu respondi que eram assessores do Fernando Capez. Só isso. Você pode olhar no meu depoimento.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor esteve com o Sr. Rodrigo Pimenta?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Estive uma vez.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Foi tratar o que com ele? Ele é servidor da Secretaria da Educação. Ele foi indicado para que o senhor e o Sr. Carlos Luciano falassem com ele para tratar coisas do contrato?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Para saber por que o antigo contrato havia sido cancelado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E por que foi cancelado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele não soube responder. Falou que ia ver alguns erros no contrato, ia verificar, mas não...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o Sr. Yuri?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele esteve no dia da chamada pública, só isso. Eu o conheci lá.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - As empresas que vendiam suco de laranja ou a própria laranja para a Coaf - para depois a Coaf mandar produzir o suco - sabiam que estavam vendendo para uma cooperativa de agricultura familiar que iria vender esse suco como se fosse da agricultura familiar?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei, eu não tinha contato com esse pessoal. Quem fazia o contato da compra era o Cassio. Isso eu não posso responder.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Eu quero voltar à história do cheque. O senhor disse que quando ele cobrou o cheque, o contrato não estava assinado como Jeter?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Quando ele pediu o cheque, o contrato de litro não estava assinado; acho que só o de 200 mililitros.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Um contrato já estava?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso, o de 200 mililitros.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas quando ele cobrou depois, o contrato já estava em andamento, no começo do ano?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O de 200 mililitros. O de um litro foi assinado em março ou abril. Talvez fevereiro, não me recordo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Até porque a cooperativa manda um documento para a secretaria dizendo que atrasou os dois primeiros meses no fornecimento... Pede um prazo para fornecer.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, a cooperativa estava sem dinheiro na época, estava endividada para comprar...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Em vez da Coagrosol, quem tinha problema na entrega era a Coaf, mas mesmo assim ganhou 60%, certo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Uma mágica. Qual o maior contrato da Coaf em valor absoluto?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi o do Estado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O maior contrato assinado foi o do Estado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Que eu saiba...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Para a Coaf, era um contrato grande, bom?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Claro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse que o Cassio teria dito que não poderia perder esse contrato, pela importância?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim. A Coaf estava cheia de dívidas, e ele achou que ele iria salvá-la das dívidas ou encher o bolso dele. Aí não posso responder. Mas que ele estava em cima para fazer esse contrato, ele estava. Tanto é que o contrato anterior a esse, que não foi assinado, ele queria saber o porquê.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele dizia o quê? Ele sabia alguma razão?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Para nós, ele não falava nada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E a história dos 100 mil para o ex-secretário, o que o senhor sabe disso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso aí quem contou foi o Marcel.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O que ele disse?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Que um concorrente nosso havia pagado 100 mil para uma pessoa dentro da Secretaria para não reger o contrato. Foi essa a história que chegou até nós. Mas isso veio da boca do Marcel.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse que os senhores Cassio e Marcel já fizeram delação premiada e que o Sr. Adriano está tentando?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, eu também.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor está tentando.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor pode fazer uma delação premiada conosco?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Eu entendo que nós podemos. Temos poder de polícia, poder judicial. Se o senhor fosse fazer delação, entregaria quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não é questão da delação premiada. Prestei seis depoimentos na delegacia e falei tudo que eu sabia. Acho que isso é válido como delação. É isso que estamos pleiteando. Na época, foi pleiteado isso. O que me estranha é o seguinte: o Sr. Cassio esteve duas ou três vezes na delegacia; o Sr. Marcel prestou apenas um depoimento. E tiveram delação premiada. Eu estive seis vezes na delegacia e só tomei paulada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quem o senhor acha que os senhores Cassio e Marcel delataram?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nobre deputado, a questão de “achar” é difícil. Vossa Excelência tem que perguntar sobre fatos e não fazer especulações. (Vozes superpostas.)

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Muito nos estranha que Cassio e Marcel tenham delatado. Eu, particularmente, entendo que quem delata deve delatar alguém acima na cadeia, que tenha maior poder ou influência - e não abaixo. Então acredito que eles tenham delatado alguém acima na cadeia. É importante termos essa informação.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Poderia perguntar se ele sabe quem ele delatou. Se ele sabe de alguém que tenha sido delatado pelo Chebabi.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, apareceu na mídia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quem?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Sr. Duarte Nogueira. Acabei de falar aqui que todo mundo ficou perplexo na época. A todo funcionário da Coaf que vier aqui, vocês podem perguntar sobre o Duarte Nogueira. Nunca se ouviu falar o nome dele lá.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Além do Duarte Nogueira, ele delatou quem mais?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei se ele chegou a delatar o Baleia ou algo assim. Ele apareceu no “Jornal Nacional” falando do Duarte Nogueira.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O que o senhor conhece, então, é só aquilo que apareceu na imprensa.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, não tive acesso ao depoimento dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o do Marcel?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não tive acesso ao depoimento dele.

O SR. ENIO TATTO - PT - Sr. Presidente, ele não confirmou que saiu na imprensa; ele confirmou que ouviu falar lá, internamente, sobre essas personalidades.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não, se eu entendi certo, ele está dizendo que ficou surpreso porque nunca tinha ouvido falar no nome do Duarte Nogueira.

O SR. ENIO TATTO - PT - Falando dos outros...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sr. César, o deputado está perguntado dos outros parlamentares que foram citados, se o senhor ouvia falar também deles dentro da cooperativa...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Os outros parlamentares que foram citados foram o Sr. Marquezelli, que falei aqui que não teve participação nenhuma...

O SR. ENIO TATTO - PT - Não só parlamentares, como as outras personalidades: o Moita, o Padula...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - No meu depoimento, falo do Moita. Falei de quem eu tive conhecimento. De quem eu não tive...

O SR. ENIO TATTO - PT - Não estou nem questionando o depoente, Sr. Presidente. É que V. Exa. falou que ele ouviu falar pela imprensa.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não, está bem. Ouviu falar não só pela imprensa.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse agora que só falou daquilo de que teve conhecimento. Como o senhor pode afirmar que os senhores Marcel e Jeter só usavam o nome em vão? Qual é a prova disso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Foi o que eu disse: eu estava no meio da briga, e o Marcel pedia para eu pressionar o Cassio dessa forma. E ele veio aqui e me disse: “Eu vou pressionar o Cassio; preciso fazer isso para receber minha comissão”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E como você pode dizer que estava usando em vão o nome?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, isso é uma afirmação minha.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Você está achando isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É uma convicção minha.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Convicção é diferente de “achar”, deputado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Com base em quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Com base no que o Marcel falava.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O que ele falava? Me dê um exemplo.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Senhoras e senhores, por favor, vamos manter silêncio no recinto.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Como eu estava no meio da briga, ele falava assim: “Eu preciso pressionar para receber isso aí. Preciso usar nomes.” Ele pediu para usar o nome do Sr. Licá para receber. Tanto é que mandei a mensagem para o Cassio. Ele falou: “Manda uma mensagem para pressionar o Cassio a pagar o...”

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Você pode dizer que ele usava, sem a pessoa saber?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Porque ele falou.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Falou o quê?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Falou: “Usa, põe o nome do Licá”. Foi aí que fiquei sabendo do Licá.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sim, mas quem disse que era mentira que o Licá não sabia?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Aí o senhor vai ter que perguntar para ele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Era isso que eu queria saber. Não para você...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É uma convicção minha.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor não tem prova disso? Só opinião pessoal?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, não tenho prova nenhuma disso.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Nobre deputado Alencar Santana Braga, V. Exa. me concede um aparte?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sim.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Deputado, como não faço parte da CPI, gostaria que V. Exa. fizesse uma pergunta a ele por mim. Sr. César, no seu interrogatório, na sua prisão, o senhor tem algum áudio que poderia apresentar a esta comissão?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tenho.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Está com o senhor aí? O senhor poderia apresentar?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Se quiserem passar, podem passar.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ele já colocou à disposição.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, já está à disposição.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Não poderia passar?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não está dando para ouvir bem o microfone do deputado Roque Barbiere. Por favor, aumentem o som.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso foi passado no “Jornal da Record” e em toda a imprensa. Podem passar, sem problema nenhum.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Eu gostaria que fosse colocado esse áudio do interrogatório do César, para que todos tomássemos conhecimento exatamente do que foi dito.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Foi passada uma reportagem. Só para esclarecer...

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - O áudio do interrogatório de César foi passado?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não, foi de outro depoente. Mas só para informar a V. Exa., que não estava aqui no momento, que o Dr. Valverde colocou à disposição aqui mais de uma hora de gravação que foi feita quando, segundo informações desta CPI e daquela reportagem, houve uma certa coação ao seu cliente, na tentativa de tirar informações forçadas dele. Então, tanto esse áudio de cerca de uma hora quanto algumas partes que o Dr. Valverde considera mais importantes e

selecionadas estão sendo entregues a esta comissão. E esse áudio e essas informações vão estar à disposição da CPI para todos os senhores deputados.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Só mais uma pergunta, Sr. Presidente: o senhor promotor não veio, certo?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não veio.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Disse quando virá? Vai ficar a critério dele, não vai vir nunca?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O promotor foi convocado e enviou uma justificativa do não comparecimento, pedindo para que se marcasse uma data após o dia 12.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Quer dizer que ele pode escolher.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não. Nós vamos convocar. Já definimos que vai ser dia 14.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - Foi a comissão que definiu essa data?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sim. No dia 14, ele será efetivamente ouvido.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Só fazendo um adendo à gravação: eles me convocaram para ser ouvido. Fui com meu advogado, e nos trancaram numa sala. Eles não poderiam ter feito esse interrogatório, tanto é que na hora em que o Sr. Valverde fala para ele: “Vamos colocar no papel”, ele diz no áudio que não pode.

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - O senhor é aquela pessoa em cujo depoimento eles falam: “Vou te buscar segunda-feira, fala o que nós queremos ouvir”.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele bateu em cima da mesa e falou assim: “Vocês não vão falar aqui o que vocês querem...”

O SR. ROQUE BARBIERE - PTB - O promotor falou: “Fala com essa moça aqui”?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, vocês vão ouvir no áudio. Ele bate em cima da mesa e diz: “Vocês não vão falar aqui o que vocês querem; vão falar o que queremos ouvir”.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sem dúvida nenhuma, todos devem ouvir.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quem esse?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Dr. Romanelli.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mesmo que já tenhamos passado, é importante passarmos de novo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, eu queria voltar às minhas indagações. Só quero dizer que investigamos aqui a máfia da merenda. Ele disse há pouco que aquilo que ele falou no depoimento é verdadeiro. Se ele tiver que fazer alguma coisa contra o delegado, que continue representando nas esferas cabíveis ou traga a questão formalmente à Assembleia para criarmos uma nova CPI a fim de investigar a conduta dos delegados e promotores. Se alguém assim propuser, tem minha assinatura.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só uma coisa, deputado. Vamos deixar muito claro: o papel da CPI é investigar toda a questão da merenda, bem como qualquer atitude de agente público, seja deputado, funcionário ou delegados e promotores de Justiça que não cumprirem de forma adequada sua função.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Os delegados e promotores estão envolvidos na máfia da merenda? Vossa Excelência está dizendo isso? O objeto da CPI é a máfia da merenda. (Manifestação dos presentes.)

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não estou afirmando nada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então para que investigá-los?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Estou afirmando que esta comissão tem o dever de investigar qualquer conduta inadequada, de qualquer funcionário público...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Que envolva a máfia da merenda.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - E o processo envolve o quê? O inquérito policial é sobre o quê? A coação é de testemunhas do quê, deputado?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Nós não estamos apurando o inquérito, estamos apurando a máfia da merenda.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Deputado, tenha a santa paciência. Qualquer atitude inadequada de qualquer agente público tem que ser levada a público e tem que ser indicada por esta comissão.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, retomando o meu tempo...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Vossa Excelência tem mais dois minutos e meio...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quero dizer que, se alguém quiser propor, eu assino uma nova CPI para apurarmos a conduta deles. Se alguém quiser assinar... Tratamos em um fórum específico... (Manifestação dos presentes.)

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Silêncio, silêncio ou vou pedir a retirada do recinto. Silêncio, por favor. Vossas Senhorias se portaram de forma digna e respeitosa até o momento. Quero solicitar que mantenham o mesmo comportamento daqui para frente.

Continua com a palavra o deputado Alencar Santana.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, um dos próximos depoentes, pela ordem, é o Sr. Emerson Girardi. Acusam-no de ter encontrado a Sra. Dione. Ele diz que não. Queria pedir para V. Exa. que ele ficasse aqui por mais um tempo, para que, se necessário, fizéssemos uma acareação entre as duas pessoas. Isso é importante, até porque, se um deles mentiu, cabe a prisão. Quero sugerir isso a Vossa Excelência.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sem nenhum problema.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quando o senhor levava a propina ao Sr. Marcel, o senhor pegava recibo?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Com o Marcel?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É. Não era para o Marcel que você entregava?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, era entregue o dinheiro para ele e ele não fazia recibo nenhum.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sabe se a contabilidade da Coaf o fazia?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Recibo? Não sei. Porque eu também não assinava nada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A contabilidade... A empresa que fazia, o escritório, é do seu pai?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Meu pai trabalha no escritório. O escritório é do Sidney. Meu pai só trabalha no escritório. É um escritório muito conhecido na cidade. Meu pai não tem envolvimento nenhum...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas era ele quem fazia a contabilidade da Coaf?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ele participava da contabilidade da Coaf, mas isso foi por um acaso, na época, quando o Sr. Cassio procurou o escritório. Eles entraram no escritório antes de eu entrar. Eu não sei, eu não tive participação nenhuma na questão de... Meu pai não tem envolvimento nenhum com isso. Pelo amor de Deus...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quero voltar à história do cheque e das cobranças que o Jeter te fazia. Você disse na entrevista, e disse há pouco, que o Jeter o ameaçou, inclusive. Isso foi no começo de 2015...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então o contrato já estava em andamento.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Já. Só não tinha sido assinado, acho, o de um litro. Tinham assinado o de 200 ml...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não, mas são contratos diferentes...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, sim. Estavam em andamento...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Já existia um contrato assinado e o outro contrato estava em curso, para ser assinado.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A chamada pública foi em agosto, setembro de 2014.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso. Agosto, setembro, é...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então já estava em andamento.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Já.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É que o senhor disse, há pouco, que o contrato não estava assinado. Queria entender melhor.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, só não estava assinado, o contrato. Por quê? O que aconteceu? No antigo contrato, também a Coaf havia ganhado, estava tudo certo, só que não havia assinado o contrato.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual contrato não estava assinado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O de 2013, não foi assinado nenhum contrato.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual contrato estava assinado quando ele te liga, cobrando?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Só o de 200 ml.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então tinha um contrato assinado. Qual era o valor dele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Acho que eram dois milhões de unidades a 1,43... Não me recordo o valor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok. Faltava só o segundo contrato, que estava em tratativas...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, que era o de litro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E é nesse período, quando o cheque cai sem fundo, que ele liga ameaçando...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Para concluir, deputado, pois já acabou o seu tempo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Os pagamentos eram feitos quantos dias após o recebimento?

E, por fim, se o Marcel não tinha essa influência, por que o senhor acreditou quando ele orientou para fazer o aditivo financeiro e de que iria ter o pedido de 25% a mais no contrato? Aditivo, reequilíbrio... Era aditivo, depois se transforma em reequilíbrio. Por fim, se você sabia que o Marcel usava o nome de pessoas de forma errada, por que você usou o nome de um assessor parlamentar para ameaçar o Chebabi?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Para receber a comissão. Eu também tinha participação. Senão eu não receberia a minha também, os meus 2 por cento. Eu ficaria sem.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok. E a outra pergunta, sobre o Marcel?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Repita para mim, por favor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A questão do aditivo.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, do aditivo. Em relação ao aditivo, todo mundo ficou, não foi só eu... Eu, Adriano, Carlinhos, todo mundo ficou... Mas aí, o que o Marcel falou? O Marcel falou: “Faz desse jeito e protocola na Secretaria de Educação”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Aí vocês fizeram?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Aí o Adriano e o Carlinhos fizeram. Nós viemos, protocolamos e acabou.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas depois pediu para alterar.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Então, foi feito o do aditivo, primeiro...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A pedido dele.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - A pedido dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E vocês fizeram errado.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, nós fizemos o aditivo e ele pediu para alterar. Ele falou: “Não faz o do aditivo, faz o do financeiro, o do reequilíbrio financeiro”. E foi feito o do reequilíbrio financeiro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E por que o senhor acreditava nele, então?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ah, não é que acreditávamos. Ele pediu para fazermos, nós viemos e...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Você acreditava, então, que ele tinha influência junto à Secretária de Educação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não era bem dessa forma.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Tinha informação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tinha, podia ter.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele podia ter informação da secretaria?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim, podia ter.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok. Você disse que acompanhou o processo de 2014. Por que a Coaf faz o pedido de registro na Ocesp?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso você vai ter que perguntar para o Cal ou para o Cassio. Essa parte documental era com eles. Eu não...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - De todos os contratos da Coaf, em nenhum foi exigido Ocesp, salvo o de 2014. O pedido foi anterior ou posterior ao contrato? O pedido do registro...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei. Dessa parte de documentação, eu não participei.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Próximo inscrito. Tem a palavra o nobre deputado Gilmaci Santos.

O SR. GILMACI SANTOS - PRB - Concedo um aparte ao nobre deputado Enio Tatto.

O SR. ENIO TATTO - PT - Sr. César, o senhor prestou depoimento lá na região, com os delegados e com o promotor de lá. Há todas essas denúncias, há os vídeos, há todos os problemas. O que estiver errado tem que corrigir. O senhor prestou depoimento na Corregedoria do Estado também, não é?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim. Na Administração? Prestei.

O SR. ENIO TATTO - PT - Lá, o corregedor é um promotor. Que eu saiba, de lá não vazou nada; ninguém está sabendo de nada. A televisão não passou nada. O senhor não tem conhecimento de que alguém gravou, assim como gravaram com os delegados e com o promotor na região? Se alguém gravou, se alguém vazou alguma coisa... Não tem nada?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do meu depoimento?

O SR. ENIO TATTO - PT - É, ou dos outros depoimentos...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não...

O SR. ENIO TATTO - PT - Foi tranquilo, foi favorável? Foi tudo em ordem aqui?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não que tenha sido tranquilo, eu fiquei das duas e meia da tarde até às sete horas da noite. Foram oito ou nove páginas de depoimento.

O SR. ENIO TATTO - PT - Mas o senhor não viu pressão nenhuma, não viu problema nenhum? Foram muito amistosos, o depoimento do senhor e o interrogatório da Corregedoria aqui do Estado, não é?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não que tenha sido muito amistoso. Foi um depoimento, eu acho, correto, da forma com que se tem que tomar um depoimento. Eu prestei depoimento com o Dr. Herbert - de todas as prefeituras, como nós falamos, que eu deixei aqui para vocês terem acesso - e foi tranquilo também. Ele foi perguntando, eu fui respondendo, a escriturária foi colocando no papel. Não teve pressão nenhuma. Então, do meu ponto de vista, eu acho que é a forma correta de se pegar um depoimento. Não querendo colocar palavras na minha boca...

O SR. ENIO TATTO - PT - Obrigado, deputado Gilmaci Santos.

Sr. Presidente, como eu falei na semana passada, aqui no Estado de São Paulo é impressionante. Está tudo dominado. É tudo tranquilo, é muito amistoso. Ministério Público, não a instituição, mas os promotores que são escolhidos pelo governador. É presidente de Tribunal de Justiça que vira secretário da Educação, que vira secretário da Justiça...

Aqui, deputado Barros Munhoz, no Estado de São Paulo, nos últimos 20 ou 25 anos, as coisas são muito tranquilas! É por isso que as coisas não avançam. Lá, na Corregedoria, com certeza não tinha estudantes assistindo, não tinha imprensa registrando. Lá é muito seleta, quem participa. E não vaza nada. É impressionante.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Acho que foi por isso que o governador Alckmin ganhou a eleição quatro vezes, para governador do Estado.

O SR. ENIO TATTO - PT - Portanto, nós também ganhamos quatro vezes o governo federal.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Devolvo a palavra ao nobre deputado Gilmaci Santos.

O SR. GILMACI SANTOS - PRB - Obrigado, Sr. Presidente. Sr. César, boa tarde.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Boa tarde.

O SR. GILMACI SANTOS - PRB - Sr. César, outros depoentes que estiveram aqui afirmaram e acreditam que o Sr. Marcel - todas as vezes em que usava o nome de pessoas influentes, como deputados ou pessoas do governo - não tinha esse relacionamento todo, mas que os usava, muitas vezes, para se beneficiar com alguma coisa, para cobrar, para se beneficiar daquilo que estava querendo fazer.

O senhor também afirma hoje que acredita nisso? Que o Marcel, na verdade... Que esse relacionamento que ele dizia ter com essas pessoas, como nobres deputados que foram citados aqui, na verdade, também não existia? Era só uma maneira de ele se promover?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. GILMACI SANTOS - PRB - Muito obrigado. Em cima disso, Sr. Presidente, causa-me preocupação ver o que pode acontecer a esta CPI; ela pode tomar outro rumo, que não o de investigar realmente os desvios do dinheiro da merenda no nosso estado. Ou então transformarem esta CPI em um palanque eleitoral. Estamos vendo que algumas pessoas tentam fazer isso.

Na semana passada, um deputado, de maneira até - perdoem a minha fala - vergonhosa, fez aqui perguntas e tentou ligar uma pessoa do município dele, claramente fazendo disso um palanque eleitoral, uma disputa municipal. Conseguimos perceber que estão tentando fazer isso também no estado de São Paulo. Com todo o respeito ao deputado Enio Tatto, ele vem aqui e fala do Celso Russomano, nosso deputado; cita que o Celso Russomano lidera as pesquisas, o que é um fato. Acho que não podemos transformar esta CPI em uma disputa eleitoral, deputado Enio. Devemos focar a nossa CPI naquilo para que ela realmente foi formada: investigar o desvio da merenda.

Então, preocupa-me quando essas gravações vazam na imprensa. A quem interessa? Quem está fazendo isso? Penso se não é uma maneira de transformar, de mudar esse foco. Então, Sr. Presidente, essa foi a minha pergunta ao Sr. César. Foi exatamente isso.

O senhor afirma que ele disse que teria um jantar com o Celso e que esse jantar não houve. Essa reunião não houve?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - De jeito nenhum. Isso foi só uma informação que... Na hora em que ele me passou, eu passei para o Sr. Cassio e ele não apagou do WhatsApp dele. Nunca. O Sr. Celso Russomano nunca teve influência nenhuma, nunca participou de nada da Coaf. Nunca estive com ele. O Marcel falou que iria jantar com ele e iria me levar junto para apresentá-lo, para conhecê-lo, mas não aconteceu isso.

O SR. GILMACI SANTOS - PRB - Esse jantar não houve, então?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, de jeito nenhum. De forma nenhuma.

O SR. GILMACI SANTOS - PRB - Muito obrigado. Então, essa é a minha preocupação, Sr. Presidente e Srs. Deputados: que não transformássemos esta CPI em um palanque eleitoral.

O SR. ENIO TATTO - PT - Permita-me, nobre deputado. Eu fui citado.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Pois não.

O SR. ENIO TATTO - PT - Deputado, eu falei o que está na imprensa, o que está colocado, e falei de todos. Não é palanque político.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O Marcel jantou com ele?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu não sei, acho que não.

O SR. ENIO TATTO - PT - Mas não podemos fugir de falar por ser um momento político. Em Brasília, tem uma presidenta sendo cassada hoje por pura política, sem um crime. Então, temos que tocar no assunto. Tanto é que deu a oportunidade de V. Exa. fazer a pergunta e ouvir do depoente, talvez, aquilo que V.

Exa. gostaria de ouvir. Então, não tem nada de palanque político. Aqui é uma Casa política. Apenas citei nomes que foram relacionados e, inclusive, falei que teriam a oportunidade de se defender.

O que não podemos é ficar, nesta CPI, ouvindo os chamados “peixinhos pequenos” e esquecermos-nos de citar, de falar e de esclarecer os fatos quando são citadas pessoas com uma envergadura maior.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele fala que não jantou, mas ele não sabe se o Marcel jantou ou não.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei, vocês vão ter que perguntar para ele.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só para dizer, deputado Enio Tatto, que os “peixinhos pequenos” a que V. Exa. se refere - 90% deles - foram convocados por requerimento da sua bancada. Então, não estamos preocupados se são “peixinhos pequenos” ou “peixinhos grandes”. Nossa preocupação é levantar os fatos, apurar os fatos.

Faço minhas as palavras do deputado Barros Munhoz: se tiver algum funcionário público ou agente público envolvido, ligado ao Governo do Estado, ao PSDB, ou a quem quer que seja, que seja punido e levado à prisão, pois é isso que a população do estado de São Paulo exige e espera.

O SR. ENIO TATTO - PT - Espero que as próximas convocações, os próximos requerimentos sejam aprovados também por 90%... Tem um membro só do PT. Que sejam aprovados por 100% da comissão.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Cem por cento, deputado Enio. Todos foram. Já está marcado para a semana que vem, para a próxima reunião.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Todos foram. Nós estamos aqui, nobre deputado, seguindo um roteiro que foi estabelecido e acordado por todos: primeiro levantar os fatos e depois ouvir as pessoas acusadas. Já está marcado. Então, vamos fazer, vamos ouvir todos os que forem citados e, de alguma forma...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, o deputado Barros disse que já está marcado o depoimento. Eu só queria saber a data.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Na reunião anterior.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não tem data, tem um cronograma. O que dissemos é que vamos terminar o núcleo Coaf e, a partir disso, partir para as pessoas que foram citadas e investigadas. Então, é núcleo Coaf, depois funcionários e membros da Assembleia Legislativa citados e, depois, em um terceiro momento, da Secretaria de Educação. É esse o cronograma que vamos seguir aqui.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, eu pediria uma gentileza. Eu deixei de fazer uma pergunta que reputo muito importante. Posso fazê-la, com a concordância de todos?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sem problemas, deputado Barros. E que esse direito, quando a oposição precisar, também seja concedido.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Companheiro, sempre! Como sempre.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Obrigado, presidente.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Caro César, é o seguinte: lá, na apuração, houve politização. E havia gente interessada em prejudicar o deputado Fernando Capez? Ou não?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Olha, eu vou falar uma coisa aqui. No dia em que estivemos lá, em que sofremos a coação, eu fui coagido porque não falei o nome dele. Quem falou o nome do Sr. Deputado Fernando Capez foi beneficiado. Quem não falou sofreu coação.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Era isso que eu precisava saber. Muito obrigado. (Manifestação dos presentes.)

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Da mesma maneira, presidente Barros. Que tipo de coação o senhor sofreu?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Vocês vão ouvir no áudio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas que tipo? Relate. Estou perguntando: que tipo de coação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tentando colocar palavras na minha boca.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor fala a verdade quando diz que aquilo que o senhor falou é verdadeiro ou agora?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, essa última, do dia da gravação...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor fala a verdade quando diz que os depoimentos entregues pelo senhor a esta comissão, no início...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - São verdadeiros.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É verdadeiro?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Claro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E essa última informação, é verdadeira?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eles tentaram coagir, querendo colocar palavras na minha boca.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse, há pouco, que ninguém citou nenhum nome. Aliás, o senhor disse, há pouco, que o senhor não falou o nome do deputado, que o senhor disse o seguinte... Ele perguntou: “Quem é Jeter e Licá?”. O senhor disse o seguinte: “São assessores do deputado”. O senhor mesmo falou.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, está no meu depoimento.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Eu não estou entendendo...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele perguntou de Jeter e Licá. O senhor mesmo disse, agora.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - “Quem são essas pessoas?”, ele perguntou. E eu falei. Está no depoimento.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o senhor foi coagido a falar?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mas qual é a contradição disso, deputado? Desculpe...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele está dizendo que foi coagido a citar o nome. Está dizendo que quem falou foi beneficiado. Ele disse, há pouco, outra coisa.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O senhor é um cara inteligente. O senhor entendeu o que eu quis dizer.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não, desculpa...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - São depoimentos em momentos diferentes.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Tanto entendi, que o senhor disse, há pouco, que ele perguntou: “Quem é Jeter e Licá?”, pois o senhor disse que teria sido ameaçado por Jeter e disse que recebeu mensagem do Licá. O senhor respondeu: “Eles são assessores do deputado Capez”.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o senhor disse que não teve coação alguma. Agora, o senhor está dizendo...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Oras, mas como é que eu respondo? A pessoa te pergunta: “Quem é o César Bertholino?”. O senhor vai falar o quê? “O César Bertholino é o funcionário da Coaf.” “E quem era o chefe, quem era o presidente da Coaf?” “O senhor Cassio.”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E isso é ameaça?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não, não estou falando que...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Isso é coação?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ele não está falando desse momento.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não estou falando dessa situação. Estou falando da situação do áudio. Não estou falando dessa situação. Se eles me perguntam quem é Jeter e quem é Licá, eu vou falar o quê? Eu sei que são assessores do deputado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele te coagiu a falar isso?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. Nesse depoimento, não. São outros momentos.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Rapidamente, quem mais fez pressão em cima do senhor? Do Ministério Público, quantos tinham lá, no dia? Era um promotor, dois, três?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ninguém.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Ninguém. No dia em que o senhor foi interrogado, quem estava lá? Não era o promotor e o delegado?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eles falaram que eu teria que ir lá para prestar depoimento e que teria duas pessoas do Ministério Público lá.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Quem mais coagiu o senhor, foi o Ministério Público ou os delegados de polícia? Que o senhor sentiu mais pressão?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Do Ministério Público não tinha ninguém.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - De quem o senhor sentiu mais pressão? Dos delegados?

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - O senhor está mencionando o dia 1º de abril, que gerou a gravação? Foi isso?

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Isso.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - Porque são vários momentos...

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Da gravação, da gravação. Estamos falando da gravação.

O SR. ROGÉRIO VALVERDE - Sim, nesse momento, o áudio comprova que existiu...

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Então deixe-o responder...

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Dois delegados e o Romanelli.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - E o Romanelli, quem é?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É o promotor de justiça.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Ah, é o promotor, promotor público, fale o cargo dele. Quem fez mais pressão, o Ministério Público ou os delegados de polícia?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - O Ministério Público.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - É?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Isso.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Está bom. Obrigado.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Vocês vão ouvir no áudio. Vocês vão ouvir.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quando eu perguntei ao senhor para quem o senhor levava aquele dinheiro que foi apreendido, o senhor respondeu que foi ao Marcel. O senhor sente isso como coação?

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não. De jeito nenhum.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok, obrigado.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, tenho uma solicitação a Vossa Excelência. Eu entendo a colocação do depoente e reputo como importante que nós aceitemos o que ele falou a respeito do pai e do escritório e excluamos isso de

qualquer cogitação nossa. Eu concordei que realmente o pai não tem nada a ver com isso. Essa é a colocação que quero fazer, que nós nos abstenhamos.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Desculpe, deputado Barros. O escritório Global... Tem dois escritórios em Bebedouro com esse nome. Ele foi citado, que era contabilidade da Coaf.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O escritório. Mas vamos esquecer o pai.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E é necessário que esse escritório também mande para nós documentos sobre a contabilidade, pois foi dito, na semana anterior, pelo Sr. Adriano, que o escritório também não tinha todos os dados. Nós fomos atrás e, particularmente, descobrimos que o pai dele também faz parte do escritório. É importantíssimo que mandem para nós. Se é coincidência ou não...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Esse requerimento vai ser votado hoje, deputado. Não havendo mais Srs. Deputados inscritos...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Questão de ordem: ele vai ficar aqui para uma possível acareação, se necessária?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Deputado, ele vai ficar aqui, mas eu gostaria de informar a V. Exa. que, por uma questão legal, não podemos fazer uma acareação hoje, se for necessária, pois precisa ser convocada...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Podemos! Presidente, estamos fazendo uma inquirição aqui. É possível. Se o outro depoente falar, é possível. Basta vontade política para isso.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - A Procuradoria entende que não, mas veja bem, de uma forma muito tranquila: eu queria solicitar que ele permanecesse aqui, caso exista qualquer dúvida, pois a dúvida que o senhor levanta sobre um ponto, um aspecto... Acho que é importante esclarecer e acho que pode ser

esclarecido de forma muito tranquila. Então, queria solicitar e agradecer, de antemão, as informações prestadas aqui.

Esta Presidência suspende a reunião por cinco minutos. Nesses cinco minutos, solicito que tragam a próxima testemunha, por favor.

* * *

- Suspensa, a reunião é reaberta sob a Presidência do Sr. Marcos Zerbini.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Senhores, vamos, por favor, retomar a nossa reunião. Quero pedir a todos que retomem os seus lugares.

Retomando, então, a reunião, está aqui presente para prestar esclarecimentos o Sr. Emerson Girardi, funcionário da Cooperativa Orgânica Agrícola Familiar (Coaf).

O Dr. João Borges, no início desta reunião, procurou esta Presidência para informar que o Sr. Emerson Girardi fez acordo de delação premiada, e que em função disso se reservaria o direito de ficar calado. De qualquer forma, eu passo a palavra ao Sr. Emerson Girardi, para indagar se é realmente isso.

O SR. JOÃO BORGES - É isso mesmo. Meu cliente fez esse acordo. Sabemos até que é um acordo para uma autoridade incompetente, porque os promotores da Justiça Estadual ouviram, mas a competência nós sabemos que é da Justiça Federal por função das verbas. Então, enquanto está esse trâmite, esperando um pronunciamento da Justiça Federal e se reservando o seu direito constitucional, meu cliente vai permanecer em silêncio.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Esse acordo foi homologado?

O SR. JOÃO BORGES - Esse acordo foi homologado pela Justiça de Bebedouro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Primeiro eu queria também que o cliente falasse, que o Sr. Emerson Girardi respondesse essa questão.

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim, eu vou permanecer em silêncio devido ao acordo de delação que foi homologado. E, pela homologação, se eu falar o que eu depus, ou se a Justiça falar o que eu depus, uma das partes quebra.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Doutor, o seu cliente falou na investigação que corre perante o Tribunal de Justiça? Ele foi chamado para depor perante o Tribunal de Justiça, a Procuradoria de Justiça do Estado?

O SR. JOÃO BORGES - Não foi chamado. Esse acordo foi realizado no fórum lá de Bebedouro com os promotores de Justiça.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É, deputado Barros Munhoz, essa CPI está sendo veloz de fato. Vossa Excelência já disse em mais de uma ocasião: nós estamos trabalhando numa velocidade boa. E o Tribunal de Justiça, até agora, não chamou o Sr. Emerson Girardi, nem para ele dizer que não pode falar. E assim parece que também não chamou outras pessoas. Estranho, não é?

E por que o senhor falou na Corregedoria, Sr. Emerson Girardi?

O SR. JOÃO BORGES - Ele vai se reservar no direito de permanecer em silêncio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É muito estranho. Ele fala à delegacia, vai à Corregedoria que não tem poder algum, poder algum de convocá-lo, poder algum! De quando é a delação?

O SR. JOÃO BORGES - Foi na data da prisão temporária, acho que há uns dois meses atrás.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Desculpe, quando ele foi preso? Ele foi preso em janeiro? Em janeiro foi quando teve aquela operação onde várias pessoas...

O SR. JOÃO BORGES - Não, foi na segunda fase.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Qual é a data? Pergunto só pelo fato de que eu não sei essa data.

O SR. JOÃO BORGES - Oito de abril, salvo engano.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E quando foi a delação?

O SR. JOÃO BORGES - Foi naquele dia lá da prisão.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, desculpa, eu vou deixar aqui um documento com Vossa Excelência. Esse documento está no processo da CPI. Depois eu entrego a Vossa Excelência. No dia 10 de junho de 2016, às 12 horas, à Rua 9 de Julho, nº 378, o Sr. Emerson Girardi, de RG - 20481561, de São Paulo, compareceu à Corregedoria e deu um depoimento.

A delação desse senhor é de abril. Salvo engano - só se eu estiver equivocado - junho é depois de abril; dois meses após. Ele depôs espontaneamente, de livre vontade à Corregedoria após a delação. E o advogado dele acha que não está quebrada a delação nesse caso. Mas aqui, onde nós temos o poder de investigar, conforme a Constituição determina, de apurar com poderes das autoridades policiais judiciárias, ele está dizendo que não vai, alegando sigilo naquilo que ele delatou. Eu considero o Sr. Emerson Girardi uma testemunha, até porque, se ele delatou, ele também está testemunhando, está relatando os fatos que ele sabe. E como testemunha ele pode colaborar com esta CPI.

Sr. Presidente, se ele assim não fizer, cabe prisão a ele. Cabe prisão.

O depoimento dele é posterior. Deputado Barros Munhoz, como nós, que temos poder constitucional, vamos aceitar que ele venha aqui e não deponha? Sabe o que ele está dizendo para nós? A Assembleia Legislativa não vale nada. A Corregedoria, um órgão administrativo, vale muito mais, tem um poder maior, ou há alguma coisa estranha porque ele foi lá.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Tem mais do que simplesmente aviões de carreira no ar.

O SR. JOÃO BORGES - É que após esse depoimento é que nós tivemos conhecimento de que o processo foi para a Justiça Federal. E nós sabemos que há processos para anular o processo da Justiça Estadual, problemas com delegacia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Doutor, seu argumento aqui é que ele fez delação e que não pode falar. Só que ele falou em junho, 10 de junho. Está aqui. Ou isso aqui é falso?

O SR. JOÃO BORGES - Não, é verdadeiro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então, porque lá ele pode falar e aqui não? Aliás, se pode ser anulada a delação, é mais uma razão para ele falar. Eu entendo que, independente da anulação ou não, ele deve falar; não é que ele pode, ele deve falar, porque ele é testemunha. E a delação não impede que você fale no outro órgão que tem também competência para investigar. Porque se assim fosse, quando a Procuradoria de Justiça chamá-lo, convocá-lo, ele pode dizer: “não, não posso falar”. Só que são competências diferentes.

Agora a Justiça Federal vai apurar as fraudes que envolvem os municípios. Na Procuradoria de Justiça vai envolver as pessoas com foro privilegiado. E aqui nós apuramos também infrações político-administrativas. São coisas diferentes. Nós temos competência. Isso nos assegura a Constituição. E aqui, que não tem competência alguma para ouvi-lo, ele vai lá “não, estou aqui de peito aberto. O que os senhores querem saber mesmo?” E aí dá alguns depoimentos, inclusive mudando versão. É estranho que aqui ele fala de livre e espontânea vontade, e muda a versão. Estranho não, senhoras e senhores?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Não, já que ele veio falando que ele fez a delação premiada, eu queria, então, pedir a cópia desse documento, para nós podermos, de fato, comprovar que ele fez a delação premiada; porque só a palavra aqui não nos agrada, não nos satisfaz. Então, eu gostaria que eles apresentassem o documento de delação premiada que ele fez na Justiça.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É regimental o pedido de Vossa Excelência.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, cada vez eu me convenço mais de que a finalidade desta CPI não é apurar os fatos, mas dar uma aparência de que foi feito tudo e não foi apurado nada.

Sr. Presidente, lamentavelmente essa é a minha opinião hoje. Não precisa mais ter CPI, não precisa mais ter Justiça, não precisa ter mais nada. O camarada fala “fiz uma delação premiada, não posso falar mais nada.” Pronto, está resolvido o problema dele. Ele vai morar em Fortaleza, numa casa com piscina, com quadra de basquete, vai morar lá - não sei como é que chama - em Itamaracá, Itamambaia, não sei, ali perto da serra, no Rio de Janeiro, onde está o Cerveró; é a melhor coisa do mundo! Quer dizer, nós estamos aqui fazendo um papel ridículo. Nós não podemos aceitar essa situação. Não podemos aceitar essa situação de forma alguma. Ou então é melhor, sinceramente, encerrar a CPI. Eu prefiro encerrar a CPI para, pelo menos, preservar a nossa dignidade, porque nós estamos sendo ofendidos, diria melhor, sendo ultrajados.

Essa é a minha colocação. E quero dizer que apoio o pedido. Pena que o deputado Enio Tatto não esteja aqui. Apoio o pedido de prisão do cidadão que se recusa a falar o que sabe à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Eu também endosso o pedido de prisão dele.

Agora, a Procuradoria que nos oriente o que pode ser feito. O que não pode, de forma alguma, é uma desmoralização tão grande do Poder Legislativo. Isso, realmente, eu não me conformo e não aceito que seja praticado dessa forma. Agora, todo mundo que vem aqui pegou a moda: “não, porque eu estou estudando, e tenho uma viagem para a Europa em setembro, depois da eleição, não sei quando, eu vou fazer uma delação premiada, eu ainda estou pensando no que vou falar, então eu não quero depor.” O outro vem “não, não posso depor”. Mas acabou de depor em outro lugar. Que brincadeira é essa? Então, nós é que não valem nada? É humilhação para a Assembleia, é humilhação para a Assembleia Legislativa!

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sr. Presidente, ele não é testemunha?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sim, é testemunha.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E como testemunha ele não é obrigado a responder às nossas perguntas?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É obrigado a responder.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E se ele não responder?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É crime de falso testemunho.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só para conhecimento de Vossas Excelências...

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Ele é investigado, não testemunha.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Não, aqui ele está na qualidade de testemunha.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Aqui ele está na qualidade de testemunha. Só para o conhecimento de V. Exas., nós solicitamos um parecer da Procuradoria da Casa, na verdade não é um parecer formal, mas um parecer informal, uma conversa feita e há alguns aspectos que acho importante ressaltarmos. O Art. 342 do Código Penal diz que também é falso testemunho calar a verdade. Portanto, o permanecer calado, não informar aquilo que é possível informar, é enquadrado no crime de falso testemunho, e lembrar que a CPI tem poderes de investigação próprios das autoridades judiciais. Portanto, o permanecer... E me parece que nem sequer a homologação da delação foi trazida, foi apresentada.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, V. Exa. não tem o poder de já dar voz de prisão? O senhor não tem esse poder?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - De dar voz de prisão não, mas de pedir abertura de inquérito...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Não, não é isso que eu estou falando. Eu entendo que V. Exa. tem o poder de dar voz de prisão. Eu entendo que V. Exa. tem o poder de dar voz de prisão, dar voz de prisão. E vamos levar esse homem para a cadeia!

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Vossa Excelência tem o poder, como presidente da comissão, de dar voz de prisão.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Vamos suspender a reunião por cinco minutos. Está suspensa a reunião.

* * *

- Suspensa, a reunião é reaberta sob a Presidência do Sr. Marcos Zerbini.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Reabertos os nossos trabalhos. _Sras. Deputadas, Srs. Deputados, foi feita uma conversa com o advogado da testemunha, que concorda com o seguinte encaminhamento - inclusive, é o que determina a lei: ele responde aquilo que entende que não o incrimina pessoalmente, porque nesse caso a lei permite que ele não responda às perguntas, mas responde tudo aquilo que entende que não possa incriminá-lo pessoalmente.

Dessa forma, queria lembrá-lo que o senhor depõe como testemunha e, como tal, tem o dever de falar a verdade sob todas as penas da lei, tanto no aspecto civil, quanto no criminal. E como já foi dito - e é uma prerrogativa legal - aquilo que o senhor entender que possa incriminá-lo pessoalmente, o senhor tem que dizer: “não respondo isso, porque isso me afeta pessoalmente, pode me incriminar”.

Só queria, então, pedir que o senhor fizesse uma pequena explanação, rapidamente, de qual era a sua função dentro da cooperativa, quando o senhor entrou na cooperativa e, de uma forma um pouco global, explicar um pouco o entendimento de como aconteceu tudo o que veio à tona.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu entrei na cooperativa em 2012 na função de vendedor. Estive lá até 2015. Eu entrei em outubro de 2012 e saí em outubro de 2015. Nesse período, eu trabalhei como vendedor até o final de 2014. De 2014 até o meu desligamento final eu trabalhei no Hortshopping como repositor. Eu saí da função de vendedor e fui trabalhar no Hortshopping como repositor.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Qual era o seu papel na cooperativa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Vendedor até 2014 e depois repositor do Hortshopping que existe na sede da cooperativa.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Como é que o senhor entrou na cooperativa? O senhor entrou como funcionário? Como é esse papel de vendedor? Era registrado?

O SR. EMERSON GIRARDI - A princípio, como vendedor nunca fui registrado. Eu era registrado como auxiliar de escritório, ou alguma coisa assim, porque a minha carteira está presa na cooperativa até hoje. Então, eu não sei, exatamente, qual cargo que está lá na carteira. Mas como auxiliar eu fazia a função de vendas até dezembro de 2014. Em 2015 eu já não trabalhava mais com vendas. Eu tinha salário fixo e se eu vendesse eu tinha comissão por vendas.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Qual era o valor do salário do senhor?

O SR. EMERSON GIRARDI - Dois mil e quinhentos, mais quinhentos de ajuda de custo e a comissão que variava de cinco a dez por cento. Depois que eu passei para... no ano de 2014 a cooperativa não me ajudava com os custos de viagem e, em 2015, quando eu passei para repositor, eu já fiquei sem receber salários, sem nada. Eu fui afastado, humilhado. Foi um tipo de castigo que eles me deram lá porque eu já não estava mais vendendo. Então, eles me colocaram lá como repositor.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Repositor o que seria exatamente?

O SR. EMERSON GIRARDI - Repositor troca tomate podre, limpa chão, serviços gerais dentro da... Eu só permaneci lá para ver se recebia os salários atrasados, que a cooperativa já me devia - a cooperativa não estava mais me pagando.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Quero só lembrar que nós estamos abrindo inscrição para todos os oradores que queiram falar e interrogar a testemunha, e que nós temos até - agora são 12 horas e 52 minutos - 13 horas e 52 minutos para que isso seja feito. Portanto, estão abertas as inscrições para os Deputados que quiserem inscrever-se.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, tem mais algum depoente?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sim, tem mais um.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Só para a minha informação. Muito obrigado Sr. Presidente.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, eu vou indagá-lo. Primeiro quero parabenizar a todos os membros da comissão que entenderam que - o deputado Barros Munhoz, primeiro a se manifestar, também entendeu assim, Sr. Presidente, e V. Exa. também - se essa comissão não tomasse o depoimento seria uma desmoralização para nós, porque não dá para uma pessoa se esconder porque fez a delação, e não depor a um órgão que tem poder constitucional para investigar. E por fim, até o advogado, que recuou da sua posição inicial para que essa comissão não tomasse uma medida mais dura. Nós queremos apurar os fatos e não punir, como disse aqui o deputado Enio Tatto, os peixes pequenos.

O Sr. César depôs há pouco, no depoimento anterior, e disse que esteve numa ocasião com o Sr. Cássio e o Sr. Emerson Girardi, quando realizaram uma reunião com o Dr. Misiara, onde foi tratado um contrato com o Estado. Enfim, lá estavam o Sr. Emerson Girardi e o Sr. Chebabi. E ele se dirigiu a São Paulo, porém não teria participado, mas que o senhor e o Cassio teriam participado com o seu tio, para tratar do

contrato com o Estado, e que o Sr. Misiara depois iria tomar atitudes sobre a chamada pública do Estado. Houve essa reunião?

O SR. EMERSON GIRARDI - Houve essa reunião, mas não teve esse tratamento de resolver coisa de Estado, tanto assim que essa chamada pública foi cancelada por ter sido lançada errada. Ela teve um erro no seu edital. Como eu falei - o senhor está com o depoimento da Corregedoria? -, depois de todo o processo ocorrido, o jurídico do governo - não sei exatamente qual órgão então vou chamar de jurídico - constatou que houve um erro nesse edital sobre DAPs. DAPs Estaduais, DAPs Federais, alguma coisa assim, e se esse edital fosse adiante, lá na frente o Tribunal de Contas não aceitaria essa compra do Estado e teria que rever o processo e ter algumas penalizações - que eu também não sei exatamente quais. Portanto, esse processo foi cancelado. É um processo de 2013. Então, esse processo foi cancelado por esse motivo. Não teve favores, não teve nada a respeito desse processo. Esse processo foi feito legalmente.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E por que os senhores procuraram o Dr. Misiara?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não foi para pedir ajuda. No caso, o Dr. Misiara, que é meu tio, ele estava me ajudando no sentido não de prefeitura, Estado, nada disso.

Era época de Copa do Mundo, ia haver Copa do Mundo, e eu sempre tive a mentalidade de colocar o suco da Coaf em hotéis, não só vender ao público, porque existe uma lacuna no final do ano e no meio ano, quando ninguém compra e quando a cooperativa sempre tinha dificuldade. Eu sempre pedi ajuda a ele na questão de colocar em hotéis, restaurantes e similares, para poder ter movimento o ano inteiro. Foi nesse sentido a reunião.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor disse na Corregedoria... Qual foi o contato que o senhor teve com a Sra. Dione de Pietro?

O SR. EMERSON GIRARDI - Quando eu estive na... Sei que hoje mudou o nome, mas o senhor vai me entendendo, não é? Lá onde compra merenda, fui informado que mudou o nome pelo corregedor. Quando eu estive lá na merenda, eu pedi para falar

com alguém que pudesse me dar informações sobre compra de suco, chamada pública, etc.

Eu me identifiquei, mostrei o catálogo e foi chamada essa senhora Dione. Ela me falou que já existia no jurídico um pedido feito para uma chamada pública de compra de suco de laranja e que dentre 30 a 40 dias seria lançado o processo. Nesse momento eu apresentei o suco para ela, deixei os catálogos e fui embora, fiquei aguardando o processo.

Quer dizer, esse processo não foi aberto porque eu estive lá, pois um processo desse demora 60, 90 dias para ser feito. Realmente foi aberto no prazo que ela falou, em um prazo de 30 a 40 dias o processo já estava. Quer dizer, já existia um processo em andamento.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O Sr. Carlos Alberto Santana e o Sr. César - e mais um, mas agora não lembro o nome - disseram que o Sr. Misiara tentou interferir junto ao governo para que a cooperativa fosse contratada. Segundo informações, parece que teria até feito uma reclamação para o governador de que se estaria comprando suco de empresas de fora do estado e que era importante priorizar o produto estadual.

Eles disseram isso e disseram que o Sr. Misiara não obteve êxito, mas que houve a tentativa. O senhor está dizendo agora o inverso: que o assunto era outro e que ele sequer tentou. Quem está falando a verdade?

O SR. EMERSON GIRARDI - Segundo eu li no depoimento dele, ele falou que conversou um dia com o governador...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Depoimento de quem?

O SR. EMERSON GIRARDI - Do Sr. Misiara. Eu li no inquérito.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sim, apenas para ficar claro.

O SR. EMERSON GIRARDI - ... que conversou com o governador e que, nessa época, de 2012 para 2013, estava havendo uma crise da laranja. Eu trabalhava com meu tio, sou muito próximo a ele, então eu comentava com eles. Ele falou: “Olha, nós

podemos tentar falar com o governador para o governador ver se compra suco”. Só que, quando ele falou isso, o processo já existia em andamento no jurídico. Então ele falou: “Governador, o senhor está discursando que tem que ajudar a laranja, mas há alguém no seu governo comprando suco de outros sabores e de outros estados, vamos comprar do interior e tal...”. Foi uma indagação em uma reunião, pelo que entendi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Houve uma resposta formal da Secretaria de Educação à cooperativa, dizendo a razão pela qual não foi assinado o contrato de 2013?

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso é uma parte administrativa, isso eu não sei informar. Eu sei que houve o cancelamento, que foi o... dentro da cooperativa que me informou. Eu estive lá na Secretaria - eu chamo de Secretaria onde se compram as coisas. O Sr. Rodrigo, que me atendeu, falou que ia ser cancelado por causa desse uso de DAPs indevidas no edital. Quem fez o edital misturou as DAPs, não é? Eu falo DAP, mas existe outro nome. Eu não sei falar os nomes, porque essa parte eu nunca entendi na cooperativa, o que é DAP eu não sei informar certinho para o senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - No próprio relatório da Corregedoria do Estado, o corregedor disse que é estranho não ter havido uma resposta formal, um documento dizendo “Olha, foi cancelado por conta disso”. Isso é contrato, é administrativo. Pelos depoimentos, inclusive por este do senhor agora, parece que houve respostas informais. Isso demonstra uma proximidade de servidores da Secretaria com os membros da Coaf.

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, proximidade não. Eu fui lá pedir informação e essa informação foi dada desse jeito. Agora, se houve algum comunicado oficial, aí eu não sei.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A Coaf não tomou nenhuma medida?

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso é parte administrativa, eu não sei. Isso seria com o presidente, com o Cal ou com o jurídico, eu não sei informar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor também era vendedor e acompanhava os processos... Aliás, voltando a esse novo contrato, em 2014 houve nova chamada pública.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu fiquei sabendo de ouvir. Dessa chamada eu não participei e não sei informar nada sobre ela. Essa é a que eles falam que venceu, não é?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Aliás, quero dizer que, pelo seu depoimento, parece que esse Cassio é um cara bem bonzinho, não é? Porque não deu certo em 2013, como o senhor disse há pouco, ele colocou o senhor na geladeira, não é?

O SR. EMERSON GIRARDI - Para limpar chão.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por qual razão ele o puniu assim? Só porque o senhor não fez uma venda?

O SR. EMERSON GIRARDI - Exato. Não fez a venda, então vai lavar tomate podre e eu ponho outro no seu lugar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas qual o poder do senhor para fazer essa venda?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu me sujeitei a fazer isso porque eu estava inclusive com salários atrasados.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas por que tal punição? Qual o seu poder para ter aquela venda, em tese, garantida? Deu errado e o senhor é punido assim?

O SR. EMERSON GIRARDI - Aí eu não sei informar o que passa na cabeça dele, não é? Eu sei que a punição eu senti, mas o que passa na cabeça dele eu não sei informar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Esse cara de fato... Havia um medo dele, não é?

O SR. EMERSON GIRARDI - Pode perguntar para o próximo depoente qual era a minha função lá, porque realmente era essa função que eu fazia, limpar tomate podre.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Pelos depoimentos de alguns, falaram que depois o senhor foi punido duramente porque as facilidades prometidas não teriam acontecido.

O SR. EMERSON GIRARDI - Exato, talvez ele apostasse em alguma coisa que eu nunca usei, não é? Eu sempre quis fazer a coisa na linha correta, e provavelmente a mentalidade dele era outra. Não posso falar por ele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ele fazia errado?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não posso falar por ele. Eu sei que eu não fazia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Havia comissões nos contratos anteriores que o senhor conseguiu?

O SR. EMERSON GIRARDI - Comissão para mim, como vendedor, sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E para outras pessoas, outros agentes?

O SR. EMERSON GIRARDI - Nunca levei nada para ninguém.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O que falam no contrato da chamada pública do estado é que, depois desse resultado errado - que teve o trabalho do senhor e do seu tio, o Sr. Misiara -, o Sr. Marcel teria conseguido, deu certo esse contrato. O senhor tem essa informação?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não posso afirmar. Eu sei pelo inquérito que deu certo a informação, mas pelo inquérito, como o senhor também teve. Eu nunca fui pesquisar se deu certo ou não, mas pelo inquérito deu.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor conhece o Sr. Marcel?

O SR. EMERSON GIRARDI - Devo ter visto, mas não reconheceria.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Visto onde?

O SR. EMERSON GIRARDI - Ah, talvez na própria cooperativa. Não sei informar certinho se era ele, entendeu? Eu não posso afirmar.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o Sr. Leonel Julio?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, esse eu não sei quem é.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor sabe se o Marcel tinha alguma relação política?

O SR. EMERSON GIRARDI - Desse senhor eu não sei informar nada... Só de ouvir falar o nome no inquérito.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor se lembra de ter visto a Sra. Dione em Bebedouro?

O SR. EMERSON GIRARDI - Quando eu estava descarregando a caminhonete, que era uma das funções da punição, eu vi uma senhora que parecia, que lembrava bastante a Sra. Dione.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A Sra. Dione Di Pietro? Porque há duas Diones na Secretaria.

O SR. EMERSON GIRARDI - É, sim. A Dione Di Pietro.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mas o senhor pode afirmar que era ela?

O SR. EMERSON GIRARDI - Olha, eu a vi uma vez onde se compra merenda e depois na cooperativa, na sede da cooperativa. Essas foram as duas vezes que a vi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então era ela? Então o senhor a viu?

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim, eu a vi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Segundo informação, ela estava com o César quando o senhor a viu.

O SR. EMERSON GIRARDI - Ela estava conversando com o César. Ela saiu do escritório, e o César a chamou e os dois trocaram um diálogo, mas eu estava distante, descarregando a Saveiro. Só chamou minha atenção o diálogo dos dois, ou a visão dos dois, porque ele a chamou: “O que você está fazendo aí?”. Então eu levantei o olhar, com a caixa na mão, e vi que eram ele e ela.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Esse tom com que ele a chamou chamou sua atenção por quê?

O SR. EMERSON GIRARDI - Porque ela saiu e ele saiu atrás dela. Aí, duas pessoas conversando, nós procuramos olhar. Mas não era discussão, ele chamou. Eu fui ver se não era eu, porque eu estava ali ao lado, perto da porta, descarregando. Eu ouvi “O que você está fazendo aqui?”, e ia falar “Estou descarregando caixa”, se fosse comigo, mas vi que o assunto não era comigo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Era normal representantes do Poder Público irem até a sede da Coaf?

O SR. EMERSON GIRARDI - Só vi essa vez.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor se lembra do teor da conversa? Há uma contradição nos depoimentos. Parece que o senhor teria dito em determinado local que ela teria falado algo, mas depois, na Corregedoria, o senhor não teria escutado a conversa.

O SR. EMERSON GIRARDI - Não. O que ela conversou eu não sei, não posso afirmar. Eu sei a pergunta que ele fez, depois eles saíram. Eu vou fazer com o dedo, para o senhor entender: saindo do escritório, a porta é aqui; ela saiu neste sentido, e depois foi para este sentido, aí eu não escutei. Só o escutei chamando, conforme falei na Corregedoria.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Bom, Sr. Presidente, o Sr. César disse há pouco que não a viu e que não conversou com ela, que ela nunca esteve na sede da cooperativa. Ele disse isso agora há pouco. O senhor está sustentando o depoimento na Corregedoria, apesar de que, na polícia, o senhor disse ter escutado ela cobrando dinheiro, alguma coisa nesse sentido... Na polícia o senhor falou isso? O senhor falou alguma coisa diferente na Corregedoria?

O SR. EMERSON GIRARDI - No meu depoimento na polícia, eu estava muito pressionado. Realmente, foram dias de pressão...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Por quem? Por quem?

O SR. EMERSON GIRARDI - Pelos delegados.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Que tipo de pressão?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Havia algum promotor que o pressionava também?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, promotor não. Só os delegados.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quais delegados?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei identificar os nomes...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O Dr. Paulo é aquele meio carequinha; o Dr. Mauro é aquele mais galã, assim.

O SR. EMERSON GIRARDI - O Mário, acho que é o Mário.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O Dr. Mário?

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso. E havia outro que eu não sei identificar.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Acho que era o regional, o Dr. Zé Eduardo?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, o regional eu vi só no dia do meu depoimento mesmo. É que eles ficavam indo muito à cela, pressionando: “Você viu? Você escutou? Veio buscar?”.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O que eles falavam? “Viu quem? Viu o quê?”. O que eles queriam incriminar?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eles queriam... A primeira coisa que aconteceu quando eu cheguei lá, que eles falaram, foi: “O seu tio está preso, ninguém vai te soltar, você vai ficar aqui. Conta a verdade, fala tudo”. Eu respondi: “Não sei exatamente o que é, tenho que esperar meu advogado chegar”. Eles responderam: “Vai para a cadeia. Se não quer ajudar, vai pra cadeia, não tem que esperar advogado nenhum”.

Então eles me desceram para a cadeia, me autuaram como prisão. Não sei os termos corretos a serem usados, mas o senhor vai me entendendo e eu explicando se o senhor não me entender. Então toda hora ia alguém lá na cela dizendo: “Vai lembrar ou não vai? Você vai ficar um ano preso aí” e tal.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O que eles queriam que o senhor falasse?

O SR. EMERSON GIRARDI - Queriam que eu falasse coisas que eu não sabia.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O quê?

O SR. EMERSON GIRARDI - Nome de deputado, eu imagino.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor imagina ou eles disseram para o senhor falar?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, eu imagino. Eles não disseram: “Fala o nome do fulano”. Isso não houve, mas eles disseram assim: “Fala que você levou dinheiro”. Eu respondi: “Mas nem eu recebia, como fui levar dinheiro?”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas então eles não mandaram citar nomes de nenhum deputado?

O SR. EMERSON GIRARDI - Mandaram eu falar os nomes dos deputados que eu escutava na cooperativa. Eu falei: “Eu não escutava nada, eu carregava tomate, limpava tomate”. Apesar de ficar no mesmo prédio, o hortishopping é separado do escritório...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu só queria lembrar que o senhor não está se incriminando ao falar isso, mas evidentemente o senhor sabia quem que eles queriam que o senhor incriminasse, evidentemente.

O SR. EMERSON GIRARDI - Pelo inquérito, eu posso até citar nomes, mas lá no dia, na cadeia, não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Lá no dia eles pediram... Eles deram algum nome? O nome do João?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, não deram nome.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Obrigado. O senhor disse... Há uma matéria que saiu no site G1, do grupo da Globo, cuja manchete é a seguinte: “Ex-chefe que cuidava da merenda em São Paulo foi cobrar propina de depoente”. Aí o senhor teria afirmado que viu a mulher saindo nervosa da Coaf, que seria a Dione, e outro vendedor veio atrás e disse: “O que você está fazendo aqui?”. Ao que ela respondeu: “Vim receber, faz três dias que estou nesta cidade”. Isso procede?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, o diálogo não procede. Esse “Vim receber, faz três dias que eu estou aqui” não procede. O que eu vi foi o que eu narrei para o senhor, que eu a vi saindo...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O César disse que ela não estava lá, o senhor disse que ela estava. O senhor disse que é a primeira representante do Poder Público que o senhor viu na sede da cooperativa. Ela estava nervosa? Aparentava estar?

O SR. EMERSON GIRARDI - Ela saiu do escritório e ele saiu atrás, e os dois foram para um canto. Não havia gestos de... Assim, do outro lado da rua, quando vi que os dois atravessaram, continuei fazendo o meu trabalho. Não havia gestos, até onde eu vi, de braços, falar com as mãos, ou gritaria... Os dois se aproximaram e conversaram. Não sei identificar se houve nervosismo ou não.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mas o senhor ouviu alguma coisa do diálogo?

O SR. EMERSON GIRARDI - “O que você está fazendo aqui?”. Foi quando achei que estavam falando comigo e levantei o olho. Se ele tivesse falado só o nome dela, eu talvez não teria levantado meus olhos, não é?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas ela saiu de dentro da sede da Coaf?

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso, há uma porta, ela saiu pela porta.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas se ela estava lá dentro, por que ele vem atrás dela e faz esse tipo de pergunta, se, em tese, ele havia falado com ela lá dentro?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei informar, porque a sede administrativa, como falei, fica no mesmo prédio, mas é separado. Eu ficava no hortishopping e não ia à administração, entendeu? Então eu não sei se ele a viu lá. Lá há quatro, cinco, seis salas, eu não sei exatamente.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Era o César que cuidava, junto com o Marcel, do contrato do estado?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei informar, porque eu já estava no hortishopping. Eu já estava no castigo, vamos chamar assim, como o senhor falou.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor sabe se foi paga alguma propina por conta desse contrato?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei informar porque eu já estava no castigo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, eu só queria que a gente pudesse depois trazer o César para esclarecer esse ponto, porque ele é fundamental para tirar uma dúvida concreta. Um depôs e disse que viu, que estava lá, e o outro disse que nunca existiu.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Até para esclarecer isso, para entender melhor: o senhor afirma que era a Sra. Dione? Porque o senhor disse no começo que parecia ser. Qual é o seu nível de convicção? O senhor está convicto de que era ela ou tem dúvidas?

O SR. EMERSON GIRARDI - Bom, eu a vi por 15 minutos em São Paulo, quando fui apresentar... Eu não cronometrei, pode ter sido um minuto a mais ou minuto a menos. Depois a vi nesse dia. O que me chamou a atenção do parentesco entre essas

duas pessoas foi o cabelo, os óculos que elas usavam e a fisionomia. Quando foi apresentada pelo delegado uma foto, eu falei assim: “É esta pessoa que estava lá”.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A Corregedoria também apresentou foto?

O SR. EMERSON GIRARDI - Também apresentou foto, a mesma foto.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor respondeu o que na Corregedoria?

O SR. EMERSON GIRARDI - Que lembrava também a dona Dione. Tanto um como o outro... O delegado me falou que tirou do Facebook, o corregedor não me falou de onde ele tirou a foto, mas era a mesma foto. Não sei se ele pegou com o delegado, aí eu não sei informar.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Então foi a mesma foto. O nome o senhor chegou a ouvir, ou não?

O SR. EMERSON GIRARDI - O delegado me falou o nome.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não, eu digo... O César chegou a chamá-la pelo nome?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, não. “O que você está fazendo aqui?”.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - A próxima inscrita é a deputada Beth Sahão.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Antes da intervenção de V. Exa., eu gostaria de pedir dois minutos para um esclarecimento. Aqui foi citado o Sr. Misiara. Eu conheço o Sr. Misiara há 40 anos, desde quando ele era vereador em Barretos e depois ao longo de todo o tempo. Ele é ligado às prefeituras, ele é o presidente da União dos Vereadores do Estado de São Paulo. Ele é ligado à citricultura, e eu sei que faz parte do

peçoal daquela região, até porque fui secretário da Agricultura e fui ministro da Agricultura para lutar pelos sofridos produtores de laranja do estado de São Paulo e do Brasil, principalmente enfrentando os grandes cartéis que dominam esse setor.

Eu acompanho, da mesma forma, o trabalho do deputado Nelson Marchezelli há pelo menos 35 anos. O Nelson é um líder da citricultura brasileira, ele defende com unhas e dentes o citricultor, então é mais do que natural. Nós todos, quando falamos com o governador, defendemos os segmentos que nós representamos. Então eu gostaria de dar este depoimento sob pena de ser injusto, porque são duas pessoas...

Eu poderia falar dos outros também, mas aí eu não tenho essa afinidade com o setor e esse tamanho de convivência. Quero dizer que são duas pessoas íntegras e defensoras dos produtores de laranja do estado de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Tem a palavra a deputada Beth Sahão.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sr. Presidente, eu queria perguntar ao Sr. Girardi... Sr. Girardi, qual era mesmo o salário que o senhor recebia?

O SR. EMERSON GIRARDI - Era de R\$ 2.500,00 mais R\$ 3.000,00 de ajuda de custo e mais comissão. Era de R\$ 2.500 mais R\$ 500,00...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só para esclarecer, deputada... É que no começo ele tinha falado uma coisa, por isso que eu interoguei. Ele está dizendo... Então, para corrigir, eram R\$ 2.500...

O SR. EMERSON GIRARDI - Eram R\$ 2.500,00 mais R\$ 500,00 de ajuda de custo.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mesmo quando o senhor foi transferido de vendedor para repositor, o senhor continuou recebendo essa quantia?

O SR. EMERSON GIRARDI - Sem a comissão. Bom, teoricamente eu estaria recebendo, mas eu já não estava recebendo.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - É que nós temos aqui, Srs. Deputados, uma relação de cheques, TEDs e depósitos da Coaf, e o Sr. Emerson Girardi, em nossa relação, é a segunda pessoa que mais recebeu. Ele recebeu R\$ 392.317,80, perdendo apenas para a Empreite, que é a empresa que fez a construção dos barracões.

Tenho aqui uma lista da data, do banco, do número do cheque e do valor que o senhor teria recebido. Em junho de 2013, no banco Bradesco, com o cheque nº 4171, o senhor recebeu R\$ 105.000,00. No dia 4 de junho de 2013, com o cheque nº 4011, o senhor recebeu R\$ 3.000,00. No dia 10 de junho de 2013, com o cheque nº 4132, o senhor recebeu R\$ 72.750,00.

Há dois valores pequenos aqui, em julho de 2013 e, de novo, no dia 6 de agosto de 2013, o primeiro de R\$ 4.143,00 e o segundo de R\$ 2.424,00, dos quais nós não temos o número dos cheques. No dia 14 de outubro de 2013, com cheque do mesmo banco - Bradesco - nº 5223, o senhor recebeu R\$ 94.000,00. No dia 19 de dezembro de 2013, com o cheque nº 6216, o senhor recebeu R\$ 6.000,00.

Gostaria de pedir ao advogado que o deixe responder por enquanto. O senhor me dizer a que se referem esses valores?

O SR. EMERSON GIRARDI - Os que a senhora chama de pequenos...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - É que os outros são muito grandes, só por causa da comparação.

O SR. EMERSON GIRARDI - Os de R\$ 3.000,00 é salário, e quando é R\$ 6.000,00 são dois meses de salário atrasado, e aí por diante, porque meu salário sempre foi atrasado.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E os grandes valores?

O SR. EMERSON GIRARDI - Os cheques grandes, o Cassio falava para mim: "Vou pôr nominal em seu nome, você vai sacar e trazer o dinheiro para a cooperativa". Então eu ia ao banco, sacava e trazia o dinheiro para ele, entregava para ele.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca perguntou a ele para que era esse dinheiro?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu nunca perguntei nada.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas e imposto de renda também? Porque, quando cai um valor desses na conta, quando você saca esse valor, normalmente... O outro Coaf, o Coaf que realmente...

O SR. EMERSON GIRARDI - Mas nunca veio para a minha conta esse dinheiro.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas o senhor falou que depositava em sua conta para sacar...

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, eu não falei isso não. Eu falei que ia sacar o cheque e trazia em espécie para o Cassio, entregava o dinheiro para o Cassio.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas o cheque nominal tem que declarar. Para o senhor descontar um cheque de R\$ 105.000,00, nenhum banco permite que se desconte esse valor... Você tem que fazer reserva antes, você tem que avisar o gerente, você tem que pôr nominal...

O SR. EMERSON GIRARDI - O Cassio só falava assim: “Olha, vai lá no banco, saca esse dinheiro e traz para mim”. Se foi feito...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas quando você vai ao banco, isso é básico. Quando você vai ao banco, se você entrega um cheque acima de R\$ 5.000,00, você tem que colocá-lo nominal, tem que pedir para fazer o provisionamento do dinheiro e o banco quer saber. Se você não assinar no verso do cheque, se você não endossar esse cheque, você não consegue nem receber. Como você conseguia isso?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não conseguia... O Cassio me dava o cheque nominal em meu nome, uma bolsa, e falava: “Vai ao banco, saca o dinheiro e traz para mim”.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas então...

O SR. EMERSON GIRARDI - Quem fazia esse provisionamento que a senhora falou não era eu.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Não, eu sei que é o banco, eu sei que é o banco, mas o cheque está entrando nominal, então você tem que declarar esse cheque, não importa se você sacou em espécie.

O SR. EMERSON GIRARDI - Deputada, quando eu ia, o dinheiro já estava lá disponível. Eu só chegava com o cheque e falava ao gerente que eu fui sacar o cheque.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Às vezes, para trocar um cheque de R\$ 4.000,00 ou R\$ 5.000,00, nós ficamos dois dias falando com o gerente, pedindo por favor...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quem fazia era o Chebabi.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Era o Chebabi que fazia sim. O senhor foi tesoureiro da Uvesp, que era presidida pelo seu tio, o Sr. Sebastião Misiara. O senhor deixou a tesouraria, saiu da tesouraria da Uvesp?

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe por que a Uvesp recebe da Coaf R\$ 16.800,00? Ela prestou algum... Eu quero dizer a vocês que a Uvesp é a União dos Vereadores do Estado de São Paulo. Por que a Uvesp recebe da Coaf R\$ 16.800,00?

O SR. EMERSON GIRARDI - A Coaf tinha uma publicidade no jornal da Uvesp. Como o jornal da Uvesp, não sei se a senhora já viu...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Já vi, claro.

O SR. EMERSON GIRARDI - O jornal da Uvesp é direcionado a órgãos públicos, todas as prefeituras recebem, eu acredito. O Cassio achou por bem já fazer

uma publicidade. Agora, o valor do cheque provavelmente é acúmulo de patrocínio atrasado, não é?

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Por isso essa relação com a Coaf?

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor entregava esse dinheiro que o senhor disse que retirava nos bancos para quem mesmo?

O SR. EMERSON GIRARDI - Para o Cassio. O Cassio mandava eu ir ao banco sacar o dinheiro e entregar para ele.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas o senhor não sabe para onde ia tanto dinheiro assim, em espécie?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, nunca perguntei.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Gozado que aqui nunca ninguém teve a curiosidade de perguntar. O depoente anterior também disse que nunca perguntou para onde ia o dinheiro. Eles levavam o dinheiro, o anterior foi pegar o dinheiro no carro dele, R\$ 96.000,00, mas nunca teve a curiosidade de saber para quem ia o dinheiro.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quem não perguntava, ia lavar o chão. Se perguntasse, ia lavar a privada. Só pode ser isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor foi punido pelo Sr. Chebabi, que o colocou na função de lavar tomate podre, que o senhor mesmo disse. Eu queria saber o seguinte: o senhor foi punido, mas, mesmo assim, continuava fazendo esses saques? O senhor era obrigado a fazer esses saques, ou isso foi anterior à sua punição?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, foi anterior, foi anterior.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Como o senhor era sobrinho do Sr. Misiara, com todo respeito quanto ao carinho que o deputado Barros Munhoz tem por ele, o Sr. Misiara falava em nome da Coaf com o pessoal da Secretaria da Educação?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Ele nunca foi porta-voz da Coaf?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, pelo meu conhecimento, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe que a Coaf acabou não tendo... O contrato com a Secretaria de Educação não foi assinado, não é? Em um primeiro momento... Como é que a Coaf ficou sabendo que esse contrato não seria assinado?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu estive na secretaria... Quando eu falo secretaria, volto a deixar claro que é onde compra a merenda, não na Secretaria onde fica o secretário. É no departamento de merenda.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Na 13 de Maio.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu estive lá, perguntei se ia fazer pedido, fui tirar informação sobre como estava o processo, se tudo estava certo, porque eu não sabia onde procurar, eu ia lá, eu sempre fui lá. Aí uma pessoa de nome Rodrigo chegou para mim e falou - foi o que expliquei para o deputado anteriormente: esse processo não vai sair porque no edital dele houve uma mistura de DAPs estaduais e federais. Volto a frisar que existem outros nomes, só que eu não sei falar o nome disso, eu chamo tudo de DAP, sem CNPJ. Se esse processo sair, o Tribunal de Contas vai recusar. Na hora em que mandarmos o processo para o Tribunal de Contas ele vai recusar. Em razão disso, não vamos fazer esse pedido, vamos cancelar esse contrato. Ele não falou 'estou cancelando, vamos cancelar'.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe qual a função que ele exercia lá?

O SR. EMERSON GIRARDI - A função dele eu não sei. Sei que ele ficava no primeiro andar, térreo e primeiro andar.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - No departamento da merenda.

O SR. EMERSON GIRARDI - No departamento da merenda.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe quais as providências que a Coaf tomou pelo não cumprimento da chamada pública?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei o que fala a lei. Teria de ver com o jurídico da Coaf. Eu só levei essa informação para a Coaf. Nesse momento o Carlos falou "Então você não precisa mais ir lá que eu vou pôr o César para vender." Foi nesse momento que eu soube que o César foi vender e eu não deveria mais ir lá.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O fato de eles terem perdido a chamada pública, como conseguiram resolver esse contrato depois?

O SR. EMERSON GIRARDI - Até onde eu sei do inquérito não foi resolvido. Sei que depois houve uma nova chamada pública - sei também pelo inquérito - na qual a Coaf se sagrou vencedora juntamente com outra cooperativa. Agora não sei exatamente detalhes.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Qual era a outra cooperativa, o senhor sabe?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei. Sei que no inquérito tem. A Coaf ganhou uma parte maior e a outra cooperativa uma parte menor. Os valores e quantidade não sei informar porque eu já estava afastado nessa época.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe como a Coaf foi informada sobre essa nova chamada pública?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei. Eu posso falar o padrão. O padrão é procurar no "Diário Oficial". Se houve algum outro tipo de informação eu não sei.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Alguma informação privilegiada...

O SR. EMERSON GIRARDI - Para responder à senhora eu vou falar "Diário Oficial".

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor sabe de denúncia sobre supostos recebimentos de propina pelo então secretário da Educação Sr. Herman Voorwald?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca soube disso.

O SR. EMERSON GIRARDI - Nunca soube disso, nem pelo inquérito.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor conhece o Marcel também? Ah isso o deputado Alencar já perguntou. Mas eu quero perguntar outra coisa: o senhor abriu a empresa. Por que o senhor abriu uma empresa - se o senhor abriu? Que tipo de atividade sua empresa desenvolvia? Com quem o senhor fazia contratos? Era uma empresa de consultoria também? Porque aqui tem um monte de gente que abriu empresa de consultoria. (Pausa.)

Gostaria de pedir, mais uma vez, ao Sr. Presidente da comissão para que o advogado não interferisse nas respostas do depoente.

* * *

- Fala longe do microfone.

* * *

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Por quê? O fato de ele abrir uma empresa não vai incriminá-lo.

* * *

- Fala longe do microfone.

* * *

O SR. EMERSON GIRARDI - Quando entrei na cooperativa - teria de procurar a minha carteira - não fui registrado de início. O Cassio falou “Emerson, para você receber seu salário eu preciso de nota fiscal.” Falei “Onde eu vou conseguir nota fiscal?” Ele disse “Abre uma MEI.” Aí abri essa MEI.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Com que finalidade?

O SR. EMERSON GIRARDI - Para receber meu salário.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas ela tem de ter um objetivo.

O SR. EMERSON GIRARDI - Consultoria. E eu recebi o salário de outubro, novembro, dezembro...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Pela consultoria...

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso e depois fui registrado.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Havia outras consultorias, outras empresas que prestavam consultoria?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não tenho conhecimento.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Seu tempo acabou, faça a última pergunta.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor tem conhecimento de algum carro que tenha sido fornecido para a campanha de 2014 para algum político?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu já estava afastado. Eu fui para o Hortshopping em janeiro de 2015. Eu já estava afastado, sem participar de reuniões, contatos desde meados de 2014.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca soube nada disso.

O SR. EMERSON GIRARDI - Nunca soube, não posso afirmar coisa que às vezes... eu fiquei sabendo pelo inquérito. Pelo inquérito posso falar que teve um carro de São Paulo e tal.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Em que ano o senhor abriu sua consultoria?

O SR. EMERSON GIRARDI - Quando entrei lá, em 2012.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Quanto sua consultoria faturou?

O SR. EMERSON GIRARDI - O meu salário de outubro, de novembro e de dezembro.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Então foram nove mil reais.

O SR. EMERSON GIRARDI - Mais ou menos isso, não sei afirmar. Pode ser o de janeiro também, porque aí eles me registraram. Quando me registraram falaram “Nós conseguimos lhe registrar” porque teria de ter, segundo ele, algum custo, foi quando eu...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Eu queria que ele enviasse o faturamento.

O SR. EMERSON GIRARDI - Essa empresa meio que abandonei. Não sei nem como é que faz isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Não sei se é necessário fazer por escrito, mas em função desses cheques todos nós vamos encaminhar requerimento solicitando a quebra

do sigilo telefônico, fiscal e bancário do Sr. Emerson Girardi. Não sei se vai entrar na pauta de hoje, mas caso não seja possível, que seja na próxima.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não é possível, nobre deputada. Só lembrando que todos os requerimentos precisam ser feitos por escrito.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nós vamos fazer.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Obrigado. Tem a palavra o nobre deputado Barros Munhoz.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quero apenas dizer, a título de esclarecimento, que nós esprememos, fazemos tudo o que tem de ser feito, mas também temos de entender que essas consultorias hoje viraram a forma de vendedor receber comissão. Noventa por cento das empresas hoje que pagam comissão estão fazendo isso.

Eu quero dizer o seguinte: o senhor trabalhava como vendedor, conseqüentemente trabalhou junto a muitas prefeituras.

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim, eu visitava todas. Ele me passava uma relação e eu saía visitando.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor era o representante da Coaf junto às prefeituras.

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim, eu levava as amostras, o catálogo para as prefeituras.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Isso, o senhor fazia venda e exatamente isso é que constitui o ato de trabalhar uma venda.

Quais as prefeituras que o senhor atendeu em 2012, 2013 e 2014 até que o senhor tivesse sido rebaixado?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu visitei algumas prefeituras, todas eu não sei porque...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Não, não, algumas.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu visitei Assis, Americana...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Só um segundinho: Assis, Americana...

O SR. EMERSON GIRARDI - Barueri, Santos...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Barueri, Santos...

O SR. EMERSON GIRARDI - Paulínia...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ô, o senhor era do primeiro time hein.

O SR. EMERSON GIRARDI - Nós tínhamos de andar.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor só visitava “category”. Barueri, Santos, o quê mais?

O SR. EMERSON GIRARDI - Paulínia...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Paulínia também, meu Deus, era o filé mesmo hein, só filé mignon, não tinha um alcatrezinho.

Aqui foi muito comentado que em Americana era um descalabro total, era um escândalo mundial e que em Barueri era pior ainda, eram propinas altíssimas, altíssimas, altíssimas. O pessoal dizia que era o senhor ou o Cassio que atendia, mais ninguém. O que o senhor diz sobre isso?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu nunca levei dinheiro para ninguém, nunca teve comissão para ninguém.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E o Cassio levava para essas prefeituras?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei informar o que o Cassio fazia. Eu nunca combinei nada com ninguém.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor não falava nada com ninguém dessas empresas. O senhor vendia...

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu levava as amostras, o catálogo até o departamento onde se compra a merenda.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E as propostas das chamadas?

O SR. EMERSON GIRARDI - Depois que eles analisavam o produto, entravam em contato para dizer qual o produto por que se interessavam. Aí eu levava a tabela de preço e entregava para eles o contato do controle da cooperativa que era o Sr. João Roberto.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - João Roberto do quê?

O SR. EMERSON GIRARDI - Do controle, Fossaluzza. Eu falava assim: “Para fechar a quantidade e preço você tem de falar com o controle” porque dependendo da quantidade e o modo... porque existia entrega ponto a ponto e em um ponto só, que seria quando a prefeitura faz a própria distribuição. Então para cada coisa um preço. No ponto a ponto o custo ficava mais caro.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E as outras empresas que participariam, era tudo combinado, era um jogo de faz de conta?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu nunca combinei nada com ninguém.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor foi minha última esperança. Eu achei que tinha alguém que ia abrir minimamente a guarda, mas eu nunca vi, que barbaridade! O senhor foi minha última esperança. O senhor não sabia de nada. O

senhor vai vender na Prefeitura de Americana, o senhor vai vender na Prefeitura de Barueri, o senhor vai vender na Prefeitura de Paulínia, só faltou vender em Dubai, nos Emirados Árabes, em todo lugar que tem muito dinheiro e não sabe de nada, absolutamente nada! Não sabe que existiam mais duas cooperativas que apresentavam propostas fajutas para a Coaf ganhar. Não sabia disso, Emerson?

O SR. EMERSON GIRARDI - Fiquei sabendo pelo inquérito...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ah, pelo amor de deus! Não, não, não, não, não, não. Pelo amor de Deus, Sr. Emerson. Eu batalhei para o senhor falar, inclusive que não incriminasse...

O SR. EMERSON GIRARDI - Espera, deixa eu esclarecer.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas é para o senhor falar. Agora abobrinha não, pelo amor de Deus, abobrinha não, pelo amor de Deus, Sr. Emerson! O senhor tem responsabilidade com seus filhos, com seus netos. Nós estamos tentando moralizar este País, este Estado, moralizar a política, moralizar o serviço público, não permitir mais a existência de empresas arapucas como é a Coaf. O senhor sabe perfeitamente que a Coaf era uma arapuca. Não tinha nada de cooperativa. Tinha? Era cooperativa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Era uma cooperativa orgânica. O nome está lá.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas era uma cooperativa? O senhor sabe o que é uma cooperativa e o que não é.

O SR. EMERSON GIRARDI - Hoje eu sei que não é, mas antes eu acreditava ser.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ah, na época o senhor não sabia.

O SR. EMERSON GIRARDI - O produtor ia lá receber e até onde eles me explicaram, para vender tinha de ter DAP, existia um limite anual para vender.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor foi diretor dessa cooperativa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Vou usar o português que o Cassio usou na época: quando o vice e alguns diretores deram um golpe no Cassio...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O vice era o Piffer?

O SR. EMERSON GIRARDI - Piffer.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Weder.

O SR. EMERSON GIRARDI - Weder. Ele colocou quem estava trabalhando no momento tudo como diretor. Ele falou assim “Eu preciso formar uma diretoria correndo e vou pôr vocês como diretores.” Tudo bem. Foi quando nós viramos diretores. Viramos diretores, mas nunca tivemos acesso a documento algum. Eu nunca assinei documento algum. Deixa eu esclarecer um negócio: quando fiquei sabendo que o João... o senhor fez uma pergunta e depois na explanação o senhor fez referência a outra coisa.

Na chamada pública - como o senhor disse “Você vai a Americana...” - não houve concorrência. Quando entrego o produto, a proposta... Foi só a Coaf que entregou. Não teve combinação.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ninguém se interessou ou foi combinado de não ter mais ninguém?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei informar. Na sua indagação o senhor falou em cooperativa fantasma. Quando fiquei sabendo que o João Fossaluzza usava duas cooperativas ou três, não sei informar certinho, que estavam no nome do Cassio, para mandar proposta... porque quando se faz um edital precisa de três orçamentos...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu fui três vezes prefeito, fui secretário da Agricultura, ministro da Agricultura, fui governador do estado por alguns dias... Pois não, três orçamentos.

O SR. EMERSON GIRARDI - O João Fossaluzza mandava o da Coaf mais dois. Quem fazia isso era o João Fossaluzza. O João Fossaluzza é quem mandava dessas outras duas ou três cooperativas fantasmas, usando o termo do senhor. Eu não tinha acesso a isso.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Emerson, sinceramente, eu achei que o senhor não tinha nada a esconder, não ia esconder nada. Eu também fiquei sabendo agora. Assim como o senhor ficou sabendo de tudo o que aconteceu na sua vida depois no inquérito, eu também fiquei sabendo agora que o senhor ia fazer o que está fazendo.

Quero ler para o senhor o Art. 342 do Código Penal: “Fazer afirmação falsa ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial ou administrativo, inquérito policial ou em juízo arbitral...”

Esta CPI tem competência de Justiça. O senhor está omitindo escandalosamente a verdade. Se o senhor tivesse seis anos de idade quando trabalhou na Coaf, o senhor saberia de tudo o que disse que não sabia. O senhor tem a oportunidade de se redimir. Fale o que o senhor sabe, fale o que o senhor sabe porque como diz sempre o meu querido amigo, de quem eu divirjo quase sempre, Enio Tatto, a corda arrebenta do lado mais fraco. O senhor abra a boca e fale o que o senhor sabe. Desculpa, doutor, mas eu estou fazendo essa advertência em favor dele. Tem muita gente a ser ouvida ainda e todo mundo falou aqui que ou era o Cassio ou era o senhor: Jundiaí, Santos, Americana. Têm outras cidades, isso já está em depoimentos. Está dada a oportunidade de o senhor falar que sabia disso. Agora, pelo amor de Deus, o senhor vir aqui dizer que não sabia de nada?! Ainda que o senhor fosse surdo e cego, o senhor saberia. É impossível o senhor não saber. Mais uma última oportunidade: fale o que o senhor sabia dessas prefeituras, fale o que acontecia, fale quem levava o dinheiro se não era o senhor, fale.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu nunca combinei nada com ninguém nem levei dinheiro para ninguém, inclusive em Americana os produtos entregues nem foram pagos à cooperativa. Está no meu depoimento. Eu levei, protocolei, mostrei tudo, só que os cem mil de produtos entregues em Americana não foram pagos. A prefeitura não pagou a cooperativa.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Deputado Barros, V. Exa. me concede um aparte?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Pois não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor teve algum contato com o secretário de Americana Sr. Luciano Correia?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu ia lá e conversava no departamento. Eu acho que devo ter conversado porque eu pedia para conversar com o secretário, o secretário mandava para o departamento, o ritual era esse. Eu devo ter conversado com ele, sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sobre o quê?

O SR. EMERSON GIRARDI - Compra de mercadorias, falar que era cooperativa, chamada pública. Muitas prefeituras não compravam de chamada pública porque achavam o processo mais difícil.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o Paulo Chocolate?

O SR. EMERSON GIRARDI - Nunca vi essa pessoa na minha vida. Eu ouvi o nome dessa pessoa quando fui a Americana para tentar receber, saber por que não pagou, tirar alguma informação do porquê entregou e não pagou e trouxe a informação para a cooperativa de que não ia ser pago, que o prefeito tinha sido cassado, que não ia pagar no momento, a informação de que não ia ser pago, resumindo. O Cassio, na semana seguinte, me chamou na sala dele e falou “Não quero que você vá mais em Americana. Quem vai em Americana é o Carlos Lopes.” Depois me chamou de novo na sala dele e falou “O Carlos Lopes - lá nós chamávamos de Carlinhos, estou falando Carlos Lopes para os senhores saberem quem é - o Carlinhos conversou com o Chocolate e eles vão pagar duas de cinquenta e sete. Você não me passa mais nem na porta de Americana.”

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Chocolate era quem? O presidente da Câmara?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não conheço o Chocolate. Não sei.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ah, o que foi prefeito.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não conheço o Chocolate.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quando saiu o Diego, o Chocolate ficou porque ele era o presidente da Câmara.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei a função dele.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ele era presidente da Câmara. Era com ele o entendimento?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu nunca o vi. Não sei nem como ele é.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas o Chebabi falou que...

O SR. EMERSON GIRARDI - O Chebabi falou para mim assim: “Não passe em Americana porque o Carlinhos conversou com o Chocolate e falou que vai pagar duas de cinquenta e sete”. Não sei se foi pago também.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Com o Chocolate fizeram um Toddy. Presidente, última pergunta: Patrícia trabalhou com o senhor?

O SR. EMERSON GIRARDI - Ela trabalhava na cooperativa.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ela foi pressionada em depoimentos?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei informar porque não tive mais contato com ela.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor foi pressionado em depoimento? Teve uma história que correu, não lembro quem falou, de que chegaram a tirar a roupa da pessoa. Foi o seu caso?

O SR. EMERSON GIRARDI - Ninguém tirou minha roupa não.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Desculpe. Obrigado.

O SR. EMERSON GIRARDI - Quando a gente vai preso, o carcereiro faz a revista.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O próximo inscrito é o nobre deputado Enio Tatto.

O SR. ENIO TATTO - PT - Sr. Presidente, Sr. Emerson.

Nobre deputado Barros Munhoz, nós divergimos bastante, apesar da amizade que temos, até porque o senhor é um bom advogado do agronegócio e pede a prisão do acampado, do cara do MST. A divergência é óbvia. Eu me sinto muito bem sabendo disso.

Mas, Sr. Emerson, o senhor tem uma empresa de consultoria.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu abri essa empresa, mas não tem escritório, não tem nada, está abandonada.

O SR. ENIO TATTO - PT - Quando o senhor abriu essa empresa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Em 2012.

O SR. ENIO TATTO - PT - Depois que o senhor começou a vender para a cooperativa. Só com esse objetivo ou o senhor prestou outro tipo de serviço?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, não. Nunca prestei outro tipo de serviço. O Cassio falou - eu trabalhei o mês inteiro - no dia do pagamento que não podia pagar porque precisava de um recibo. Eu falei "Eu não tenho recibo." Ele disse "Abre uma

MEI para você poder receber seu salário”, foi aí que abri essa empresa para dar uma nota para poder receber o salário.

O SR. ENIO TATTO - PT - E a nota dessa empresa o senhor emitiu só nos valores do seu salário.

O SR. EMERSON GIRARDI - Do salário e dos atrasados porque era sempre salário atrasado.

O SR. ENIO TATTO - PT - Lembra mais ou menos os valores dessas notas?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não lembro, não posso afirmar isso para o senhor.

O SR. ENIO TATTO - PT - O senhor tem algum patrimônio? O que o senhor tem de bens declarados no Imposto de Renda?

O SR. EMERSON GIRARDI - Nada.

O SR. ENIO TATTO - PT - O senhor ganhava, se não me engano, dois, três mil reais e mais uma ajuda de custo.

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso.

O SR. ENIO TATTO - PT - O senhor contratou um escritório de advocacia ou um advogado para defendê-lo.

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim.

O SR. ENIO TATTO - PT - Quem está pagando esse advogado? Pelo que sei, o senhor não tem condições de pagar um advogado.

O SR. EMERSON GIRARDI - Minha irmã, minha família. A família está ajudando, o advogado facilitou.

O SR. ENIO TATTO - PT - Fazendo uma vaquinha.

O SR. EMERSON GIRARDI - Isso.

O SR. ENIO TATTO - PT - Dá para dizer quanto está pagando para defendê-lo?

O SR. EMERSON GIRARDI - Acho que aí é particular.

O SR. ENIO TATTO - PT - O senhor está contratando e não pode falar?

O SR. EMERSON GIRARDI - Acho que esta pergunta não posso responder. Não sei.

O SR. ENIO TATTO - PT - Eu estou naquela linha de que ele transportou volumes muito elevados. Sugiro à CPI, até para não perder muito tempo, a quebra de sigilo fiscal, extratos bancários.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Já foi solicitado. Esta Presidência pediu que se fizesse por escrito.

O SR. ENIO TATTO - PT - Assim nós vamos montando para, lá no final, quando chegarem os peixes graúdos, termos uma noção da coisa e mais contundência nas perguntas e nos resultados desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

Era só isso, Sr. Presidente.

O SR. - Eu ia falar duas coisas, mas o presidente já esclareceu. A primeira pergunta que o senhor fez já havia sido respondida. A consultoria dele funcionou três meses. Quando ele foi registrado ele abandonou a empresa e a quebra do sigilo bancário já foi pedida.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Próximo inscrito, deputado José Zico Prado.

O SR. JOSÉ ZICO PRADO - PT - Sr. Presidente, eu acho que não vai sair disso, estou aqui há mais de uma hora e estou vendo patinar, patinar e não sai nada.

Passo o tempo ao deputado Alencar Santana Braga. Eu estou desanimado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quantas vezes o senhor depôs na delegacia?

O SR. EMERSON GIRARDI - Oficialmente?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT- É.

O SR. EMERSON GIRARDI - Uma vez.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Aquilo que o senhor falou é verdadeiro?

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quer falar alguma coisa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu estava muito emocionado e pressionado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Imagino, o senhor estava preso.

O SR. JOSÉ ZICO PRADO - PT - Ele falou oficialmente. Teve extraoficialmente?

O SR. EMERSON GIRARDI - Teve. Eles me pressionaram bastante na segunda-feira fazendo várias perguntas, dizendo 'você vai ficar preso'.

O SR. JOSÉ ZICO PRADO - PT - Não foi no mesmo dia.

O SR. EMERSON GIRARDI - Não foi no mesmo dia. Eu fiquei oito dias preso.

O SR. JOSÉ ZICO PRADO - PT - Oito dias foi uma prisão.

O SR. EMERSON GIRARDI - É uma prisão.

O SR. JOSÉ ZICO PRADO - PT - Você falou oficialmente e extraoficialmente.

O SR. EMERSON GIRARDI - No depoimento, deputado.

* * *

- Fala longe do microfone.

* * *

Eu não sei se conta como depoimento essa pressão de fazer várias perguntas.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor está dando um depoimento aqui, correto? O senhor está sendo questionado por vários deputados. O senhor está se sentindo ameaçado?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não, de jeito nenhum.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Também tem havido várias perguntas, correto? Mas a resposta é sua. Às vezes a gente pergunta mais de uma coisa, vai e volta, mas a resposta é sua, correto?

O SR. EMERSON GIRARDI - Correto.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então aquilo que o senhor respondeu lá é verdadeiro.

O SR. EMERSON GIRARDI - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Por que tem contradição no depoimento à Corregedoria sobre aquilo que a Dione falou para o César?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei responder. Na Corregedoria eu falei realmente o que ouvi e vi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então o senhor mentiu na delegacia.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não diria que menti, porque na delegacia funciona assim: o delegado me pergunta e eu respondo. Depois ele redige, ele dita para a escritã. Eu fui muito pressionado, como, por exemplo: “ela foi receber? Ela foi receber? Fala a verdade”. E eu falei que foi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas por que o senhor falou? Ela foi receber?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas por que o senhor falou que foi?

O SR. EMERSON GIRARDI - Porque eu estava sendo pressionado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas por que o senhor não falou só que sim ou não? O senhor usou uma frase.

O SR. EMERSON GIRARDI - Na hora de redigir ele redigiu do jeito dele.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E o seu advogado deixou que o senhor assinasse.

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu assinei.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Todas as demais informações que constam do seu depoimento na delegacia são verdadeiras, pelo que o senhor respondeu há pouco, correto?

O SR. EMERSON GIRARDI - Certo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Só essa é mentirosa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei. Eu não estou mentindo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então tudo aquilo que o senhor falou confere. Só esse ponto que não confere?

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu fiz o meu depoimento das oito da manhã até não sei que hora da noite. Essa foi a última pergunta e realmente nesse dia eu estava muito abalado e se eu falei, o delegado escreveu. É o que posso falar para o senhor nesse momento. Foi muita pressão.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok. Mas só esse ponto que não foi a verdade.

O SR. EMERSON GIRARDI - A frase 'eu vim receber' eu falei para o senhor que eu não tenho certeza de ter ouvido.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - No depoimento à Polícia disse.

O SR. EMERSON GIRARDI - Essa frase 'eu vim receber' não tenho certeza de ter ouvido.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Como disse o deputado Enio Tatto em um depoimento anterior, muitas pessoas foram usadas, mas como também diz o deputado Barros, foram usadas e gostaram de ser usadas, sabiam que estavam meladas juntas e nós queremos também pegar os peixes grandes sem esquecer a responsabilidade dos peixes pequenos. E a corda acaba, como o deputado Enio disse, estourando no mais

fraco. Isso seria uma injustiça, se esta CPI assim permitir, caso haja envolvimento de peixes grandes.

O senhor confirma que todo depoimento foi verdadeiro, e justo aquilo que tem uma contradição com uma pessoa que envolve o Governo do Estado, o senhor disse: “Essa parte eu não me lembro se eu falei.” Agora o senhor mudou de novo. O senhor disse que não tinha dito e agora falou: “Não me lembro se eu falei porque estava emocionado no final.” É então outra mudança. O senhor tinha dito: “Falei porque fui pressionado”, e depois fala que não. Na Corregedoria, “Eu não falei isso porque não houve”, e agora “Posso ter falado, é que eu não me lembro, estava emocionado e era o final do depoimento”.

Qual das três versões é a verdadeira?

O SR. EMERSON GIRARDI - Na Corregedoria é que o senhor pode falar que é a verdadeira porque nessa eu estava calmo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então quando o senhor fica nervoso acaba falando coisa que não...

O SR. EMERSON GIRARDI - Eu não sei explicar para o senhor, na pressão. O que ela foi fazer lá? Não sei. Mas ela foi receber, ela foi receber, ela foi receber. E vai receber? Falo, “Doutor, foi receber”. Eu não sei explicar isso para o senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor falou?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E como o senhor sabe que ela foi receber, o senhor escorregou e falou.

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Ficou bem claro, não é?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não sei se ela foi receber porque eu não fazia parte.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Tem divergência o depoimento com quem depôs antes, que foi César, que inclusive nós temos de fazer acareação nesse ponto.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Não havendo mais oradores inscritos, encerramos.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, gostaria de saber se nós vamos, nesse ponto, fazer acareação com César, se viu ou não a presença.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Acho que podemos fazer. O problema é que temos mais um depoimento para ouvir e depois podemos...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Se pudéssemos matar logo, é um ponto só, e entramos com o próximo depoente. César disse que nunca viu Dione. Ele disse que viu em duas oportunidades na Secretaria, e na Cooperativa viu junto com César. Alguém está mentindo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu concordo que só sobre isso, e sem muita repetição, bem objetivamente, pão, pão, queijo, queijo, que se faça agora.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Poderia então pedir para o depoente César voltar aqui só para tirar essa dúvida? César Bertholino.

* * *

- Suspensa, a reunião é reaberta sob a Presidência do Sr. Marcos Zerbini.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Retomando a nossa reunião, com a volta do Sr. César, porque tem uma informação com duas versões. A primeira do senhor é que disse que nunca recebeu e que a Dona Dione nunca esteve na

Cooperativa. E a do Sr. Emerson, que garante que a viu na sua companhia na Cooperativa.

Gostaríamos de esclarecer esse fato. Por favor, no microfone à minha esquerda.

O SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não só eu, como ninguém, dentro da Cooperativa, nunca a viu lá. O Sr. Emerson falou que eu fui atrás dela. O senhor está me prejudicando, Sr. Emerson. Eu quero saber de onde o senhor tirou essa história. Desde o dia em que ouvi essa história, saiu no Jornal Nacional, a minha esposa é testemunha disso. Nunca aconteceu isso, nunca. Eu gostaria de saber de onde ele tirou essa versão, porque só ele a viu lá.

O SR. EMERSON GIRARDI - Bom, eu vi a cena da senhora saindo pela porta, e César indo atrás dela perguntando: “O que você está fazendo?” E os dois atravessaram e conversaram do outro lado da calçada.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Só uma pergunta. Ela, em algum momento, foi até o município?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nunca.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Teve alguma informação?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Nunca. Ele falou que ela ficou três dias lá. É só vocês pegarem o histórico, se ela ficou em algum hotel. Em algum lugar vai ter o registro dela.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ficou na casa de alguém também não é?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Mas na casa de quem?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não sei, o senhor quer que eu saiba?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Tudo bem, mas a Corregedoria apurou isso e não achou nada. Inclusive, o pessoal da Corregedoria falou que ela estava grávida no momento em que aconteceu isso.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Eles, a Corregedoria, falaram antes de o senhor responder?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Quando eu estava na Corregedoria, quando vim prestar depoimento em relação a isso, eles levantaram e apuraram todos os fatos. Parece-me que ela estava grávida nesse momento em que ele falou que ela esteve em Bebedouro. Ela estava, acho, até afastada do serviço.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - São “Diones” diferentes: têm duas “Diones” lá na Secretaria. A Pavan, que estava grávida, e essa Sra. Di Pietro. São “Diones” diferentes, mas quem estava grávida é outra.

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Ah, tá. Eu fiz confusão então.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ou a Corregedoria fez confusão na informação?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Não sei.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ela lhe deu essa informação, de que estava grávida?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É que eu falei lá na Corregedoria. Eu falei o seguinte, que Dione que eu conheci foi a que fica na 13 de Maio, que é a Pavan, que foi quando fomos à degustação do suco. Foi a única Dione com que tive contato.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E aí a Corregedoria falou que ela estava grávida?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Disse que estava grávida.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, quero cumprimentá-lo. Quando fazemos uma pergunta, às vezes, o senhor entende que estamos induzindo e nos chama atenção. Mas parece também que houve a tentativa de indução lá. Ele está dizendo que informaram que ela estava grávida nesse período. Quer dizer, ela não foi. Só para dizer o que é que a Corregedoria usou, não é?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Eu não sei se... Eles falaram que Dione estava grávida. Agora eu não sei qual das duas. O senhor está falando que é uma.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor conhece só uma Dione?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Só a Dione da 13 de Maio.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Qual é a da 13 de Maio? Alguém sabe me informar?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - É a Pavan.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - A Pavan.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Se nenhum dos depoentes for mudar o seu depoimento, poderíamos encerrar e partir para o próximo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É, Sr. Presidente, só que tem uma contradição brutal, frontal entre os depoentes. Qual é o encaminhamento?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Acho que...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Decidir quem está com a verdade, analisando o arcabouço jurídico, os autos processuais. Vamos analisar e definir.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Eu acredito que, pelos depoimentos e pelas informações, a bancada de fiscais vai ver se tem envolvimento da Sra. Dione em qualquer coisa do tipo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, ele disse que viu uma foto no celular. Vamos pegar no “face” dela, com o nome, e tentar achar só para ver se bate. Tem informação divergente das “Diones”.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Se V. Exa. puder fazer isso eu agradeço.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Nós faremos isso. Vamos ouvir o próximo, Sr. Presidente.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Para ver se são duas “Diones”, ou se alguém fez confusão. É importante tirar essa dúvida.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas como assim?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Pega a foto dela. Ele disse que viu uma foto no “facebook”. O delegado usou uma foto de “facebook” para mostrar. Se é a mesma porque há duas “Diones” e ver qual das duas...

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Essa é a Dione da 13; essa é a Pavan.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor conhece?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Essa é a que eu conheço.

O SR. EMERSON GIRARDI - Essa eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ele não conhece.

O SR. EMERSON GIRARDI - O que eu posso falar para o senhor é assim: quando eu estive lá na Merenda, essa Dione, mais nova, não sei se é essa... Dione, nova, vamos chamar assim, porque Dione Di Pietro é uma senhora. Essa Dione, nova, estava grávida na época.

Não, eu não a conheço, porque quando eu vi essa Dione ela estava grávida, inchada.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor só conhece essa Dione?

SR. CÉSAR AUGUSTO LOPES BERTHOLINO - Só essa daí.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Agora, a que esteve na Cooperativa não é essa?

O SR. EMERSON GIRARDI - Não. A que eu vi é de cabelo vermelho, óculos, senhora, que é outra Dione.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É a que faz a chamada pública. Você sabe que essa senhora, quando deu depoimento, disse o seguinte. É importante que todos saibam: “Eu não conheço a Coaf, nunca vi, nunca ouvi falar e nunca participei de um processo que envolvesse a Coaf”. Só que a única pessoa, deputado Barros, que depõe duas vezes na Corregedoria é essa Sra. Dione Di Pietro. É a única. E no primeiro depoimento em que ela faz essa negativa, diz que não tem nenhum processo que envolva o nome dela com a Coaf. Só que, estranhamente, quem abre a chamada é Dione Di Pietro. Quem assina o contrato...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É ela.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Também está ela. E aí tem essa contradição.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Ela tem de vir aqui esclarecer isso, sem dúvida nenhuma, deputado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Com certeza, ela tem de vir. Nós vamos ter de fazer uma acareação tríplice.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Tem a foto da segunda Dione?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Da Pietro?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não é só dela, é uma foto que tem mais gente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está bem.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas que foi a foto usada, parece, lá na...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Qual que é?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - E qual é Dione que o senhor reconhece?

O SR. EMERSON GIRARDI - É essa foto que o delegado me mostrou.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - E qual é Dione que o senhor reconhece?

O SR. EMERSON GIRARDI - É essa daqui.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Essa daqui. O senhor conhece essa? Não, disse que não conhece.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Só quero parabenizá-lo pela memória, porque ela está ali nessa foto, e há seis, sete pessoas, e ele conheceu essa imagem no meio de tantas.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É difícil não reconhecer com o círculo vermelho em volta, deputado. É difícil não reconhecê-la.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Isso depois.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mas aqui a foto está com o círculo vermelho em volta. Mas tudo bem.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quero parabenizá-lo pela memória.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - De qualquer forma, está bem.

Então dispensamos as duas testemunhas e fazemos uma pausa de cinco minutos, enquanto se traz a última testemunha aqui.

* * *

- Suspensa, a reunião é reaberta sob a Presidência do Sr. Marcos Zerbini.

* * *

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está reaberta a reunião. Peça que o Sr. Luis Carlos da Silva Santos, junto com seu advogado, se assentem, por favor.

Srs. Deputados e Sras. Deputadas, apenas relembro que foi apresentado um requerimento pelo Sr. Luis Carlos da Silva Santos, por meio do seu advogado, requerendo que fosse feita uma reunião onde ele fosse ouvido de forma sigilosa ou reservada.

Informo o Dr. Cesar que já no começo dessa reunião foi colocado em questão e decidido pela unanimidade dos membros da comissão que não caberia fazer uma reunião reservada, sempre dando à testemunha aquilo que a lei determina, que ele pode se manter em silêncio com relação àquilo que o possa incriminar.

Lembro a V. Exa. que, pelo Art. 342 do Código Penal, fazer afirmação falsa ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial ou administrativo, inquérito policial ou em juízo arbitral configura crime com reclusão de dois anos a quatro anos e multa.

Quero só alertar o senhor que a compreensão dessa comissão é de que o seu cliente deve prestar esclarecimento como testemunha.

O SR. CESAR ANDRADE CORREIA - Boa tarde a todos. Atendendo a pedido do presidente, meu cliente está disposto, sim, a falar, mesmo em sessão pública. Vai falar. Não andamos 400 quilômetros para chegarmos aqui e ficarmos silentes. Então, vamos colaborar, sim. Vamos aguardar que venham as perguntas.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Então, só quero lembrar a todos que, pelo período de uma hora, quem quiser se inscrever tem o tempo para fazê-lo. Agora são 14 horas e 38 minutos. Então, até às 15 horas e 38 minutos. É de praxe aqui, no início, uma pequena exposição da testemunha relatando um pouquinho qual era o seu papel, a sua função dentro da cooperativa, quando entrou, até quando ficou, e um relato breve dos fatos que foram levantados, que foram apurados, pela operação Alba Branca.

Só lembrando, o doutor já sabe disso, mas lembrando a testemunha que como testemunha, por força legal, está obrigado a dizer a verdade, podendo sofrer toda e qualquer sanção civil ou criminal em não fazê-lo. Salvo aquilo que não incrimine, obviamente.

Se por algum motivo o senhor entender que uma resposta pode incriminá-lo, o senhor vai intervir dizendo que essa resposta não pode dar em função de não se autoincriminar.

Quero passar a palavra para o Sr. Luis Carlos da Silva Santos, para que ele faça essa pequena explanação e conte um pouquinho, relate um pouquinho. Depois, quero abrir às perguntas das Sras. Deputadas e dos Srs. Deputados.

Lembrando a V. Exas. que façam, por favor, a inscrição.

Registro aqui a presença do deputado Carlos Cezar. Mais alguém não foi nominado? O nobre deputado Adilson Rossi estava aqui no começo, teve que ir para outra CPI. Voltou agora. É sempre bom tê-lo novamente, deputado.

Tem a palavra o Sr. Luis Carlos da Silva Santos.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Boa tarde. Eu me chamo Luis Carlos da Silva Santos...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Peço que o senhor se aproxime um pouco mais do microfone.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Boa tarde. Eu me chamo Luis Carlos da Silva Santos, conhecido como Português. Estava na Coaf desde 2013, saí agora em fevereiro de 2016. E exercia a função de motorista. Entregava documentos e sucos em algumas escolas, como me era pedido.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Quando o senhor entrou na Coaf?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Entrei entre julho e agosto de 2013.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Continua até hoje?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não senhor. Eu saí agora, em fevereiro de 2016.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor tinha alguma relação próxima com o Sr. Cassio Chebabi?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Somente como funcionário.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Senhores, abrimos às perguntas. Parece que o Sr. Luis é bastante conciso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Pela ordem. Ele não podia fazer um breve relato sobre as suas ações na Coaf como os outros também fizeram?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Perdoe-me. Eu fazia feiras e eventos e alguns departamentos solicitavam que eu levasse algum documento, que eu levasse algum suco a alguma escola.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - O senhor é motorista, é isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - É, motorista, sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Aqui está dizendo que o senhor também era vendedor.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, me perdoe. Isso está errado. Inclusive, eu trouxe a minha carteira profissional. Eu era registrado como auxiliar de escritório e exercia a função de motorista.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor nunca foi vendedor da cooperativa?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Nunca fui vendedor.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - O senhor ganhava quanto?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - O salário na carteira dois mil e trezentos reais.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Mais algum por fora? Trabalhava no fim de semana? Porque uns aqui no fim de semana chegavam nos vinte mil.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Abrimos, então, às perguntas. Deputada Beth Sáhão.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor Cassio Chebabi era o seu chefe?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Ele era o presidente.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Como tal ele era seu superior...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Na hierarquia da cooperativa. O senhor sabe qual era a função dele?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Presidente.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E ele conhecia políticos? O senhor sabe se ele conhecia? Quais políticos? O senhor pode dizer? O senhor tem conhecimento disso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu não entendi, desculpe.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Se ele conhecia alguns políticos. E, se ele conhecia, quais eram esses políticos?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não sei. Não sei responder isso para a senhora. Eu não saberia lhe dizer isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca trabalhou em vendas na Coaf?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Só como motorista?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Motorista.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor disse que entregava documentos e sucos. O senhor chegou, alguma vez, a entregar algum dinheiro também?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nunca entregou?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Nunca.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mesmo dando alguma coisa sem que o senhor soubesse o que estava no interior?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora. Porque todos os documentos que eu levava tinham um protocolo. Sempre era protocolado.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Ah, tá. Qual é a sua atividade profissional hoje? O senhor deixou a Coaf, o senhor disse, em fevereiro de 2016, não é? O senhor está trabalhando em alguma outra coisa?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - No momento, não. Estou fazendo algumas viagens, trago algumas pessoas para São Paulo como motorista.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Formalmente, o senhor não tem nenhum registro na carteira.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, registrado, não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Como foi a história do senhor na Coaf? O senhor poderia dizer um pouco para nós? O senhor tinha relações com outras pessoas na Coaf, ou só com o Sr. Chebabi?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Havia relação entre eu e o Sr. Cassio somente profissional. Eu só obedecia ao que ele me mandava fazer. E as pessoas que trabalhavam lá, eu tinha amizade normal com todos.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E qual era a faixa salarial que o senhor recebia? Qual era o seu salário?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu já disse, Excelência. Dois mil e trezentos reais.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor tinha comissões?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Só o salário?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Só o salário.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nunca recebeu comissões?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O Sr. Cassio sempre mandava vários funcionários irem fazer retirada de dinheiro nos bancos. Ele dava o cheque nominal, a pessoa chegava lá. Grandes quantias, inclusive.

Alguma vez foi pedido para o senhor fazer algum saque?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Excelência, a única coisa que eu fazia em relação ao que a senhora estava se referindo, eu ia com o Caio. O Sr. Cassio me mandava ir com o Caio até a agência bancária para ele retirar dinheiro.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Quem era o Caio?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - O Caio era o financeiro.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Era o financeiro da agência?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Financeiro da Coaf. Eu, como motorista, o levava até o banco e o aguardava para voltar para a Coaf.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E depois disso o senhor não sabia se ele trazia dinheiro, qual a quantia...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Dinheiro ele trazia, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - As quantias ele nunca comentou com o senhor?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Eram volumes, mas eu nunca...

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Mas o senhor não tinha medo de insegurança, de ser roubado? Ou lá é muito seguro e em Bebedouro não existe roubo?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Doutor, medo eu sempre tive, mas eu era obrigado a obedecer à ordem: “Você leve o Caio até a agência”.

O SR. DELEGADO OLIM - PP - Dali vocês iam para onde?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, aí voltava para a Coaf. Eu deixava o Caio na Coaf e ia fazer alguma atividade, ou ficava por ali.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor disse que eram grandes volumes, na sua percepção, não é? O senhor acabou de falar agora que eram grandes volumes. O senhor tem noção da quantia, nunca teve noção da quantia?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Não era minha alçada isso. Minha alçada era levá-lo até a agência.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Sim, mas o senhor não achava um pouco...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu saía com envelope, saía com sacola, mas eu não sabia o valor.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor não achava estranho esses saques? Nunca lhe causou nenhum estranhamento isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, porque não era minha alçada. E eu também não poderia questionar isso, não é? Não pertencia a mim isso.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor recebia o seu salário em cheques? Os funcionários da Coaf...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Somente em dinheiro. Nós só recebíamos o salário em dinheiro, todos os funcionários.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nunca recebeu em cheque?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu, particularmente, não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor conheceu o Sr. Emerson Girardi?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Conheci, sim, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Qual era a sua relação com ele?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Normal, como com outro funcionário.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Ele era do mesmo patamar que o senhor?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Eu era motorista.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas o senhor tinha relações com ele?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Quando eu entrei lá, ele era vendedor. Depois, parece que mudaram a função dele. Ele deixou de ser vendedor.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E o Sr. Misiara, o senhor já ouviu falar dele, Sebastião Misiara, que foi presidente da União...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - O Emerson falava, se referia, que era o tio dele. Agora, eu não sei confirmar para a senhora se é verídico.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor não sabe dizer se ele tinha alguma relação com a cooperativa?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca o viu lá?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora. Apesar de que eu também parava muito pouco na cooperativa.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Alguma vez o senhor veio à Secretaria Estadual de Educação trazer algum...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, senhora. Trazer documentos. Quando se entregava o suco, tinha que vir trazer o laudo técnico desse suco. Protocolava e voltava embora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor nunca veio com ninguém que trouxe algum volume de dinheiro? O senhor nunca viu isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor acompanhou, alguma vez, alguma chamada pública da Coaf?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, senhora. Acompanhei.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Você pode discorrer um pouco sobre isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu fui representante da Coaf em algumas chamadas. Eu levava somente os envelopes com as documentações e os projetos, entregava, aguardava ser feita a chamada e vinha embora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor era registrado na Coaf?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, senhora, como auxiliar de escritório.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mas, o senhor não tinha uma empresa de consultoria.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Porque grande parte dos que vieram aqui até agora disseram que eram empresas de consultoria, apenas vendedores. Os outros, não, eram registrados. Embora registrado, recebendo em dinheiro. É difícil receber salário em dinheiro, mas lá na Coaf eles pagavam em dinheiro.

O senhor conhece, por acaso, Luiz Roberto dos Santos, o Moita?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora, não o conheço...

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nem o Sr. Fernando Padula, da Secretaria Estadual de Educação?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Mesmo o senhor tendo vindo várias vezes para a Secretaria, o senhor não conhece?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Na secretaria eu só ia na sessão de protocolo.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Parava por ali.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Só ia aqui, na Treze de Maio.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - E o Sr. Rodrigo Pimenta, o senhor já ouviu falar?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nem na Sra. Dione Pavan?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Nunca a viu lá na cooperativa?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhora.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - O senhor gostaria de falar mais alguma coisa que eu, por ventura, não lhe perguntei?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Algum esclarecimento?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, Excelência.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Então, eu estou, por enquanto, contemplada.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Registro a presença do nobre deputado Caio França entre nós. Agradeço a presença. Passo para o próximo inscrito. Tem a palavra o nobre deputado Chico Sardelli.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Pode ser que eu vá ser um pouco repetitivo, mas preciso só fazer algumas perguntas. O senhor disse que o senhor é ou era funcionário motorista da empresa, registrado como auxiliar de escritório. Em momento algum o senhor intermediou a contratação com alguma prefeitura, ou indicou, ou uma Câmara Municipal, um vereador que lhe procurou?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor esteve preso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Estive.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Por que motivo e que alegação?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Doutor, eu não sei explicar para o senhor. Inclusive, o Dr. Cesar entregou uma intimação, tanto no fórum, quanto na delegacia...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O advogado pode explicar.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Pode explicar, não tem problema. Não responder a pergunta. Explicação.

O SR. CESAR ANDRADE CORREIA - Então eu vou deixar ele concluir.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Está bem.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Me apresentando, a hora que as autoridades necessitassem, eu iria lá espontaneamente me apresentar. Isso não aconteceu. Eles foram em casa e me pegaram de madrugada.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Por quanto tempo o senhor ficou preso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Fiquei duas noites e três dias.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Eu gostaria de perguntar para o advogado agora, em cima dessas considerações, o que o senhor ia dizer?

O SR. CESAR ANDRADE CORREIA - Primeiramente, boa tarde, novamente. Ele disse intimação. Na verdade, eu protocolei tanto na delegacia, quanto em juízo uma petição colocando ele à disposição, tanto da autoridade judicial, quanto da autoridade policial. Correto?

Em questão de uma semana saiu a prisão temporária desse meu cliente. Correto? Então, quer dizer, arbitrariamente as prisões lá eram - vamos falar assim - deflagradas sem motivação alguma. Correto?

Só isso.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Na prisão, Sr. Luis Carlos, o senhor foi ameaçado de fazer alguma denúncia, apertaram? Como é que foi?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Ah, doutor, sempre falavam: “Fale tudo o que você sabe. Se você sabe de algum político, fale, fale, fale. Você está vendo como é a cadeia? Cadeia não é fácil. Fale, fale.”

“Mas eu não tenho nada para falar, doutores.” Ficou nessa, só, só nessa situação. Mas, nunca me falaram nenhum nome, nada nesse sentido.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Durante o período em que o senhor esteve na empresa como motorista da empresa, logicamente o senhor devia ter uma conta bancária...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - O senhor me perdoa? Inclusive, eu fui preso na terça-feira, me levaram na terça à noite para Pradópolis, eu dormi em Pradópolis. Na quarta-feira de manhã foram me buscar, me deixaram numa sala lá e um promotor, antes de o Dr. Cesar chegar, esse promotor começou a me fazer algumas perguntas, escrevendo no computador, sem a presença do meu advogado.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Na cidade de?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Bebedouro.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - E o promotor é aquele mesmo que esteve aqui, presidente?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - O senhor lembra o nome do promotor? Dr. Romanelli.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Romanelli.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - É bebedouro ou Pradópolis, o senhor falou?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Foi para Pradópolis e depois voltaram para Bebedouro com ele.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Nessas idas e vindas, Sr. Luis Carlos, o senhor nunca ouviu falar de uma montagem de orçamentos, três ou quatro empresas?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - É comum. O senhor, que transportava pessoas importantes do esquema de trabalho da Coaf, o senhor...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Excelência, desculpe, eu só levava os documentos e os protocolava. Eu não tinha nenhum acesso além disso. Numa licitação, eu só participava da licitação. Tinha uma procuração em meu nome, que eu

estava representando a Coaf, eles olhavam os documentos, assinávamos o que tinha que assinar e vinha embora.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor só levava documento, nunca levou dinheiro?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Certeza absoluta?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Toda a certeza.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Em nenhum envelope daqueles pardos - que eu já ouvi dizer aqui dentro -, em nenhum momento o senhor transportou quantia nenhuma?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor, porque tudo o que eu levava eu tinha que trazer um documento de que a pessoa havia recebido esse documento, por exemplo.

O suco, eu levava uma espécie de memorando que a merendeira assinasse esse produto que eu deixava.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - E nessas idas e vindas o senhor efetuou algum saque em banco a pedido do Sr. Chebabi ou a pedido de alguém?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - De forma nenhuma?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - De forma nenhuma.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor nasceu em Bebedouro?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor, eu sou de São Paulo.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Está ótimo. Por ora é só, presidente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Registro a presença do nobre deputado Marcos Martins, a qual agradeço.

Temos a inscrição agora do deputado Alencar Santana Braga.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor não retirou valores, mas acompanhou pessoas que retiravam?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, o Caio, principalmente, que era o financeiro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sabe dizer qual é o maior valor que o Caio retirou que o senhor transportou junto com ele?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não posso lhe precisar, porque entrávamos na agência e ele ia lá para dentro da agência para poder pegar o dinheiro. Mas eu nunca vi nenhum valor. Eu não posso precisar ao senhor nenhum valor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Motorista é uma pessoa extremamente importante.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Com certeza.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Aqui, por exemplo, nós, que andamos com nossos motoristas, os deputados também vão para o interior a todo momento. O senhor escutou alguma coisa, quando estava dirigindo com algum deles, sobre o contrato da Secretaria de Educação do estado?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor. Muito pouco falavam quando... Às vezes, eu vinha com o César e falávamos algumas coisas, assim, que não tinham nada de referência.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor ia com o César para onde?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu trazia ele a São Paulo.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Para que lugar, normalmente, o César vinha em São Paulo?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Já deixei ele na casa do deputado Leonel.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ah, já deixou o César lá?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Deixei lá e fui fazer outras atividades.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quantas vezes deixou o César lá?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Fui lá umas três ou quatro vezes. Deixei lá. O que aconteceu lá eu não posso precisar para o senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Só o César que o senhor deixou lá?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Eu fui uma vez com o Cassio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Também?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - O Cassio também.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quando foi o Cassio só foi o Cassio?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Já cheguei a levar o César sozinho, o Cassio sozinho e o César e o Cassio juntos.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mas esse César eu estou achando que é mais um mentiroso, viu deputado Barros? Porque ele disse, há pouco, que nunca esteve lá na casa do Leonel.

A SRA. BETH SAHÃO - PT - Disse para mim.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Indaguei se ele estava naquele dia: “Não, nunca estive na casa do Leonel”. E eu estou, até o momento, acreditando, extremamente, naquilo que o senhor tem dito.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - De fato, me parece, pela simplicidade, o jeito que o senhor fala, mais uma mentira do César, que, indagado sobre a Dione grávida, disse que não conhece a outra Dione. Sujeito esperto. Mais uma para depois podermos avaliar, se necessário, se é preciso uma acareação.

O senhor suspeitava de que havia alguma coisa errada ali no trabalho de alguns membros da Coaf, como o Cassio, o César e o Carlos Luciano?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Além de levar o César na casa do ex-deputado Leonel, levava ele aonde?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu cheguei a levá-lo a algumas prefeituras.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E na Secretaria Estadual de Educação?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu o deixei lá umas duas vezes. Eu o deixei na porta, na república, e fui fazer outras coisas. Quando vínhamos para cá, não vínhamos somente para uma atividade; vínhamos fazer várias coisas. Às vezes, eu ia levar suco em alguma escola, para deixar com alguma merendeira, trocar algum suco do estado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor sabe com quem ele vinha falar na Secretaria de Educação?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor. Nunca me disse nada.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E com o Marcel? O Marcel é filho do ex-deputado. Alguma vez o senhor deixou o César para falar com o Marcel?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu deixava o César lá na casa do deputado. Com quem ele iria falar, o senhor me perdoe, eu não sei dizer para o senhor porque eu nunca entrei lá.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quanto tempo ele ficava lá dentro da casa, normalmente?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Excelência, eu saía de lá e ia fazer algumas atividades. Quando eu voltava, ligava pra ele e falava: “Sérgio, eu já acabei aqui”. Ele falava: “Pode passar aqui e me pegar”. É o que eu fazia.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quanto tempo, mais ou menos, isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Ah, eu demorava uma hora, demorava 40 minutos. Depende de onde eu ia, Excelência.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O senhor lembra, mais ou menos, o período que o senhor deixou ele lá na casa do ex-deputado?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - O senhor me perdoe, eu não... Foi nas minhas atividades. Eu não vou precisar para o senhor.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Lembra se em dezembro de 2014 alguma vez o senhor esteve lá?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Em dezembro?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - É.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, doutor. Eu saí de férias em agosto, voltei em setembro. Eu levei ele lá em outubro, só.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Outubro?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Só outubro, uma vez só. Fui levar um laudo na Secretaria da Educação, na Treze de Maio.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - No final de 2015.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não lembra?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não levei. Em 2015, não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - A princípio, obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Nobre deputado Barros Munhoz.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Eu peço um aparte.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Pois não.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor conhece uma pessoa chamada com o apelido de Cabeça?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Conheço, era um vendedor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Estou estranhando aqui que o senhor alega firmemente que não era vendedor.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Esse cabeça era um dos vendedores.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Ele era. Eu estou falando do senhor agora.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, eu não era. Eu não era vendedor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O Chebabi, em um dos seus depoimentos no inquérito, alega que o senhor era um dos vendedores.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Excelência, se o senhor me permitir, eu estou com a minha carteira profissional aqui para o senhor ver o registro que eu tenho nela. Eu simplesmente só ganhava meu salário. Nunca ganhei comissão, nunca vendi nada.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor me desculpe, carteira não diz nada. Porque o senhor mesmo está dizendo que na sua carteira não está motorista, está auxiliar de escritório, e o senhor não era auxiliar de escritório, o senhor era motorista. Será que além de motorista o senhor não era vendedor?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor. Nunca vendi nada. A única coisa que eu fazia era levar um suco para as pessoas experimentarem. Só isso.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Eu gostaria que o senhor ouvisse aqui as palavras do próprio Chebabi: “Ainda em 2014, participava da chamada pública em Ribeirão Pires, onde, antes do certame, os vendedores César e Luis Carlos Santos...”, que é o senhor.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu levei o César lá, Excelência.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - “Conhecido como Português”. Ele está afirmando aqui que o senhor era um vendedor.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, eu levei ele lá.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - “Conhecido como Português, acertaram com a pessoa, que acredita ser apelidada de Cabeça, lobista quem não conheceu”, ele não conheceu, “para fornecimento de suco de laranja, para o que pagaria uma comissão de 15%, que seria dividida entre os dois vendedores, o Luis Carlos Santos e o César, e o lobista”. O que o senhor me diz disso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Excelência, o senhor me perdoe, mas isso não tem nada de verídico. Eu levei o César em Ribeirão Pires para ele participar de uma licitação. Foi lá onde eu conheci esse rapaz, o Cabeça. Daí, eles foram lá para dentro da licitação. É a única coisa que eu posso dizer ao senhor.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor acha que isto é uma inverdade, que ele está divagando?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Com certeza, porque eu nunca fui vendedor, Excelência.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Mas ele afirma. É estranho, não é? E o senhor tinha uma ligação muito próxima dentro da empresa, era uma pessoa que conhecia todo

mundo, transportava todo mundo, levava todo mundo. E aqui, agora, me chega às mãos o depoimento dele em que ele, o presidente da empresa, que o contratou, diz que o senhor tinha participação como vendedor, perfazendo uma comissão de 15% a ser dividida entre três pessoas: o senhor, o César e o Cabeça.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não senhor. Nunca fui. Gostaria, até, de ter sido, para poder ganhar comissão. Mas eu nunca vendo nada, Excelência.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - O senhor sabe que aqui o senhor está falando...

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Estou falando a verdade.

O SR. CHICO SARDELLI - PV - Está falando a verdade, a mais pura verdade, e será responsabilizado. Por enquanto é isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Devolvo a palavra ao nobre deputado Barros Munhoz.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O deputado Enio Tatto falou que nós somente estávamos aqui tratando com os peixinhos, que precisamos pegar os peixes grandes. E agora eu estou vendo que nós estamos cuidando mais com alevinos do que com peixes pequenos. Porque, pelo que percebemos, o Sr. Português - desculpe chamá-lo assim - era motorista da empresa.

Isso não impede o senhor de nos dar alguma informação, de nos ajudar um pouco. Nós estamos querendo desvendar um negócio que parece um mistério. Eu tinha perdido as esperanças de achar um que não viesse aqui mentir. E eu renovei um pouquinho a minha esperança com o seu depoimento.

Então, peço que o senhor não me decepcione; ajude-nos, fale um pouco mais. O senhor só servia o Chebabi, ou os outros também?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Desculpe, o senhor poderia repetir?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor só servia como motorista ao presidente Chebabi, ou a outros?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - A todos os departamentos. O que necessitava ser feito, eu fazia.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mais viagens, mais saídas?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Viagens, eu levava a menina do hortifrutí, que era responsável pelo hortifrutigranjeiro. Eu a levava ao Ceasa, de madrugada, para ela não ir sozinha. Era o que eu fazia. O que me pediam eu fazia em relação a levar algumas coisas.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O César Bertholino parece que era vendedor?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E era o encarregado das vendas?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Ele era chefe lá dos vendedores. E não era dos vendedores, porque, na grande realidade, quem vendia lá era só César.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Então ele era praticamente o único?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim. Era o Sr. Emerson, mas chegou a uma época em que o Sr. Emerson foi para outra seção e ficou somente o Sr. César.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ele foi rebaixado?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Acredito que sim.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - A função que ele passou a exercer era inferior a que ele exercia antes?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Muito inferior.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - É? O senhor sabe por quê?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não sei lhe dizer.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E César, então... Era Chebabi e César? Ou tinha mais algum, o vendedor?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Que eu saiba era César.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Era César. Não tinha nenhum outro?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Que eu saiba, não.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O senhor ia muito às prefeituras?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Sim, levar sucos, levar documentos.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Não, fora isso. Levar Chebabi, César.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Levar documentos. César eu levei a algumas prefeituras.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Quais?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Essa que V. Exa. acabou de falar, Ribeirão Pires.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Qual mais?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Levei... Desculpe o branco que deu, mas eu vou lembrar. Levei a Ribeirão Pires...

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E Chebabi, o senhor se lembra de alguma prefeitura em que o levou?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, nunca o levei em prefeitura nenhuma.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Prefeitura nenhuma?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. O senhor me perdoe o branco que me deu, de cidades.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Tudo bem. Eu entendo isso, Sr. Presidente. Nós estamos entrando num terreno perigoso, que é tornar a CPI cada vez... Mas nós precisamos dar uma sacudida aqui e sair realmente. Vamos chamar as pessoas que mais interessam, talvez haja algumas outras ainda que não vieram, não sei, mas alguma coisa nós precisamos fazer. Sobretudo, se me permite, dar um pouco de estrutura, ou alguma coisa mais. Só ouvindo as pessoas, 99% das quais estão ostensivamente mentindo, nós não vamos sair daqui, não vamos sair do lugar. A minha sugestão é exatamente com o que eu não sei. Vamos fazer uma reunião só nossa para discutirmos isso. Nós vamos ter que sair do atoleiro em que nós estamos situados.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Pela ordem Sr. Presidente. Um aparte, deputado Barros?

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Pois não.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, acho que nesse sentido o deputado Barros tem razão, e aí queria pedir que V. Exa. pudesse entrar em contato com o desembargador, Sr. Sérgio Rui, para que ele envie a esta comissão os documentos que já foram requisitados. É fundamental para que possamos aprofundar os

trabalhos. Sem ele, estaremos de mãos amarradas em parte do nosso trabalho. Se não fizermos isso, seria importante Vossa Excelência...

O SR. ESTEVAM GALVÃO - DEM - Só um aparte, deputado Alencar. A CPI pediu também a cópia do inquérito da Justiça Federal da região de Ribeirão Preto. Veio a resposta dizendo que o inquérito está com a Polícia Federal. Nós podíamos também fazer um requerimento, e pedir também esse inquérito que está com a Polícia Federal, e não com a Justiça Federal, e reiterar o pedido do deputado Alencar ao TJ de São Paulo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu só queria concluir lendo, Sr. Presidente, para o Sr. Luis Carlos o que disse Adriano.

O senhor conhece Adriano Miller Aparecido Gibertoni Mauro?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Conheço, sim, senhor.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - E o levava também, como motorista? O senhor o servia também, ou não?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Raras vezes. Só o levei uma vez.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - O que ele era lá na Coaf?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Ele estava ajudando Caio na área de Financeiro.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Na área Financeira?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Os dois.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Olha o que ele diz, em determinado momento do seu depoimento: “Considerando que o pagamento das comissões não poderia entrar formalmente na contabilidade da Coaf, houve necessidade de que

Adriano, César, Carlos Luciano, Carlos Alberto e Português emitissem notas em favor da Coaf.”

É mentira isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu nunca emiti nada.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Está bom. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Registro a presença do nobre deputado Pedro Tobias. Obrigado, deputado, pela presença.

Mais algum orador inscrito? Não havendo mais deputado inscrito para fazer perguntas, esta Presidência dispensa a testemunha, agradece a sua presença e passa a apreciar os requerimentos que existem na pauta.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Eu só queria, pela oportunidade, deputado, se me permite?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Sim.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Dizer que renovei uma parte das minhas esperanças. Posso estar redondamente enganado, mas acredito que não. Eu acho que, pelo menos, uma pessoa não mentiu nesta CPI.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Feito o registro, nobre deputado.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Deus permita que eu...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Esteja certo.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Que eu, o cumprimentando agora, não esteja errado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E nessa se confirmou, mais uma vez, a mentira do César. Mentiu frontalmente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Queria então dispensá-lo e agradecer mais uma vez a presença.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Pela ordem, Sr. Presidente, só uma última questão.

O senhor sabe de algum veículo, por acaso, que foi emprestado da Coaf em 2014?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Eu vim buscar um carro na casa do deputado Leonel, um Gol, que estava emprestado para Marcel.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Quando foi isso?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Humm...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Mais ou menos, não precisa ser o dia exato, nem a hora. O mês?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não entendi.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - O mês.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Há quanto tempo faz?

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não, o mês que foi. O mês.

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não me lembro, me perdoe.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - No final de 2014, o senhor disse?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. Acho que foi no começo de 2015 que vim retirar o carro.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sabe quanto tempo esse carro ficou emprestado aqui?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, senhor. Eu só vim buscá-lo, inclusive vim com Cassio e César. Fui à casa do deputado, peguei o carro e fui embora.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - E qual era o estado do carro? Como estava?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Deplorável. Não tinha estepe, absolutamente nada. Inclusive Cesar...

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Levaram o estepe ou porque usou mesmo, usou muito?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não, no carro não tinha. Não tinha estepe, não tinha chave de roda, não tinha nada. Estava totalmente batido, de todos os lados que o senhor possa imaginar.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Mais uma pergunta só, antes de dispensá-lo. O senhor ouviu em algum momento a citação, algum parlamentar, algum deputado, nas suas idas e vindas dentro da cooperativa?

O SR. LUIS CARLOS DA SILVA SANTOS - Não. O único deputado que eu ouvia falar é o deputado Leonel.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Está bom, obrigado. Mais uma vez, agradeço e lembro aos Srs. Deputados que temos alguns requerimentos para apreciar. Requerimentos:

Item 1 da pauta: requerimento dos nobres deputados José Zico Prado, Alencar Santana Braga e Luiz Turco. Requerimento nº 102, de 2016, requer o envio de ofício ao Dr. Paulo Dimas de Bellis Mascaretti, presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para solicitar os documentos relativos à investigação de pessoas com prerrogativa de fórum, da competência originária daquele tribunal, referente ao processo da denominada operação Alba Branca, inclusive as delações premiadas já homologadas pela Justiça.

Em discussão o requerimento. Não havendo oradores inscritos, está encerrada a discussão. Em votação. As Sras. Deputadas e os Srs. Deputados que estiverem de acordo com o requerimento permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, só uma questão. Já tem um pedido no plano de trabalho que foi encaminhado ao Tribunal. É isso?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Exatamente. É pedido de informações.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Ok.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Item nº 2, nobre deputado Alencar Santana Braga. Requerimento nº 116/2016, requer o envio à Secretaria Estadual de Educação solicitando as seguintes informações. Aí um rol de perguntas feitas à Secretaria, que todos têm acesso, e acho que não é necessário repeti-las.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, solicito vista.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Solicita vista do Item 2 da pauta. Concedida vista; é regimental.

Item 3 da pauta: requerimento do deputado José Zico Prado, do deputado Alencar Santana Braga e do deputado Luiz Turco. Requerimento 118, de 2016: requer o envio de ofício ao Núcleo de Gaeco, de Sorocaba, na pessoa da promotora de Justiça, Dra. Helena Cecília Diniz Teixeira Calado Tonelli, para que encaminhe a esta CPI cópia do PIC nº 08 de 2012, que cuida do suposto cartel, fraude e desvio de verbas públicas em

escolas estaduais e municipais, a partir do fornecimento de merenda, informação contida no Ofício 90, de 2016. Segue encaminhado a este Colegiado pelo secretário executivo do Gaeco, São Paulo, Dr. Amauri Silveira Filho.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Para discutir, queria saber qual é a finalidade com relação ao trabalho da CPI.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Numa das respostas que chegou à comissão, esse promotor afirma que tem um procedimento em curso em algumas regiões. E disse que tem trabalho pelo Gaeco de Sorocaba, que tem documentos já levantados. Seria então importante que viessem até nós para que saibamos do que se trata.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Mas não tem nada a ver com a nossa investigação.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Não, sobre a merenda.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Ah tá, ok.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Em discussão. Não havendo mais oradores inscritos, encerrada a discussão. Em votação. As Sras. Deputadas e os Srs. Deputados que estiverem de acordo com o requerimento permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Pela ordem, deputado Alencar Santana.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Sr. Presidente, antes do Item 4. Nós tínhamos combinado, na semana passada, a diligência. Eu entendo que não precisaria aqui aprovar esse requerimento, mas que fizéssemos esse apelo ao presidente do Tribunal, que encaminhasse essas informações para nós. Já está no plano de trabalho,

que foi aprovado, foi encaminhado e nós aprovamos o Item 1. O problema é que essas informações não estão chegando. Vejo então que não seria necessário aprovarmos esse requerimento, e aí peço a retirada, mas desde que haja compromisso de V. Exa. fazer gestão...

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Poderíamos agendar uma visita ao presidente do Tribunal. Não há nenhum problema. Esta Presidência vai solicitar que se faça o pedido.

O SR. ALENCAR SANTANA BRAGA - PT - Então peço a retirada.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Retirado, então, o Item 4. Passamos para o Item 5, do nobre deputado Barros Munhoz, Requerimento nº 120, de 2016: requer que a CPI proceda diligência “in loco” na Coaf, Cooperativa Orgânica Agrícola Familiar, cuja sede está instalada no município de Bebedouro, com o intuito de averiguar os documentos e procedimentos da referida cooperativa, quanto do desenvolvimento de suas atividades, bem como de coletar os dados necessários, ouvir testemunhas, ou efetuar qualquer procedimento afeto as suas atribuições, a fim de contribuir para com a persecução de seus objetivos.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Sr. Presidente, eu posso pedir vista?

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - Pode.

O SR. BARROS MUNHOZ - PSDB - Então solicito vista.

O SR. PRESIDENTE - MARCOS ZERBINI - PSDB - É regimental. Concedido o pedido de vista para Vossa Excelência.

Item nº 6 - Requerimento do nobre deputado João Paulo Rillo. Requerimento nº 130, de 2016, requer que seja oficializada à Jucesp para que envie cópia de todo o processo de registro de ata e alteração estatutária da Coaf, para esclarecimento sobre as fraudes à licitação revelada na operação Alba Branca.

Acho que não existe o registro, mas de qualquer forma, aberta a discussão. Não havendo oradores inscritos, está encerrada a discussão. Em votação o requerimento. As

Sras. Deputadas e os Srs. Deputados que estiverem de acordo com o requerimento permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado.

Item nº 7 - Requerimento do nobre deputado Alencar Santana Braga. Requerimento nº 146, de 2016, requer o envio de ofício à Global S/C Ltda - ME, CNPJ, para fornecer cópia dos documentos referentes ao livro-caixa, ou instrumento com o mesmo teor, onde conste toda a movimentação financeira, inclusive bancária da Cooperativa Orgânica Agrícola Familiar, Coaf.

Em discussão. Não havendo oradores inscritos, está encerrada a discussão. Em votação o requerimento. As Sras. Deputadas e os Srs. Deputados que estiverem de acordo com o requerimento permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado.

Item nº 8 - Requerimento do nobre deputado Alencar Santana Braga. Requerimento nº 147, de 2016, requer o envio de ofício à Global Assessoria e Consultoria em Gestão de Negócios S/S Ltda - ME, nº do CNPJ, para fornecer cópias dos documentos referentes ao livro-caixa, ou instrumento com o mesmo teor, onde conste toda a movimentação financeira, inclusive bancária da Cooperativa Orgânica Agrícola Familiar, Coaf.

Em discussão. Não havendo oradores inscritos, está encerrada a discussão. Em votação o requerimento. As Sras. Deputadas e os Srs. Deputados que estiverem de acordo permaneçam como se encontram. (Pausa.) Aprovado.

Para ciência, Item nº 9, resposta encaminhada a esta comissão entre os dias 22 e 26/08/2016, em conformidade com a solicitação contida nos Requerimentos nºs 95 e 96, seguintes municípios, afirmando a não existência de contrato com a Coaf e com a Agrosol. E aí a relação dos municípios: Bananal, Barra Bonita, Barra do Chapéu, Birigui, Bonsucesso, Itararé, Borá, Caiuá, Cândido Mota, Capivari, Cordeirópolis, Cosmorama, Cunha, Duartina, Engenheiro Coelho, Fernão, Ibitinga, Inúbia Paulista, Ipaussu, Ipeúna, Itajobi, Itaporanga, Itapura, Itaquaquecetuba, Jaú, Jeriquara, Macatuba, Maracá, Marinópolis, Mendonça, Monte Aprazível, Nantes, Nova Luzitânia, Paraguaçu Paulista, Paulistânia, Piacatu, Piedade, Piraju, Pirajuí, Pirapozinho, Populina, Porto Ferreira, Presidente Alves, Rancharia, Rio Claro, Salto de Pirapora, Santa Cruz das Palmeiras, Santa Salete, São João de Pau D'Alho, São José do Rio Pardo, São Miguel Arcanjo, Serra Azul, Socorro, Tatuí, Teodoro Sampaio e Três Fronteiras.

Afirmando a existência de contratos: Agudos com a Agrosol; Itatiba, Coaf; Guarujá, com a Agrosol; Orlândia, Coaf; Pederneiras, com a Agrosol; Porangaba, Coaf; e São Paulo, com a Agrosol.

Item nº 10 - Resposta ao Requerimento nº 104, de 2016, encaminhada pelo juiz, diretor da 2ª subseção Judiciária da Justiça Federal de Ribeirão Preto. Que me parece, que tem o mesmo teor, que o processo está com a Polícia Federal. É isso? Informo a todos que a resposta foi que não poderiam enviar cópias do processo porque o mesmo se encontra sob a guarda da Polícia Federal. Solicitaria que o deputado que sugeriu fizesse por escrito o requerimento de pedido de informações, para que a Polícia Federal mandasse cópia do inquérito para esta comissão.

Nada mais tendo a tratar, encerramos a presente reunião. Obrigado a todos.

* * *

- Está encerrada a reunião.

* * *